ELIS REGINA BARBOSA ANGELO

TECENDO RENDAS:
GÊNERO, COTIDIANO E GERAÇÃO
LAGOA DA CONCEIÇÃO – FLORIANÓPOLIS - SC

História Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social, sob orientação da Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos.

PUC/SP
2005

_____

_____

_____

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos com muita satisfação e anseios para os novos rumos e caminhos que ainda serão traçados ao longo de minha vida acadêmica.

Em especial à minha orientadora, que participou ativamente de todo desenrolar dessa trajetória; aos amigos e colegas da UNISA e da PUC-SP, que fizeram desse momento um novo objetivo alcançado.

Á Universidade de Santo Amaro que muito contribuiu para o desenvolvimento desta dissertação. Em particular, sou grata à Banca composta para o Exame de Qualificação, especialmente às Profas. Dras. Maria do Rosário Cunha Peixoto e Ivone Dias Avelino, que muito contribuíram para a dissertação.

Aos meus amigos Doutor Paulo César Garcez Marins, Doutor Haroldo Leitão Camargo que fizeram parte dessa trajetória. À minha família, em especial meu marido, André Schimming Smith Angelo, e minha irmã, Conceição Aparecida Barbosa, que muitas horas partilharam de conversas, discussões, brigas e momentos bons e ruins.

Não poderia deixar de agradecer à Casa dos Açores, que me recebeu sempre de portas abertas, à Casa da Memória, ao Professor Doralécio Soares e especialmente às minhas depoentes, que por meio de suas histórias fizeram desse trabalho algo tangível: Dona Silvia, Dona Norma, Dona Zuma, Dona Delorme, Dona Teresinha, Dona Elias Joaquina, Crisiane, Dona França, Dona Zaliá, Dona Célia, Dona Vani (Diretora do Casarão da Lagoa) e sua equipe de trabalho e às meninas aprendizes do Casarão.

Finalmente, agradeço à minha amiga Dolores Martin Rodriguez Corner por ter me acompanhado durante esta trajetória, sempre me apoiando e me amparando em todos os momentos. Obrigada.

Durante a trajetória desse trabalho, encontrei muitas pessoas que foram sendo verdadeiros espelhos para o desenrolar do meu crescimento intelectual. Assim, no caminho verifiquei que a dedicação, a persistência e a continuidade fizeram parte dos resultados.

Dedico este trabalho a todos os estudiosos do assunto, em especial aos que buscam entender as tradições enquanto algo nunca acabado e que, entre percalços e desafios, vão continuando como inscrições de nossas marcas ao longo do tempo.

TOQUE DAS RENDEIRAS

Sinto o toque das rendeiras
Da Lagoa da Conceição
Os seus bilros quando tocam
Batem com seu coração

Parece até brincadeira
De tanto toque que tem
Este toque das rendeiras
Faz a gente ficar bem

Sinto o toque das rendeiras
Da Lagoa da Conceição
Os seus bilros quando tocam
Batem com seu coração

Um brinquedo de criança
Se transforma numa dança
A dança do pau-de-fita
Num brinquedo que te agita

Sinto o toque das rendeiras
Da Lagoa da Conceição
Os seus bilros quando tocam
Batem com seu coração

Parece até brincadeira
Do Lagusta Laguê
Este toque das rendeiras
Que eu canto pra você.... La laia laia laia
la...

(Cantiga Folclórica)

RESUMO

O trabalho aborda a questão da tradição do “saber-fazer” renda de bilros por diferentes gerações de mulheres em diversos recantos da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, Santa Catarina, como elemento relevante da cultura material dos descendentes de açorianos. Investiga o movimento em que essas trajetórias foram inscritas como um processo no qual as diversas gerações de mulheres ora mantiveram, ora romperam com a tradição, promovendo uma reflexão sobre os momentos distintos de suas histórias de vida.

A investigação partiu do pressuposto de que as mulheres redefinem suas relações com as novas gerações e que existem questões externas que contribuem para transformar os valores calcados no trabalho artesanal.

A construção se deu a partir das entrevistas livres e temáticas com as mulheres rendeiras, que contam por meio de suas trajetórias as possibilidades e as visibilidades do trabalho com as rendas de bilros. Ao estudar as experiências de vida dessas mulheres, foi percebida uma redefinição da tradição ao longo do tempo como um trabalho feminino que foi reescrito e re-valorizado. Trata-se de compreender como se deram as mudanças e as permanências no decurso de sua história.

Palavras-Chave: Mulheres, Tradição, Trabalho e Geração.

ABSTRACT

The research approaches the issue of bilros lace tradition “know- how” throughout the study of different generations of women from several corners of Lagoa da Conceição in Florianópolis, Santa Catarina, as a relevant element of the Açorian descendents material culture. In attempting to investigate the movement where these courses were drawn as a process where several generations of women sometimes continued and sometimes gave up the tradition promoted reflection about the distinct moments of their history of life.

The investigation started from the premises that women redefine their relationships with the new generations and that there are external issues which contribute to transform the values inserted in the handcraft work.

The research was developed through free and thematic interviews with the lacemakers who reported through their trajectories of life the possibilities and visibilities of the lace work.

Studying these women experiences of life it was observed a redefinition of tradition along the temporalities as a female work that has been rewritten and revalued. It is concerned about understanding how the changes and permanencies occurred during their history of life.

Key-Words: Women, Tradition, Work and Generation.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....09

APRESENTAÇÃO.....11

INTRODUÇÃO.....19

I – IMIGRAÇÃO AÇORIANA: COMUNIDADES E CULTURA.....33
1.1 IMIGRANTES RUMO AO SUL DO BRASIL.....35
1.2 ASSENTAMENTO DOS AÇORIANOS.....42
1.3 FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES.....51
1.4 LEGADO CULTURAL VINDO DOS AÇORES.....66

II – LAGOA DA CONCEIÇÃO:GÊNERO E MEMÓRIA.....82
2.1 TRAJETÓRIAS FEMININAS.....83
2.2 ATRIBUIÇÕES DA MULHER.....95
2.3 COTIDIANO DO LAR: PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS.....106
2.4 TRABALHO E GÊNERO 123
2.5 GÊNERO E MEMÓRIA: LEMBRANÇAS DE OUTROS TEMPOS.....132

III – RENDAS: SIGNIFICADOS, PRENDAS E FUNÇÕES.....142
3.1 TERRITÓRIOS E CULTURA MATERIAL.....143
3.2 RENDAS: TRADIÇÃO E TRABALHO.....156
3.3 TRADIÇÃO E GERAÇÃO: UM PROCESSO EM DEBATE.....193
3.4 COTIDIANO, MEMÓRIA E TRADIÇÃO.....212

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....225

FONTES E BIBLIOGRAFIA.....230

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – “Rendeira, Vicente do Rego Monteiro”.....10

Imagem 2 – Roda de tear e almofada de Bilro.....11

Imagem 3 – “Rendeira do Centro da Lagoa”: Dona Normélia Barcelos.....22

Imagem 4 – “Rendeira Trocando os Bilros”: Dona Silvia Maria Vieria.....24

Imagem 5 – “Local de Trabalho”: Dona Francelina Dorvalina Martins.....26

Imagem 6 – “Rendeira ao Lado da Almofada”: Dona Zaliá Francisca Laureano.....28

Imagem 7 – “Rendeira Trocando os Bilros”: Dona Célia de Santana.....30

Imagem 8 – “Rendeira da Lagoa da Conceição”.....32

Imagem 9 – Pintura de rendeira no aeroporto.....33

Imagem 10 – Mapa. Localização dos Açores.....34

Imagem 11 – Mapa. Assentamento dos casais açorianos no Brasil.....43

Imagem 12 – Casa Térrea.....59

Imagem 13 – Sobrado.....60

Imagem 14 – Engenho.....60

Imagem 15 – Mapa. Localização dos recantos da Lagoa da Conceição.....62

Imagem 16 – “Rendeiras, E. Di Cavalcanti”.....81

Imagem 17 – Monumento dos bilros.....82

Imagem 18 – “Contos de rendeira”.....141

Imagem 19 – Monumento das rendeiras.....142

Imagem 20 – Equipamentos e Instrumentos da Renda de Bilros.....160

Imagem 21 – Modelo de confecção da renda de bilros na almofada.....166

Imagem 22 – Formas, Adaptações e Novas Aplicabilidades da Renda.....167

Imagem 23 – Formas, Adaptações e Novas Aplicabilidades da Renda.....168

Imagem 24 – Formas, Adaptações e Novas Aplicabilidades da Renda.....169

Imagem 25 – Casarão da Lagoa: Fundação Franklin Cascaes.....174

Imagem 26 – Aprendiz de Rendeira no Casarão da Lagoa.....179

Imagem 27 – “Homenagem às Rendeiras”.....188

Imagem 28 – Monumento dos Bilros.....190

Imagem 29 – “Contos de Rendeira”.....224

Imagem 30 – Renda de Bilro.....225

IMAGEM 1 – "RENDEIRA, VICENTE DO REGO MONTEIRO, SEM DATA, ÓLEO SOBRE TELA, 73 X 63 CM – RANULPHO GALERIA DE ARTE." IN: SANTA ROSA, NEREIDE SCHILARO. USOS E COSTUMES. SÃO PAULO: MODERNA, 2001. P. 15.

IMAGEM 2 – RODA DE TEAR E ALMOFADA DE BILRO.
AUTORA: REGINA BARBOSA ÂNGELO. 2004.

Os estudos sobre gênero emergiram a partir dos anos 60, em princípio sob os estudos da família, especialmente nas áreas de antropologia e sociologia, que refletiam a condição de subordinação da mulher. Após cerca de quarenta e cinco anos, estas pesquisas e reflexões ampliaram-se e ganharam espaço nos Estudos Culturais, abrindo a possibilidade de diálogos com outras áreas e sob diversas perspectivas.

Diante dessa abertura dos estudos de gênero, especificamente dentro dos estudos culturais, optou-se pela análise da confecção das rendas de bilros na Lagoa da Conceição, em Florianópolis, como uma tradição feminina que se perpetua desde a chegada das primeiras habitantes açorianas no local. Discute-se com relação às características e ao destino desta tradição, que está sujeita às mudanças e permanências visualizadas nesta localidade, dentro do processo de dinamicidade cultural .

A tradição de fazer renda de bilros remonta desde a chegada das mulheres açorianas ao Brasil e, em meio às mudanças, permanências, alterações e adaptações nas técnicas e nos instrumentos ao longo dos anos, se manteve até a atualidade como uma das características mais marcantes da identidade cultural dos seus descendentes. A produção artesanal das rendas de bilros no local parece ser uma das expressões mais características da cultura açoriana, exercendo importante papel na economia com relevante fatuidade histórica e cultural.

Sobre as relações estabelecidas entre as artesãs e o trabalho perpetuado por várias gerações de mulheres, pode-se dizer que as suas relações com o objeto não são apenas técnicas, mas também simbólicas, permeadas de utilidade e sentido social e cultural.

Essa tradição, juntamente com outras como as festas e folguedos populares, as danças folclóricas, a linguagem popular e o mito tornaram-se elementos que permaneceram por diversas gerações, mesmo com suas alterações e incorporações ao longo dos anos.

Analisar o processo no qual se inscreve essa tradição, privilegiando esta comunidade de mulheres por meio da História Oral[1], significou apreender vestígios de referências do passado e, respectivamente, o sentido dos elementos constitutivos das identidades. Dessa forma, as idéias partilhadas sobre as memórias das mulheres rendeiras da Lagoa e todo o entrecruzamento buscado em meio a outras categorias embricadas ao longo da pesquisa foram posicionados sob os estudos de memória.[2]

O artesanato da renda de bilros, enquanto manifestação cultural da comunidade que vive na Lagoa da Conceição, é descrito pelos detalhes envolvidos na produção e comercialização das rendas que também repercutem na construção das identidades.

Um dos objetivos desse estudo é examinar de forma indireta os impactos sociais, econômicos e culturais advindos das mudanças e permanências no modo de vida e nas representações culturais envolvidas na confecção das rendas, por meio do olhar das rendeiras dos recantos da Lagoa escolhidos como recortes espaciais: Canto, Costa, Barra e Centro. Focaliza-se, ainda, parte das apreensões do movimento que circunscreve nas gerações atuais.

Também se investiga este processo tradicional enquanto enfoque principal que permeou todo entrelaçamento de experiências de vida de mulheres rendeiras

---

[1] MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. *Interpretar o Patrimônio: Um exercício do olhar.* Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002. p.125.
[2] HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004. p.57-136.

escolhidas para a pesquisa, que, pertencentes à comunidade, esboçaram um quadro de referências em relação às demais rendeiras.

Assim, pretende-se apreender o movimento no qual estiveram inseridas estas mudanças e permanências não como dicotomias, mas como escalas multi-direcionais, inter-relacionando as histórias de vida com a temática das rendas em meio às novas concepções dos padrões de comportamento e dos avanços tanto na socialização da mulher, quanto nas novas perspectivas de vida, que ora incorporaram a passagem do "saber-fazer", ora descartaram-na, sendo discutidas sob as adversidades que entrecruzam todo o processo.

Nesta análise, procura-se vislumbrar também as perspectivas que este grupo indica direta ou indiretamente para o futuro dessa tradição. A construção da pesquisa orienta-se no universo de categorias que se entrecruzam com a tradição enquanto categoria principal e norteadora de análise do objeto proposto.

Por meio da pesquisa empírica, procura-se recuperar a trajetória desse grupo de mulheres por meio da história oral, propondo-se averiguar as transições que possibilitaram as mudanças e permanências dessa tradição, verificando principalmente como muitos desses traços culturais foram herdados e como se posicionaram entre as mulheres destes recantos, inseridas em diferentes temporalidades, espacialidades e territorialidades.

Ao optar pelas trajetórias de vida tendo essas mulheres como narradoras da história da tradição de fazer renda de bilros, e dada sua relevância, iluminou-se uma reflexão sobre como as influências culturais, econômicas e sociais determinaram os novos padrões que parecem ter interrompido uma tradição geracional feminina para transformá-la em uma alternativa de trabalho.

Ao determinar esse recorte temporal no qual se inter-relacionam as gerações e também os territórios onde vivem, resultou a articulação dos aspectos que influenciaram essas mudanças e permanências. A escolha desse recorte permeou a busca por influências externas de tempo, espaço e estrutura familiar que, de diferentes maneiras, propuseram as reações percebidas atualmente na tradição.

Nessas trajetórias, a questão da tradição pode ser visualizada como representação da cultura material, em especial feminina, sob a perspectiva da desconstrução ou ruptura de um condicionamento, uma vez que fazer rendas era uma atribuição feminina que simplesmente foi sendo passada por diversas gerações enquanto tradição e, ao mesmo tempo, era tida como um trabalho da mulher que servia como meio de subsistência ou uma forma de ajudar no orçamento doméstico. Dessa forma, apreender o movimento pelo qual essa tradição foi passada e tentar verificar o momento em que houve uma possível ruptura no "saber-fazer", merece ainda aprofundamento.

Os desdobramentos do objeto de estudo permeiam reflexões que abrangem categorias como as gerações, o espaço e o território envolvidos, o cotidiano, gênero e, em especial, as memórias por meio da história oral, que conforme as memórias de vida, também sob a perspectiva temática, busca-se sempre entender o processo metodológico enquanto uma abordagem histórica que "como um processo construído pelos próprios homens, de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, o sujeito histórico não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que fazem história culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente embricadas".[3]

[3] KHOURY, Iara Aun. *Narrativas orais na investigação da História Social.* Projeto História, São Paulo, n.22, junho de 2001. p.80.

Como aportes teóricos, são utilizadas, para discorrer sobre a questão da transmissão da arte e da técnica de confecção das rendas, as referências de tradição[4], enquanto uma invenção que tem a intenção de estabelecer a coesão social ou as condições de admissão de um grupo e também de incutir idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Apreendendo a idéia de que a tradição é uma invenção que pode ser modificada ou abandonada de acordo com as transformações das necessidades práticas, serão apresentados os resultados de como se deram essas transformações, mudanças e permanências ao longo das gerações.

Tomando a idéia de transformação, compreende-se que a tradição também pode ser percebida como um processo circular, que diante de duas ou mais gerações pode ser apresentada por uma dicotomia que, refletida em atos e ideais, por vezes se afirmam, por vezes se anulam. Dessa forma, constitui-se um diálogo, utilizando-se das teorias de cultura[5] de forma que as circularidades culturais sejam debatidas.

Utilizou-se um roteiro de pesquisa na primeira etapa das entrevistas para fortalecer a idéia de História Oral, temática na qual foram sendo incorporadas as categorias Cotidiano[6] e Gênero.[7] E, sucessivamente, foram abordadas outras categorias, como memória, imigração e trabalho.

As pesquisas sobre a imigração açoriana no Brasil e suas diversas conotações foram utilizadas para se tentar um posicionamento frente à formação das comunidades; dessa forma, algumas obras foram destacadas para essa construção que tratam especificamente dos problemas enfrentados pelos açorianos antes da

---

[4] HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições.* São Paulo: Paz e Terra, 1997.
[5] WILLIAMS, Raymond. *Cultura.* São Paulo: Paz e Terra, 1992.
[6] HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História.* São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.
[7] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura.* Bauru: EDUSC, 2002.

imigração e no percurso da viagem, bem como no assentamento dos casais que aqui permaneceram. Verifica-se como foi acontecendo a adaptação destes no local, as condições favoráveis e desfavoráveis para se instalarem e os costumes, hábitos e tradições da época.

Das problemáticas que giram em torno do trabalho e, em especial, da categoria gênero, foram utilizadas diversas obras sobre as mulheres, numa tentativa de cruzar nas temporalidades os processos históricos pelos quais se deram as variadas interfaces entre as construções sociais das mulheres da Lagoa. O referencial teórico a ser utilizado para a abordagem específica das rendas de bilros está nas diversas contribuições que analisaram os aspectos formais artísticos, como os estilos, as formas, as cores, sob a perspectiva da cultura material.

Os diálogos com Raymond Williams, Edward Thompson, Maurice Halbwachs e Stuart Hall foram prioritários para o estabelecimento das reflexões e posicionamentos teóricos. Assim, com o amparo desses referenciais, procura-se desenvolver a interface entre a renda de bilro como produto social e cultural e sua manutenção até a atualidade como tradição, tentando perceber como essa manutenção se deu nas esferas do cotidiano das gerações e quais foram as alterações e as adaptações pelas quais passou, tendo em vista também as possibilidades vislumbradas para o seu futuro enquanto tradição.

Salienta-se que todas as imagens utilizadas tiveram cunho ilustrativo e não foram analisadas como documentos.

Assim, a dissertação está configurada em três capítulos. O primeiro capítulo - **Imigração Açoriana e Mosaico das Rememorações** - aborda a imigração açoriana para o Brasil e sua relevância na criação das tradições incorporadas atualmente pela comunidade. Dessa forma, trata da chegada dos açorianos ao país, da sua

formação enquanto comunidade, com seus percalços e sentidos ao longo de sua trajetória de inserção na localidade, dos seus traços culturais e da introdução da tradição feminina de tecer renda de bilros.

No segundo capítulo - **Rendeiras da Lagoa da Conceição: memórias** - discuti-se as trajetórias das mulheres no mundo do trabalho, visualizando suas atribuições no decorrer das diversas temporalidades e retornando a uma cronologia temporal e espacial. Rememora-se também, por meio das falas das rendeiras, os "outros tempos" nas questões de gênero e trabalho, que pareceram as de maior relevância em suas histórias de vida.

No terceiro capítulo - **Tradições, Prendas e Funções** - trata-se da tradição feminina do "saber-fazer" da renda, seus significados, formas, estilos, cores e, principalmente, a utilidade do artesanato enquanto elemento da cultura material açoriana, tentando perceber modismos, gerações, sensibilidades no passado e no presente. Num segundo momento, busca-se entrar na vida cotidiana das mulheres, no intuito de apreender a divisão desse cotidiano nas temporalidades dentro da categoria trabalho.

INTRODUÇÃO

A pesquisa foi realizada, num primeiro momento, com sete mulheres rendeiras e donas-de-casa; uma diretora do Casarão da Lagoa e uma filha de rendeira. Num segundo momento, privilegiou-se uma nova fase de entrevistas, às quais somaram-se mais cinco, escolhidas pela sua inserção em quatro localidades diferentes denominados recantos da Lagoa, dentre eles o Canto, a Costa, a Barra e o Centro, que, por suas singularidades, parecem diferenciar cada grupo enquanto "estruturas de sentimento".[8] Assim, tentou-se perceber se essas mudanças e permanências fizeram parte de um cenário específico dos territórios[9], ou se foram formuladas de forma homogênea nas localidades.

Além da metodologia se voltar para o trabalho com as fontes orais, foram utilizados dados derivados de pesquisas em periódicos, jornais, documentos públicos e acervos de museus e de instituições, como a Fundação Franklin Cascaes, a Casa da Memória, o Centro Cultural Bento Silvério, o NEA (Núcleo de Estudos Açorianos), o IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis), além de publicações, teses e dissertações sobre os assuntos pertinentes à pesquisa em São Paulo e em Florianópolis, além de todo referencial teórico embricado nas discussões ao longo de sua configuração.

Sobre a questão da história oral[10] como instrumento de pesquisa sobre as trajetórias de vida das rendeiras da Lagoa da Conceição, no que tange especialmente à confecção das rendas de bilros, fica implícita a análise do contexto

---

[8] Das estruturas de sentimento abordadas, procurar-se-á uma interface entre os estudos de Raymond Williams com o "forte" sentimento de localidade inscrito pela própria rede de relações entre as comunidades visualizadas nos recantos da Lagoa que parecem demarcar cada uma delas.

[9] "Território deve ser entendido como um espaço constituído pela construção de sujeitos sociais". Ver: ROLNIK, Raquel. História Urbana: História na Cidade. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio. *Cidade e História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX.* Salvador: Fac. de Arquitetura, 1992. p.26-9.

[10] THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

familiar, que define o movimento das ações dos membros da comunidade parental,[11] entre permanências e mudanças, em meio a conflitos e também aceitabilidades do processo do "aprender-fazer" das rendas por diversas gerações de mulheres.

De acordo com as rendeiras da Lagoa escolhidas como depoentes, existem muitos laços sangüíneos entre a comunidade, já que muitas pessoas se casavam com parentes de segundo e terceiro graus, conglomerando, assim, uma diversidade de parentescos entre si.

Sobre a história familiar, especialmente do recorte escolhido para a pesquisa de campo com estas rendeiras, pode-se identificar algumas indagações que reforçam a questão da continuidade do processo de fazer rendas, pois:

> Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou a migração pessoal para uma nova comunidade. De modo especial, a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode até mesmo ir além de sua morte. Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história.[12]

Assim, os depoimentos escolhidos com maior visibilidade no trabalho estão inscritos a partir das vozes que contam as histórias das mulheres apresentadas.

---

[11] Foi trabalhada nesta fase a análise de duas gerações e servirá de parâmetro para a reconstituição das experiências vividas pelas gerações que se pretende trabalhar na pesquisa. LUCENA, Célia Regina P. de Toledo. *Refazendo Trajetórias: Memórias de Migrantes Mineiros em São Paulo. (Jardim Barbacena, 1960 – 1995).* Doutorado em História, PUC-SP, 1997.

[12] THOMPSON, Paul. Op. cit. p.21.

Imagem 3 – "Rendeira do Centro da Lagoa": Dona Normélia Barcelos.[13]

[13] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo.

DONA NORMÉLIA BARCELOS

Dona Norma tem 62 anos de idade, nasceu no Porto da Lagoa em 07 de julho de 1943, é brasileira, faz rendas desde os sete anos de idade e cuida da casa além do trabalho com as rendas. Casada desde 1965, possui dois filhos e um neto. A filha se dedica à pousada e ao restaurante que possuem na Lagoa e o filho é administrador de empresas. O marido, pescador aposentado, agora acompanha Dona Norma em sua loja. Sua mãe era rendeira e seu pai pescador. Fez até a 4ª série do 1º Grau. Acredita que as mulheres portuguesas trouxeram a arte de fazer rendas para o Brasil na época da colonização açoriana. Aprendeu a fazer rendas com a mãe, confecciona seus produtos na loja que possui na Avenida das Rendeiras nº 1796, onde também mora atualmente no Centro da Lagoa da Conceição. Concedeu diversas entrevistas em momentos distintos e várias conversas informais ao longo dos anos em que se deu a pesquisa. Das entrevistas, têm-se: 02 de novembro de 2001; 14 de janeiro de 2004; junho e julho de 2004.

Imagem 4 – "Rendeira Trocando os Bilros": Dona Silvia Maria Vieria.[14]

[14] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo.

DONA SILVIA MARIA VIEIRA

Dona Silvia tem 54 anos de idade, nasceu na Lagoa em 22 de março de 1951, é brasileira, faz rendas desde os cinco anos de idade e cuida da casa e das filhas além do trabalho com as rendas. Estudou até o 2º Grau, pretende continuar seus estudos. Casada, possui duas filhas que fazem faculdade e trabalham para ajudar no orçamento mensal. Acredita que as mulheres portuguesas trouxeram a arte de fazer rendas para o Brasil na época da colonização açoriana. Aprendeu a fazer rendas com a mãe, confecciona seus produtos na loja que possui na Avenida das Rendeiras nº 1772, onde também mora no Centro da Lagoa da Conceição. Concedeu diversas entrevistas em momentos distintos e várias conversas informais ao longo dos anos em que se deu a pesquisa. Das entrevistas, têm-se: 02 de novembro de 2001; 14 de janeiro de 2004; junho e julho de 2004, além de outras visitas informais ao longo dos anos de 2003 e 2004.

Imagem 5 – "Local de Trabalho": Dona Francelina Dorvalina Martins.[15]

[15] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo.

DONA FRANCELINA DORVALINA MARTINS

Dona França tem 72 anos de idade, nasceu na Lagoa em 09 de outubro de 1932, é brasileira, faz rendas desde os sete anos de idade e cuida da casa além do trabalho com as rendas. Nasceu no Canto da Lagoa, seu pai era comerciante e sua mãe rendeira e dona de casa. Aprendeu a fazer rendas com a mãe, confecciona seus produtos em casa, no Canto da Lagoa da Conceição, na Rua Laurindo J. da Silvia, nº 2554. Viúva, possui três filhos, uma mulher e dois homens e alguns netos. Nenhum de seus sucessores aprendeu a fazer rendas. Concedeu entrevista em 13 de janeiro de 2004 em sua residência.

Imagem 6 – "Rendeira ao Lado da Almofada": Dona Zaliá Francisca Laureano.[16]

[16] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo.

DONA ZALIÁ FRANCISCA LAUREANO

Dona Zaliá tem 78 anos de idade, nasceu na Lagoa em 11 de julho de 1926, é brasileira, faz rendas desde os sete anos de idade e cuida da casa além do trabalho com as rendas. Mora sozinha após o falecimento do marido e da mãe. Não aprendeu a ler ou escrever, seu pai era pescador e sua mãe rendeira e dona de casa.Aprendeu a fazer rendas com a mãe, confecciona seus produtos em casa, na Costa da Lagoa da Conceição. Possui quatro filhos casados. Não existe até o momento a continuidade do processo de tecer rendas em sua família para as próximas gerações. Concedeu entrevista em 09 de janeiro de 2004 em sua residência.

Imagem 7 – "Rendeira Trocando os Bilros": Dona Célia de Santana.[17]

[17] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo.

DONA CÉLIA DE SANTANA

Dona Célia, tem 68 anos de idade, nasceu na Lagoa em 11 de maio de 1937, é brasileira, faz rendas desde os sete anos de idade e cuida da casa e da filha além do trabalho com as rendas. Mora coma filha e o marido e aprendeu a fazer rendas com a mãe, confecciona seus produtos em casa, na Barra da Lagoa da Conceição. Sua filha não aprendeu a fazer rendas, portanto não há sucessão no aprendizado. Concedeu entrevista em 15 de janeiro de 2004 em sua residência na Rua Orlando Chaplin, nº 161.

IMAGEM 8 – "RENDEIRA DA LAGOA DA CONCEIÇÃO"- ARTISTA: VERA SABINO-ACRÍLICA SOBRE EUCATEX, 0,50 X 0,60 CM, FOTO DE ANTÔNIO MACEDO FASANO. FLORIANÓPOLIS, SC: FUNDAÇÃO CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS FRANKLIN CASCAES, PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. (CARTÃO POSTAL).

IMAGEM 9 – PINTURA DE RENDEIRA NO AEROPORTO.
AUTORA: REGINA BARBOSA ÂNGELO. 2004.

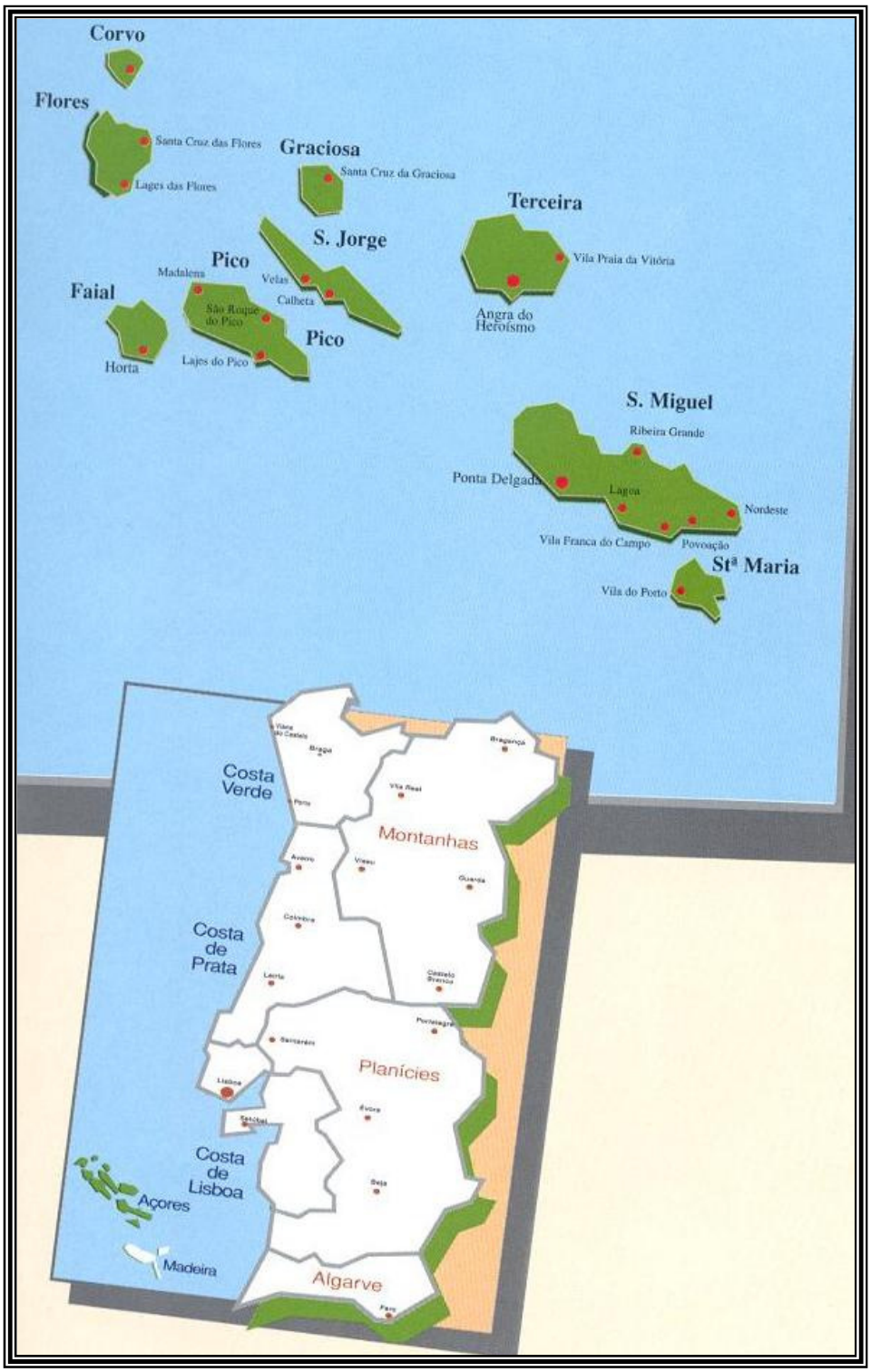


Imagem 10 – Mapa. Localização dos Açores.[18]

[18] LIMA, Rui de Abreu de; LIMA, Eglantine Morais de. *Artesanato Tradicional Português II. Açores.* Açores: Associação Industrial Portuguesa, 1996. p.13.

1.1 IMIGRANTES RUMO AO SUL DO BRASIL

Neste capítulo, pretende-se abordar a imigração açoriana para o Brasil e sua trajetória na inserção de novos moradores num contingente de povoamento e urbanização de Santa Catarina. Em especial, analisa-se a criação de freguesias, como é o caso da apresentação de Florianópolis, a fim de posicionar a concepção de traços culturais vindos dos Açores.

Na abordagem sobre as origens das rendeiras da Lagoa da Conceição, torna-se imprescindível relembrar um pouco da história dos açorianos. As ilhas açorianas foram descobertas no século XV pelos portugueses. Nesta época, os meios de transportes e, mais especificamente, as embarcações, paulatinamente, se tornavam motivos de descontentamento dos moradores das ilhas pela dificuldade de locomoção e pelo tempo que se perdia nas trajetórias. Além disso, a distribuição bastante desigual de bens propiciava diferenças sócio-econômicas que prejudicavam muitos açorianos.

O sonho de grande parte dos moradores das ilhas açorianas era possuir um pedaço de terra e poder cultivá-la, já que:

> O sistema econômico português não favorecia a abertura de manufaturas. Então, emprego na indústria não existia. Assim, principalmente em época de crise na agricultura, havia um excedente de mão de obra que via na emigração uma saída para a ruína em que se encontrava.[19]

[19] FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Povoadores da fronteira: os casais açorianos rumo ao sul do Brasil.* Florianópolis, SC: UFSC, 2000. p.8.

Há controvérsias na literatura açoriana sobre a emigração de sua população. Alguns argumentam que a ordem econômica, o solo vulcânico, o crescimento demográfico, entre outros fatores, refletiram apenas nas crises de alimentação, perpetuadas no século XVI nos Açores. Outros acreditam que estes fatores provocaram a emigração da população para o Brasil e outras localidades.

A precisão de povoar o sul do país e a necessidade constante dos açorianos emigrarem fez com que houvesse interesse das autoridades portuguesas em trazê-los para o Brasil.

> Uma provisão Régia, de 08 de agosto de 1746, anunciava: El Rei Nosso Senhor atendendo às representações dos moradores das Ilhas dos Açores, que lhe têm pedido, mande tirar d'elas o número de casais, que for servido, e transportá-los à América, donde resultará às ditas Ilhas grande alívio em não padecer os seus moradores reduzidos aos males, que traz consigo a indigência em que vivem, e ao Brasil um grande benefício em fornecer de cultores alguma parte dos vastos domínios do dito Estado: foi servido fazer mercê aos casais das ditas Ilhas que se quiserem estabelecer no Brasil de lhes facilitar o transporte e estabelecendo, mandando transportar às custas de sua Real Fazenda não só por mar mas também por terra até aos sítios, que lhe destinarem para as suas habitações.[20]

As indagações sobre as razões que levaram a Coroa Portuguesa a enviar os casais açorianos para o Brasil, incorporando várias correntes migratórias, ainda fazem parte das diversas discussões e reflexões acerca das políticas de territorialização. Em algumas argumentações, afirma-se que a ocupação de terras brasileiras era mais necessária que a emigração açoriana. Em outras, acredita-se que, por questões econômicas e políticas, as Ilhas Açorianas foram sendo

[20] Ibidem. p.39.

esvaziadas, ficando apenas os monopolizadores de terras e os que tinham carreiras diplomáticas de comércio exterior.

Afirma-se ainda que também havia aqueles que consideravam que no Brasil haveria melhores condições de vida, o que lhes permitiria a realização do sonho de enriquecimento:

> ...se os açorianos partiram para Santa Catarina em 1748, foi porque as condições de vida aqui eram muito adversas. Todavia, na época, a *miragem* brasileira tem alguma influência. Por quê? Porque entre uma grande chusma de necessitados nós vamos encontrar gente que do ponto de vista social e econômico não tinha necessidade de partir. Vemos alguns remediados, alguns nobres, burocratas, entre aspas, que se sentem atraídos pela miragem brasileira da riqueza e do bem-estar.[21]

Acredita-se que muitas promessas foram feitas para que os açorianos se dispusessem a emigrar para terras desconhecidas e a passar por uma longa viagem que, de certa forma, era arriscada.

Das variadas conotações sobre a emigração açoriana para Santa Catarina, se percebe que as exigências políticas e diplomáticas sempre são salientadas, independentemente da linha historiográfica que se utiliza. Na maioria das obras publicadas sobre os processos migratórios, se observa uma focalização nas questões que explicam os motivos de saída do país de origem e as oportunidades que se apresentavam no país de destino; este é um método tradicional de pesquisa. No entanto, com a apresentação dos estudos culturais, visualiza-se um quadro um

[21] CARUSO, Mariléia M. Leal; CARUSO, Raimundo. *Mares e Longínquos Povos dos Açores.* 3ªed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 1996. p.69.

pouco distinto, que tenta perceber novas abordagens que privilegiam o homem e suas circunstâncias no assentamento e depois deste.[22]

Conhecer um pouco mais sobre os motivos que levaram os açorianos a emigrarem para o Estado de Santa Catarina não é a preocupação deste estudo, ficando explícita apenas a necessidade de contextualizar a chegada e o assentamento destes imigrantes. Sendo assim, busca-se elucidar melhor a abordagem sobre o processo tradicional que se formou após a imigração, fazendo-se necessário, para tanto, retomar algumas circunstâncias que se apresentaram antes do assentamento dos açorianos na Ilha de Santa Catarina.

Na Provisão Régia de 1747, foram estabelecidas instruções detalhadas e sistematizadas sobre como as autoridades, agindo sob o comando do código de conduta moral e política, deveriam organizar e controlar os casais que chegavam.

> Desenha, inclusive o traçado urbano das vilas e lugares. Determina as atenções para com a distribuição e fornecimento de dinheiro, alimentos, ferramentas, apetrechos para o trabalho, etc. como seria uma ocupação organizada do espaço, arruamentos, traçados e outras questões pertinentes, as pessoas transportadas, que deveriam ser jovens, produtivas, reprodutivas e especializadas em alguma profissão, sendo artífices. Mandava cuidar do culto católico, fixando o tamanho das igrejas e vilas, com capacidade para abrigar sessenta casais.[23]

---

[22] **"Expectativas, aspirações, sonhos, desalentos e resistências culturais colocadas no cotidiano e no enfrentamento do dia-a-dia tornaram-se, assim, objetos de investigação, com histórias de vida constituindo-se em exemplos emblemáticos da epopéia dramática em que sempre se constituiu o ato de abandonar o conhecido e o familiar em prol do desconhecido e da solidão no além-mar." MENEZES, Lená Medeiros de. Jovens Portugueses: Histórias de Trabalho, Histórias de Sucessos, Histórias de Fracassos. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p.166.**

[23] PEREIRA, Nereu do Vale. *Contributo Açoriano para Construção do Mosaico Cultural Catarinense.* Florianópolis, SC: Papa-Livro, 2003. p.61.

As condições vislumbradas no momento do assentamento dos casais no Brasil não eram tão promissoras quanto eles imaginavam. Nas abordagens elaboradas sobre os açorianos em Santa Catarina, verifica-se uma certa "imagem negativa" quando se fala da caracterização desses imigrantes: "pessoas ligadas ao meio rural e pesqueiro com a criação de uma imagem de indolente, atrasado e analfabeto".[24] No entanto:

> Não se deve contudo ignorar, que alguns grupos de casais açorianos, levados pelo abandono, pelo isolamento geográfico e o não cumprimento de todas as promessas da Corte, feitas através da provisão régia de 1747, aliás, diga-se de passagem, que isto também aconteceu com grupos de colonizadores alemães e italianos, não puderam acompanhar o desenvolvimento e progresso que tiveram as demais áreas do Brasil Sul. Alguns ficaram mais pobres do que eram nos Açores. Nem mesmo escola lhes foi oportunizada![25]

O processo de assentamento e de crescimento, conforme descrito, sobretudo nas localidades rurais, determinou alguns traços visualizados nas famílias descendentes de açorianos. As oportunidades de trabalho e de posição social acarretaram as distinções sócio-econômicas e culturais. Assim, faz-se necessária uma reflexão acerca das próprias diversidades encontradas no processo de colonização que bifurcavam, em princípio, sob duas vertentes: uma que se referia às pessoas assentadas no meio urbano; e outra referente às pessoas que tinham menos instruções e recursos, sendo posicionadas nos meios rural e interiorano.[26]

---

[24] Ibidem. p.66.
[25] Ibidem. p.67.
[26] Sobre esta questão, o Professor Nereu do Vale Pereira faz um apanhado de colocações que diferenciam as pessoas assentadas: "quando se analisa todo o processo açoriano no Brasil Meridional, deve-se, de pronto, buscar duas formas diferentes de enfoques. Uma que se refira a vida urbana, que contava com pessoas letradas, intelectualizadas, como por exemplo as cidades de Florianópolis e Porto Alegre, e a do mundo rural interiorano, que não contou com pessoas instruídas ou de lideranças expressivas, e que na prática apresentaram fraco desenvolvimento". Ibidem. p.66.

No mesmo sentido, averigua-se que as condições dos açorianos instalados em Florianópolis também causaram uma distinção entre as áreas rural e urbana, favorecendo algumas desigualdades e privilegiamentos. Sobre a tradição geracional de fazer renda de bilros, partir-se-á da abordagem de assentamento dos açorianos no meio rural, uma vez que se verificou que sua inserção geográfica condiz com o assentamento dos casais na época da colonização da Lagoa da Conceição.

Sobre essa dicotomia rural-urbano, que também acarretou em algumas continuidades do processo das tradições, afirma-se que:

> Enquanto o açoriano urbano, especialmente nas cidades de Desterro, Laguna e São Francisco do Sul, puderam acompanhar o desenvolvimento mundial e evoluíram culturalmente, pois tinham escolas, comunicação, imprensa e contatos à disposição, os interioranos e rurícolas ficaram isolados e analfabetos, desprotegidos, desamparados politicamente, e à margem da visão do mundo e da cultura. Perderam a visão, sua memória histórica, inclusive de suas origens, e os horizontes do universal.[27]

Sobre essas diferenciações, pode-se dizer que a Lagoa da Conceição, pelo seu posicionamento geográfico, deveria ser descrita como área rural, apesar de ser um espaço litorâneo, pois possuía uma descrição voltada para aspectos de agricultura e pesca. Assim:

> A colonização na Lagoa da Conceição teve início em 1750 com a fundação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. Os seus moradores, segundo Várzea (1985), cultivavam roças predominantemente de mandioca, seguidas de cana, amendoim, milho e café; dedicavam-se à pesca; construíam suas casas de pau-

[27] Ibidem. p.91.

> a-pique barreado à mão; engenhos de farinha e moendas de cana; criavam animais e extraíam cal em caieiras ou casqueiras.[28]

Das idéias descritas sobre a formação das comunidades, que se divide entre um posicionamento urbano e rural, foram apresentadas algumas vertentes que se mostram preconceituosas quanto à questão do "desenvolvimento cultural" entre essas áreas, que, contudo, foram alocadas para ilustrar como se direcionaram as famílias em relação às suas posses e ao seu grau de instrução. Cabe ressaltar que não se caracteriza um posicionamento, mas uma demonstração de diferenças sociais dentro do grupo étnico. Assim:

> A perspectiva de uma colonização planejada, pela Metrópole, com distribuição eqüitativa de terras e bens, nunca se cumpriu. O resultado foi a formação de uma diferenciação social interna em que grupos de prestígio, portadores de títulos de nobreza, acabaram privilegiados na distribuição de terras, seja na extensão ou na localização.[29]

As diferenças encontradas no perfil das famílias parecem ter configurado também um estereótipo que serve, nesse contexto, para dimensionar o isolamento vivido pela comunidade que habitava a Lagoa da Conceição em seus diversos recantos. Evidencia-se, assim, que alguns elementos do processo das tradições[30], tais como a confecção de rendas, as festas e folguedos populares, o mito das bruxas e os festejos religiosos, formaram um legado cultural.

---

[28] KUHNEN, Ariane. *Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação.* Florianópolis, SC: Cidade Futura, 2002. p.29-30.

[29] LACERDA, Eugenio Pascele. *O Atlântico Açoriano: Uma Antropologia dos Contextos globais e Locais da Açorianidade.* Tese de Doutorado em Antropologia Social, UFSC - Florianópolis, 2003. p.132.

[30] Sobre esse processo tradicional, Eugenio Pascele Lacerda, em sua Tese de Doutorado, faz um apanhado de alguns autores que abordam a questão da tradição "enquanto um modelo consciente de modos de vida passados que as pessoas usam na construção de sua identidade". Dessa concepção, o que se utiliza na reflexão das tradições mantidas na Lagoa é a seleção de traços no presente que, com o conteúdo de alguns elementos do passado, vão sendo redefinidos e (re)significados em cada geração. Ibidem. p.157.

1.2 ASSENTAMENTO DOS AÇORIANOS

No assentamento dos açorianos, era um projeto da metrópole ditar as regras; sendo assim, as famílias foram estabelecidas dentro de critérios, considerados ordens régias que determinavam a administração nos ramos civil, militar e eclesiástico. Além disso, eram organizados e demarcados os pontos de assentamento, estabelecidos na região sul do Brasil.

> O governador deveria organizar povoados de 60 casais nos lugares que fossem mais apropriados. Cada sítio teria um quadrado para a praça, de 5000 palmos de face, numa das quais se localizaria a igreja. As ruas deveriam ser demarcadas a cordel e ter, pelo menos, 40 palmos de largura.[31]

Os açorianos chegavam à Ilha de Santa Catarina e, após a verificação das condições de vida, eram enviados para povoar pontos da Colônia próximos à ilha. São Miguel, São José, Enseada do Brito, Vila Nova, Laguna, Campos de Santa Marta e o Estado do Rio Grande do Sul foram alguns pontos de assentamento, assim como a Lagoa da Conceição. Mesmo com as condições oferecidas, era uma experiência importante a adaptação dos colonos na região. Sobre esse assunto, cita-se:

> Os historiadores da colonização açoriana em Santa Catarina insistem nas dificuldades que tiveram esses elementos na sua tarefa de adaptação. Sua incapacidade agrícola impediu-os de desenvolver suas possibilidades. É verdade que de início houve uma verdadeira febre de atividade. Derrubavam as matas, erguiam suas cabanas,

[31] Ibidem. p.56.

lavravam a terra. As lavouras tentadas foram a mandioca, o trigo, o linho cânhamo, o algodão, o açúcar.[32]

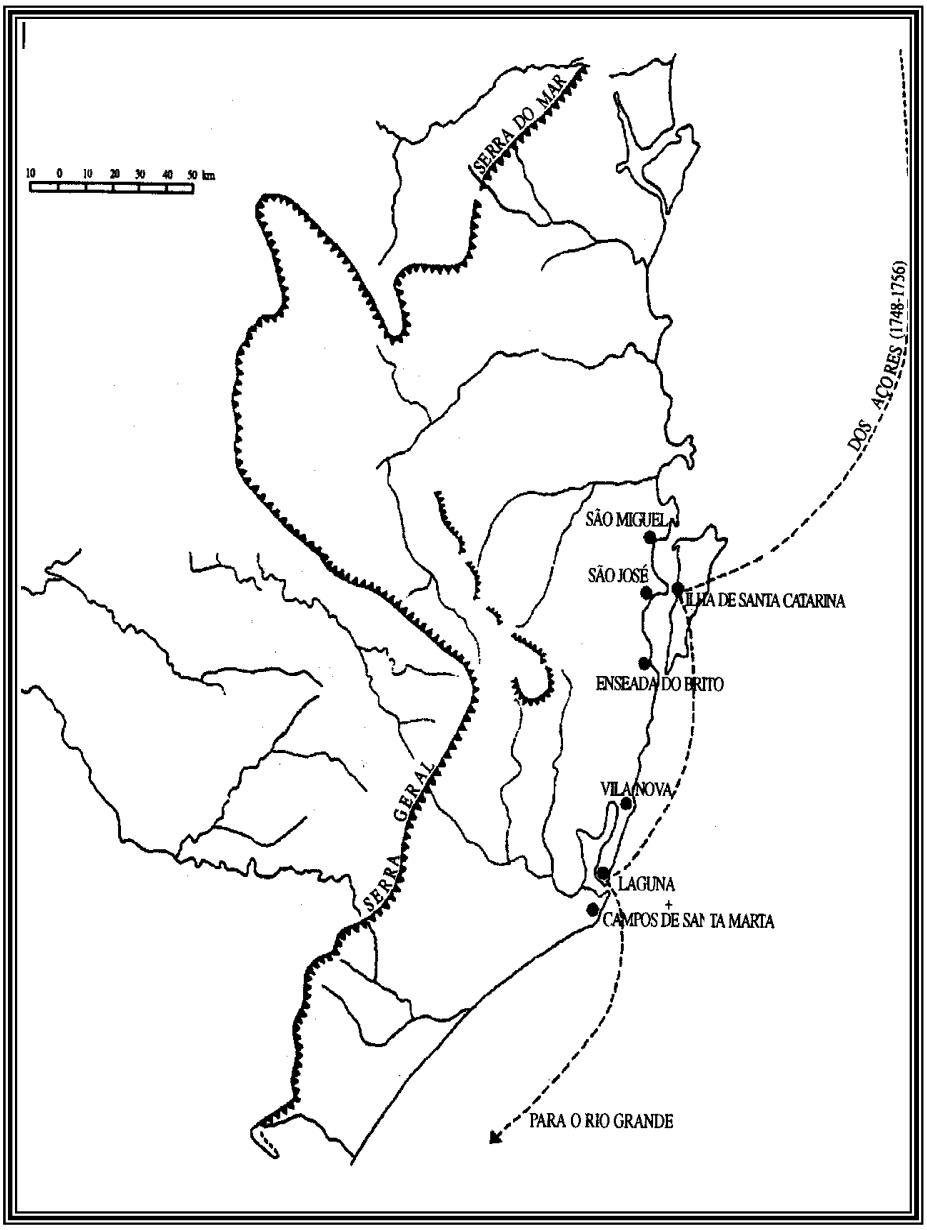


Imagem 11 – Mapa. Assentamento dos casais açorianos no Brasil.[33]

[32] RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira.* vol.2. Rio de Janeiro: CEB, 1947. p.108.
[33] PIAZZA, W. S. *Atlas Histórico do Estado de Santa Catarina.* Florianópolis, SC: Depto. de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, 1970.

A localização da Ilha de Santa Catarina e suas diferenças de solo e clima também parecem ter interferido nas relações dos açorianos com a terra a ser cultivada, de forma que alguns tipos de produção não prosperaram.

A Lagoa da Conceição está situada no centro da Ilha de Santa Catarina, no Sul do Brasil, com 19,2 km de extensão. Foi fundada como Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, no ano de 1750, com a chegada dos açorianos. Quanto ao assentamento dos casais na Ilha, estes se fixaram na Lagoa da Conceição, Morro do Antão, Trindade, Santo Antonio de Lisboa, Rio Ratones, Canasvieiras e Rio Vermelho.

O primeiro vigário a chegar ao local com os açorianos foi o Padre Manoel Cabral de Bittencourt. Em 1751, iniciou-se a construção da primeira igreja da Lagoa, a Nossa Senhora da Conceição. Assim, a Ilha foi, aos poucos, sendo povoada por novos contingentes imigratórios, tais como os de negros, que, desde o século XVI, foram inseridos no local como escravos.

A população de negros cresceu e a miscigenação se intensificou. A Lagoa, em 1810, tinha uma população total de 2.430 pessoas, dentre as quais 325 eram escravos, 98 escravas e 48 negros libertos. O assentamento desses grupos foi tomando rumo ao longo dos anos e espalhando-se por várias localidades, como Lages, Blumenau e muitas outras cidades da região.[34]

Os açorianos caracterizaram os habitantes da Lagoa, enquanto outros grupos se assentavam em diferentes locais. Após o assentamento dos açorianos, a vida e o trabalho foram paulatinamente se estabelecendo em pontos específicos do Continente e da Ilha, como detalha o texto a seguir:

---

[34] CARNEIRO, Glauco. *Florianópolis: roteiro da Ilha Encantada.* Florianópolis, SC: Expressão, 1987. p.101.

> São Miguel de Arcanjo, Barreiros e São José. Na Ilha de Santa Catarina, a distribuição dos casais foi feita inicialmente em torno da Vila de Nossa Senhora do Desterro e, posteriormente, em direção ao norte e ao sul. Os primeiros casais, ao que parece, foram localizados a oeste, nas encostas do morro que se chama hoje Morro do Antão e, ao leste, onde se formou a freguesia da Santíssima Trindade de Trás do Morro. Seguindo para o norte da Ilha, vamos encontrar Santo Antônio e Canasvieiras. Mais tarde, procurando o outro lado da Ilha, em frente ao oceano, encontramos Lagoa da Conceição e Rio Tavares; mais para o sul, Ribeirão da Ilha.[35]

O trabalho dos açorianos, que inicialmente voltava-se para a agricultura e a pesca, foi sendo redimensionado em razão da matéria-prima encontrada no país:

> Cultivavam o café, a uva, o algodão; fabricavam aguardente, açúcar, melado; exportavam alho, cebola, amendoim e gengibre para a capital; cultivavam o linho e o algodão que aqui mesmo eram tecidos em teares manuais. Há relatos sobre a existência de centenas de engenhos de farinha de mandioca em toda a sua extensão. Os homens sempre foram famosos pescadores e as mulheres, habilidosas rendeiras, entrelaçando com extrema velocidade várias dúzias de bilros.[36]

O trabalho não era o mesmo exercido nos Açores, onde o trigo era cultivado. No Brasil, os açorianos tiveram que aprender a cultivar a mandioca e o algodão, entre outros produtos do gênero alimentício.

As viagens desses imigrantes rumo ao Brasil ocorreram entre outubro de 1747 e novembro de 1753. Neste período, com sua chegada, houve um aumento populacional de 140%.

---

[35] FLORES, Maria Bernadete Ramos. Op. cit. p.57.
[36] BORGES, Elaine. *Vozes da Lagoa.* Florianópolis, SC: Fundação Franklin Cascaes e Fundação Banco do Brasil, 1995. p.20.

O primeiro navio vindo dos Açores ingressou em Santa Catarina no início de 1748, e o segundo em 1749. Os açorianos que conseguiram chegar ao Brasil não ficaram satisfeitos com o que encontraram em Santa Catarina, o que desestimulou novos colonos da mesma origem, informados sobre a vida no país. No entanto, nem tudo era desestimulante, já que as condições que esses imigrantes encontravam nos Açores não eram das melhores. Assim, o assentamento teve suas controvertidas visibilidades.

> Aos poucos, a vida foi tomando seu rumo. Pelo relatório do governador João Alberto Ribeiro ficamos sabendo que 20 anos depois, em 1796, a população da capital era de 3.757 habitantes, dos quais 2.652 brancos, 110 forros e 99 escravos e mais 1.027 militares.[37]

A Lagoa foi se expandindo com os novos habitantes que chegavam, mantendo-se, porém, em isolamento, devido à inexistência de rodovias e, principalmente, de pontes. Sobre esta característica, cita-se:

> Na Ilha de Santa Catarina havia, até 1926, um duplo isolamento. Primeiro, da ilha em relação à "terra firme". Segundo, do litoral com o planalto e caminho do sul, que levava o progresso às capitanias, províncias e estados vizinhos, considerando Santa Catarina quase uma escala entre São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Só em nosso tempo o segundo tipo de isolamento foi rompido, razão pela qual Florianópolis sofreu, em centenas de anos, a solidão e o subdesenvolvimento causados pela inexistência de rodovias que a colocassem em contato com o interior e a economia.[38]

[37] Ibidem. p.67.
[38] CARNEIRO, Glauco. Op. cit. p.167.

No início do assentamento, houve conflitos e dificuldades, mas, nos anos seguintes, a vida foi tomando seu rumo. Homens e mulheres acabaram aceitando as condições de vida encontradas no Brasil, pois não tinham a opção de voltar ou procurar outras possibilidades.

Ao longo dos anos, os açorianos dedicaram-se ao cultivo e perpassaram às próximas gerações suas tradições, estabelecendo, por meio de ensinamentos, as tarefas de seus filhos e filhas, sendo algumas calcadas nos traços culturais, outras adaptadas ao que foi encontrado na Ilha. As mulheres assumiram tanto o labor diário da agricultura quanto as atividades de casa. Criar os filhos, tecer rendas e cuidar da casa eram, entre outras, funções das açorianas e, mais tarde, também de suas sucessoras. Assim, com o passar dos anos, essas mulheres desenharam a função de rendeira.

Até meados de 1980, ainda havia recantos sem luz elétrica, água encanada, estradas e meios de transportes adequados. Estes foram alguns itens de infra-estrutura na Lagoa da Conceição responsáveis pelo isolamento de famílias inteiras com relação a outras que habitavam as proximidades, como é o caso do centro de Florianópolis. Este isolamento, por um lado, favoreceu a preservação dos traços culturais, mas, por outro, manteve famílias inteiras distantes dos avanços da urbanização e das mudanças cotidianas.

Hoje, após cerca de duzentos anos de colonização açoriana, os descendentes destes imigrantes cultivam suas origens e seus traços culturais. Na Lagoa da Conceição, as rendeiras orgulham-se de suas raízes açorianas e, nos dias 20, 21 e 22 de fevereiro, movimentam Florianópolis com a comemoração da colonização. Sobre as celebrações, algumas considerações podem ser evidenciadas:

> Pelos vários discursos proferidos, podemos afirmar que houve, na comemoração do bicentenário, um fenômeno de criação de memória. Aquele acontecimento de 200 anos atrás, do povoamento da Ilha de Santa Catarina pelos imigrantes açorianos, não tinha sido, até aquele momento, tema importante dos historiadores. A história da saga açoriana em meados do século XVIII ainda não havia sido escrita.[39]

A saga dos açorianos, quando foi escrita, deixou "falhas", evidenciadas no que se refere ao momento da chegada desses imigrantes ao Brasil, ao seu assentamento e às suas condições na atualidade. Não há registros dos acontecimentos históricos do período entre 1760 e 1900. Portanto, são 140 anos praticamente sem historiografia, mas que podem ser resgatados por meio das memórias dos descendentes dos açorianos e das histórias de vida que podem contar.

A primeira comemoração da colonização açoriana estimulou e abriu espaço para pesquisas sobre as origens e trajetórias desses imigrantes no Brasil. Por meio de estudos sobre a cultura luso-brasileira, observar as identidades do Estado de Santa Catarina passou a ser uma questão de posicionamento e de muitas discussões entre historiadores e antropólogos em congressos e seminários que abordam as raízes "lusófonas".

> Mas uma identidade catarinense era algo difícil de ser desenhada. O estado comportava uma multiplicidade de culturas étnicas. Apesar do esforço de amalgamar a diversidade cultural numa única – luso-brasileira –, os outros povos, bem ou mal, não abandonaram completamente suas tradições.[40]

---

[39] FLORES, Maria Bernadete Ramos. Op. cit. p.73.
[40] Ibidem. p.77.

Sobre a questão das identidades, existe uma complexa e vasta discussão que permeia os estudos culturais, especialmente sob a sua perspectiva de construções nunca finalizadas, em permanente processo de constituição. A concepção de identidade, enquanto algo que se articula entre o passado e o presente, pode ser percebida como práticas e experiências dos sujeitos que acabam por entremear-se em determinadas conjunturas históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais. Nesse sentido, a identidade pode ser concebida como algo que:

> ...pertence ao futuro tanto quanto ao passado. Não é algo que já existe, transcendendo lugar, tempo, história e cultura. As identidades culturais vêm de algum lugar, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, elas sofrem uma transformação constante. Longe de estarem eternamente fixas num passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo "jogo" da história, da cultura e do poder. Longe de estarem fundadas numa mera "reprodução" do passado que está esperando ser encontrado e que, quando encontrado assegurará nosso sentido de nós mesmos até a eternidade, as identidades são os nomes que damos às diferentes maneiras como estamos situados pelas narrativas do passado como nós mesmos nos situamos dentro delas.[41]

Apesar dessa percepção, em especial em condições diaspóricas, em experiências migratórias que são sentidas e absorvidas pelas pessoas que se deslocam, se alteram e mantém de alguma forma permanências que se ressaltam em seus traços, existem sempre adversidades; estas experiências são as diferenciações de formação das identidades.

---

[41] HALL, Stuart. Apud ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. *Cartografias dos Estudos Culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini.* Tese de Doutorado da ECA, USP, 1999. p.197. A autora faz uma análise dos estudos culturais e das questões que se referem à construção e reconstrução das identidades; assim, apresentou essa tradução de um texto de Stuart Hall.

Dentro dessa mesma linha de raciocínio, a percepção das identidades em constante construção vai sendo confeccionada por atores sociais e entremeada de condições desiguais. É, dessa forma, produzida e reproduzida em meio a adversidades, conflitos e manutenções, pela existência de tensões entre nacionalidades, etnias, gêneros, gerações e espaços.

Em Florianópolis, puderam ser observadas algumas mudanças relativas aos costumes e hábitos de seus habitantes, revelando conflitos, tensões e harmonias em seus trajetos que, aos poucos, foram conquistando meios de sobrevivência e se adaptando entre as várias etnias. Porém, devido à maior concentração de açorianos no local, foi a sua maneira de falar, cantar e andar, entre hábitos e costumes, que passou a predominar na Lagoa da Conceição.

1.3 FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES

Antes do aprofundamento da discussão sobre as rendas, as rendeiras e as tradições, fazem-se necessárias mais algumas colocações sobre a formação das comunidades e como se deram ao longo dos anos as mudanças e permanências no legado cultural vindo dos Açores. Para tanto, é importante perceber que, do posicionamento geográfico das famílias açorianas, construíram-se também suas maiores diferenças.

Nossa Senhora do Desterro, hoje denominada Florianópolis, era uma área portuária que centralizava o comércio da produção agrícola e manufatureira da região. Designava-se freguesia porque se organizava religiosa, urbana e politicamente até 1890, quando houve a separação da Igreja e do Estado.

A configuração das freguesias obedecia geograficamente uma cartografia tipicamente construída em torno de uma igreja e de uma praça, que se tornavam o centro de referência social e cultural, refletindo também a influência renascentista no processo de urbanização. Às paróquias, cabia registrar ocorrências e agir como polícia e justiça, uma vez que serviam como mediadoras disciplinares da “ordem e dos bons modos”.

Quanto às instalações dos açorianos, tem-se uma caracterização principalmente quando se trata do assentamento em meio rural, com maior dedicação à agricultura familiar e à pesca, como já abordado anteriormente. A pesca, até cerca de 1801, buscava capturar não apenas peixes e frutos do mar, mas também baleias. Esse tipo de trabalho fomentava a ida do homem ao mar com maior intensidade e com permanência de longos períodos, já que as baleias se encontravam em alto mar, demandando um maior distanciamento da Ilha.

> ... o ciclo da baleia (1746 - 1801) havia impulsionado os açorianos para o mar. Introduziram técnicas de salgamento e defumação do pescado, típicas do Atlântico Norte. Embora fossem pastores em suas ilhas de origem, aqui poucas condições tiveram uma vez implantado o regime de pequena propriedade.[42]

Além da pesca, a pequena produção manufatureira da farinha e a confecção de linho, tecidos, rendas, artefatos de barro, cestaria e madeira configuraram o universo de trabalho dos açorianos. Com o fim da pesca da baleia, alterou-se também o perfil dos comerciantes, que passaram a considerar a necessidade de outros produtos alimentícios provenientes do mar, como é o caso dos camarões e das ostras, entre outros.

As adaptações foram sendo estabelecidas conforme as necessidades dos moradores e as suas experiências. A configuração espacial da formação das comunidades merece atenção especial, pois influenciou experiências sociais que imprimiram uma feição singular às localidades e contribuiu para se vislumbrar como a cultura específica de subsistência foi banida. Dessas questões, pode-se dizer que:

> As freguesias aos poucos se desenvolveram voltadas para o mercado interno da colônia. A exploração de produtos agrícolas, especialmente a farinha, destinada ao abastecimento da população urbana, das tropas e embarcações em trânsito, associada à atividade pesqueira, aos poucos deu sentido econômico aos pequenos povoados.[43]

[42] LACERDA, Eugenio Pascele. Op. cit. p.132-3.
[43] Ibidem. p.133.

Os açorianos produziam para a manutenção da família e, quando necessário, colocavam à venda parte de sua produção em razão do suprimento de algumas necessidades, como a compra de querosene, sal e fumo, entre outros produtos. Trabalhavam sempre em família e dividiam as tarefas entre homens e mulheres, jovens e idosos. Dessa distribuição, salienta-se:

> Enquanto ao marido/pai cabia a organização da produção, à mulher/mãe cabia a organização do consumo (...). Em relação à organização social, observamos presentemente que, nas atividades coletivas como as pescarias com rede de arrasto, processamento da farinha de mandioca, mesmo preparação de festas e procissões e cantorias, verificam-se intensas redes de troca, na forma de rifas, sorteios, bingos e organizações temporárias de ajuda mútua, chamadas "sociedades".[44]

Pode-se perceber que, nas organizações estabelecidas entre os açorianos, havia um esforço familiar e comunitário que servia estrategicamente para a manutenção das necessidades diárias das comunidades. Além disso, a colaboração mútua promovia a organização social, que favorecia também as organizações políticas já estabelecidas que intermediavam favores em troca de futuro apoio político.

A formação de comunidades na Lagoa foi um posicionamento, em princípio, das condições financeiras e culturais, com o firmamento de experiências vividas por grupos e famílias que foram dando características específicas enquanto componentes culturais que, de certa forma, construíram uma identidade coletiva a cada localidade. Desenhava-se, assim, o que se pode chamar de territorialidade, cujos aspectos emergidos dessas construções, que hoje se verificam como

[44] Ibidem. p.134-5.

“recantos”, foram resultados das apropriações do espaço, sejam de cunho social, pessoal, histórico, religioso, ambiental ou ecológico.

Para a abordagem sobre a formação das comunidades, faz-se necessária uma reflexão acerca das questões que diferenciam território e espaço. Ao se pensar que, em um dado local[45], existe uma inserção de pessoas que formam um grupo específico, como é o caso da construção dos bairros, torna-se elementar diferenciar as conotações.

Os espaços podem ser considerados construções sociais que se demarcam dentro de um território, que, com maior abrangência, é organizado sob os mais diversos aspectos que o diferencia, seja sob o ponto de vista cultural, econômico, ecológico, social, político ou administrativo. Segundo a perspectiva de ordenamento das comunidades, tem-se:

> Pode-se ver a Lagoa como um microcosmo da cidade, no qual é possível observar e analisar as relações sociais, o lugar social e a dimensão comunitária. O modo de organização da comunidade, das formas de comunicação e dos mecanismos de integração e exclusão dos diferentes grupos no espaço urbano podem oferecer subsídios importantes às clássicas discussões em ciências humanas.[46]

Como as comunidades foram sendo formadas dentro dos espaços da Lagoa, seguindo um ordenamento de assentamento e de divisão de terras, foram propiciadas algumas salientes diferenciações. Dessas, observa-se:

---

[45] Quando nos referimos ao “local”, imaginamos um espaço restrito, bem delimitado, no interior do qual se desenrola a vida de um grupo ou de um conjunto de pessoas. Ele possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para os hábitos cotidianos. ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização.* São Paulo: Olho d’Água, 1996. p.58.
[46] KUHNEN, Ariane. Op. cit. p.31.

> Alguns dos bairros que se constituíram em freguesias da Ilha no passado, e que foram incorporados como periferias do centro urbano, eram, no início, habitados pela população ainda voltada para as atividades rurais e pelas classes trabalhadoras, que não encontravam condições para residir nas áreas centrais.[47]

Entre os bairros citados dentro dessa perspectiva de habitação de "classes trabalhadoras" ou de "populações de baixa renda", pode-se mencionar comunidades interioranas como Ratones, Vargem Grande, Vargem Pequena, Rio Tavares e Costa da Lagoa. Este último bairro, caracterizado por ser de difícil acesso, é um dos escolhidos para a pesquisa.

As questões de privilegiamento de algumas famílias, como foi o caso dos açorianos que se assentaram em área urbana, fizeram com que aumentassem as diferenças sociais atualmente percebidas, pois:

> O estudo da ocupação do espaço pelo homem, o espaço humanizado, cultural, mostra um verdadeiro "mapa", uma radiografia da diferenciação social. Os privilégios de classe, a discriminação de parte da população, estão perfeitamente retratados na ocupação do espaço. Nas áreas rurais aparecem mapeadas as estruturas fundiárias das diferentes regiões. Na ocupação dos espaços urbanos, as desigualdades sociais se refletem concretamente.[48]

Assim como a divisão dos espaços, que se fazia por classe, nesta época, se fazia notar uma certa diferenciação de conhecimento de valores. Especialmente na

---

[47] LAGO, Mara Coelho de Souza . *Modos de vida e identidade: Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina.* Florianópolis, SC: UFSC, 1996. p.60.

[48] Ibidem. p.58. Essas questões são pertinentes ao processo de urbanização da cidade de Florianópolis e o quadro apresentado referencia exatamente o que se percebe nas condições sócio-econômicas e culturais da comunidade que habita a Costa da Lagoa, que é um dos Recantos nos quais se desenrola a pesquisa com as rendeiras.

Lagoa da Conceição, tanto a especulação imobiliária do local, quanto o valor que se dava ao alimento, eram distintos do que hoje se verifica, pois, conforme indicado por uma das depoentes, a família poderia ter posses em número muito maior se não fossem intermediadas as trocas entre terrenos e gados. A própria noção do que era melhor para a família era distinta da que se percebe na atualidade, como verificado no seguinte testemunho:

> O meu avô da parte do meu pai era dono da avenida das rendeiras inteira... Aí o que eles fizeram naquele tempo (...) que não tinha valor. Chegava um sobrinho e pedia um pedaço de terra e ele trocava por uma saca de farinha, um boi, duas galinhas... E foram vendendo os terrenos... quando ele morreu e a gente já estava mais evoluído, foi vê que já tinha vendido quase tudo, aí cada um que tava num pedaço ficou... Ainda fiquei com 42 metros de frente... e esse pedaço do fundo. Todos aqui nesta avenida, tirando os comerciantes são parentes. Temos uma parentada por casa das terras do meu avô...[49]

Assim, verifica-se que as relações sociais eram estreitas e que os círculos de parentesco também eram responsáveis pelas construções dos espaços. Na avenida das rendeiras, segundo a entrevistada, verticaliza-se a existência de laços familiares. Percebe-se também que os terrenos que hoje não pertencem mais à família da depoente ou aos seus parentes, com a especulação imobiliária e a valorização por conta do turismo, parecem ter modificado a construção social do local, favorecendo a mudança dos vínculos familiares.

[49] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004.

Sobre a construção das casas, sobretudo nas localidades onde se observavam setores desprovidos de recursos, têm-se uma referência que, apesar de especulativa, apresenta certa pertinência:

> ... as primeiras casas dos açorianos eram cobertas de capim. Eu acredito que foi usado o mutirão, no começo da colonização, para se construir as primeiras casas que eram de chão batido, parede barreada e teto palhado. Não existiam aqui nessa época fábricas de tijolo, olarias...[50]

Se observada a construção das habitações, pode-se perceber uma diferenciação entre o ambiente rural e o urbano, promovida sobretudo pela própria inserção de contingentes humanos distintos em sua conjuntura social, econômica e cultural, conforme abordado anteriormente. Da mesma forma, as casas da Costa, da Barra, do Centro e do Canto seguiam diferenciações em sua construção.

Na Lagoa, todos os espaços eram tidos como rurais, em oposição ao centro de Florianópolis, que se configurava por uma estruturação urbana. Assim sendo, a formação rural de quase todos os espaços da Lagoa seguiam uma prática agrícola e pesqueira, com habitações, em sua maioria, feitas de barro.

Em 1981, no documento do IPUF - Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, elaborado com base no Projeto de Tombamento do Caminho da Costa da Lagoa da Conceição, de autoria de Cesário Simões Júnior, foram encontradas algumas descrições de como as casas eram construídas e como se diferenciavam:

---

[50] CASCAES, Franklin Joaquim. *Franklin Cascaes; vida e arte e a colonização açoriana.* Entrevistas concedidas e textos organizados por Raimundo Caruso. Florianópolis, SC: UFSC, 1981. p.33.

> 01. Casa térrea - geralmente de conformação retangular, é uma construção de alvenaria com base de pedra, fechamentos em tijolos e divisões internas em pau-a-pique...
> 02. Casa térrea com engenho - com uma tipologia semelhante à casa térrea, possui contudo, dimensões um pouco maiores e muitas vezes o engenho desenvolve-se na parte posterior, imediatamente após a casa, com paredes de pedra dividindo as duas edificações ou com um espaço de aproximadamente um metro entre elas (...).
> 03. O sobrado - é uma edificação mais rara na Costa da Lagoa. Bastante sólida com as paredes externas em alvenaria de pedra cuja largura aproximada é 90 cm. O telhado em quatro águas, pode apresentar acabamento trabalhado em peito de pomba favorecendo o caimento das águas (...).
> Quanto ao uso do lote destaca-se:
> - A eira para secar café - comum em quase todas as edificações, geralmente localizada na frente da casa.
> - Plantações próximas - nos arredores da edificação são cobertos por pasto seguindo-se as plantações que podem se estender até o morro. Observa-se que atualmente o cultivo da terra está bastante abandonado persistindo algumas roças de milho, mandioca, cana de açúcar e banana.[51]

Portanto, verifica-se que as construções no meio rural eram, em sua maioria, feitas de barro. Já as construções urbanas caracterizavam-se por possuírem dimensões reduzidas e por seguirem padrões estabelecidos, especialmente entre térreas, térreas com engenhos e, em menor número, sobrados.

[51] PUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. 6.1 – Tipologia Habitacional, Aspectos Construtivos e Uso do Lote. In: *Inventário Histórico/ Arquitetônico do Caminho da Costa da Lagoa.* IOESC 37830. Estas informações foram tiradas do Inventário Histórico/ Arquitetônico do Caminho da Costa da Lagoa, que além de ser constituído com base no Projeto de Tombamento do caminho da Costa da Lagoa, foi efetuado levantamento de campo nos meses de dezembro de 1984 e janeiro de 1985 e consultados os antigos moradores da Costa da Lagoa.

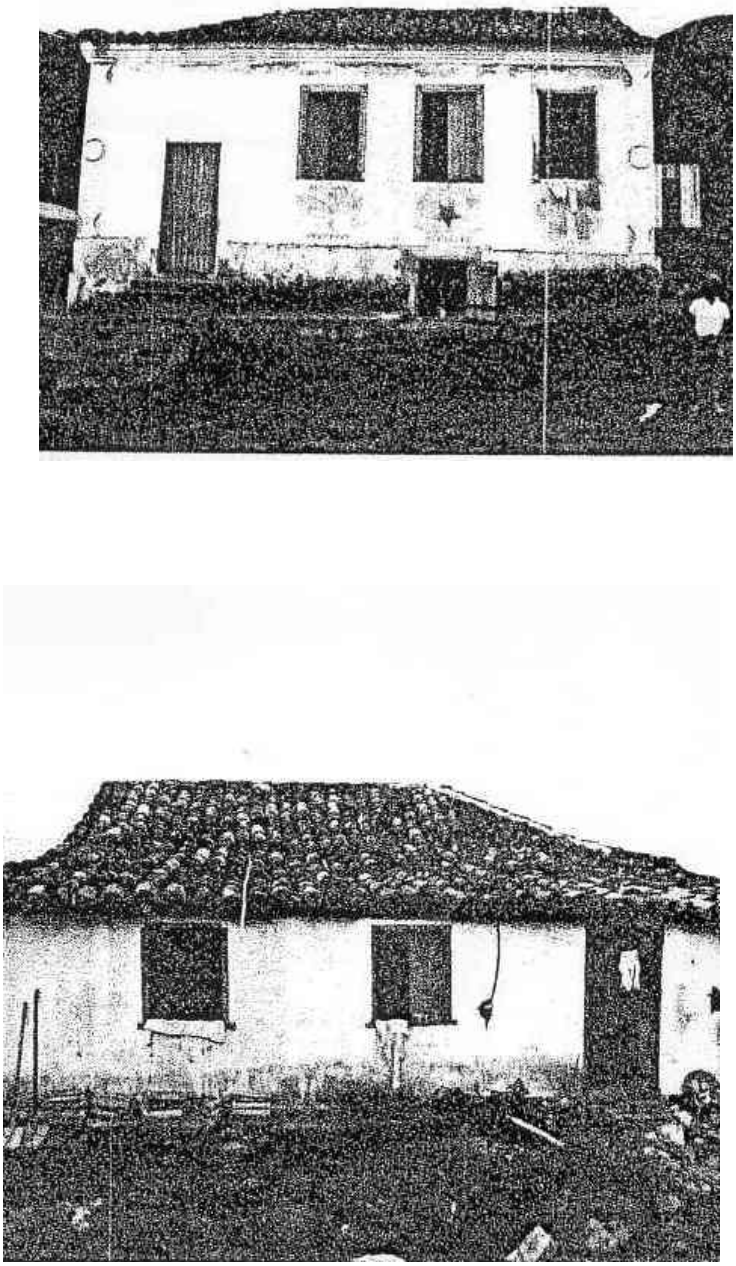


Imagem 12 – Casa Térrea.[52]

[52] Ibidem.

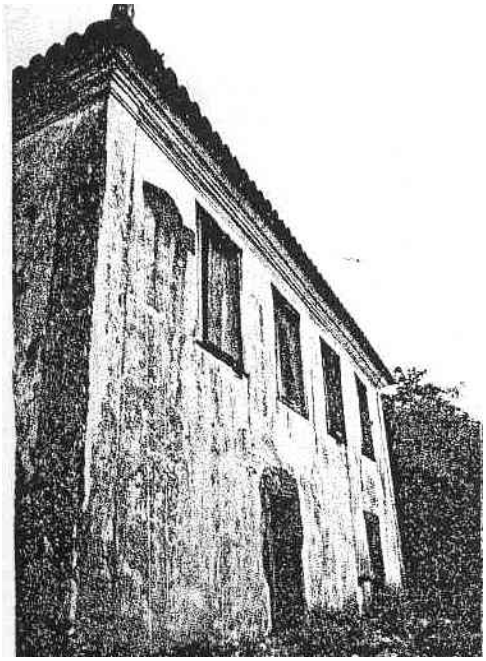
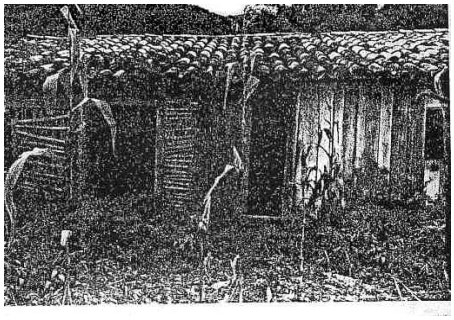


Imagem 13 – Sobrado.[53]



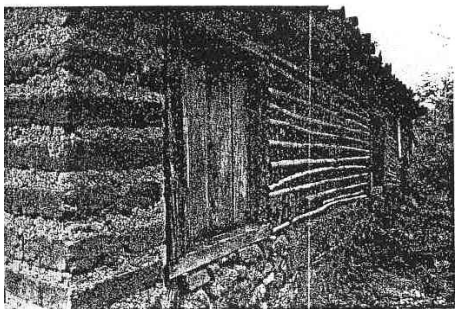


Imagem 14 – Engenho.[54]

[53] Ibidem.
[54] Ibidem.

Atualmente, as construções na localidade não seguem mais esses padrões. As casas que não foram demolidas, ao longo dos anos, foram sendo tombadas; entretanto, devido à falta de recursos para a continuidade da proposta, encontram-se, em sua maioria, em ruínas.

Outros aspectos que caracterizavam a população habitante do local foram divididos em quatro grupos: “Os Irmãos”, ou seja, os rapazes, “A Praia seca”, “A Vila” e “A Costa de cima”, que são, respectivamente, descendentes de portugueses, espanhóis e escravos africanos.[55]

A Costa da Lagoa foi primeiramente construída por redes de relações familiares e entre alguns grupos étnicos. As casas eram dispersas e seus moradores encontravam dificuldades de locomoção, já que suas habitações eram distantes de outros recantos. Além disso, a própria configuração geográfica desta região gerava óbices, e até hoje dificulta o acesso à área, na qual só se chega de barco, partindo do Centro da Lagoa e percorrendo um trajeto de 45 minutos, em média.

As comunidades escolhidas para a pesquisa foram a Costa, a Barra, o Canto e o Centro da Lagoa, por suas definições geográficas, sociais e culturais. Por este motivo, faz-se necessário diferenciar as diversas formações, sobretudo a formação das casas, que servem de base para a compreensão das condições em que os açorianos se instalaram e das configurações dos espaços.

O Canto, a Barra e o Centro da Lagoa possuem construções parecidas, o que parece ter se alterado ao longo dos anos foram as incorporações no modo de vida.

[55] Ibidem. “Características da População”.

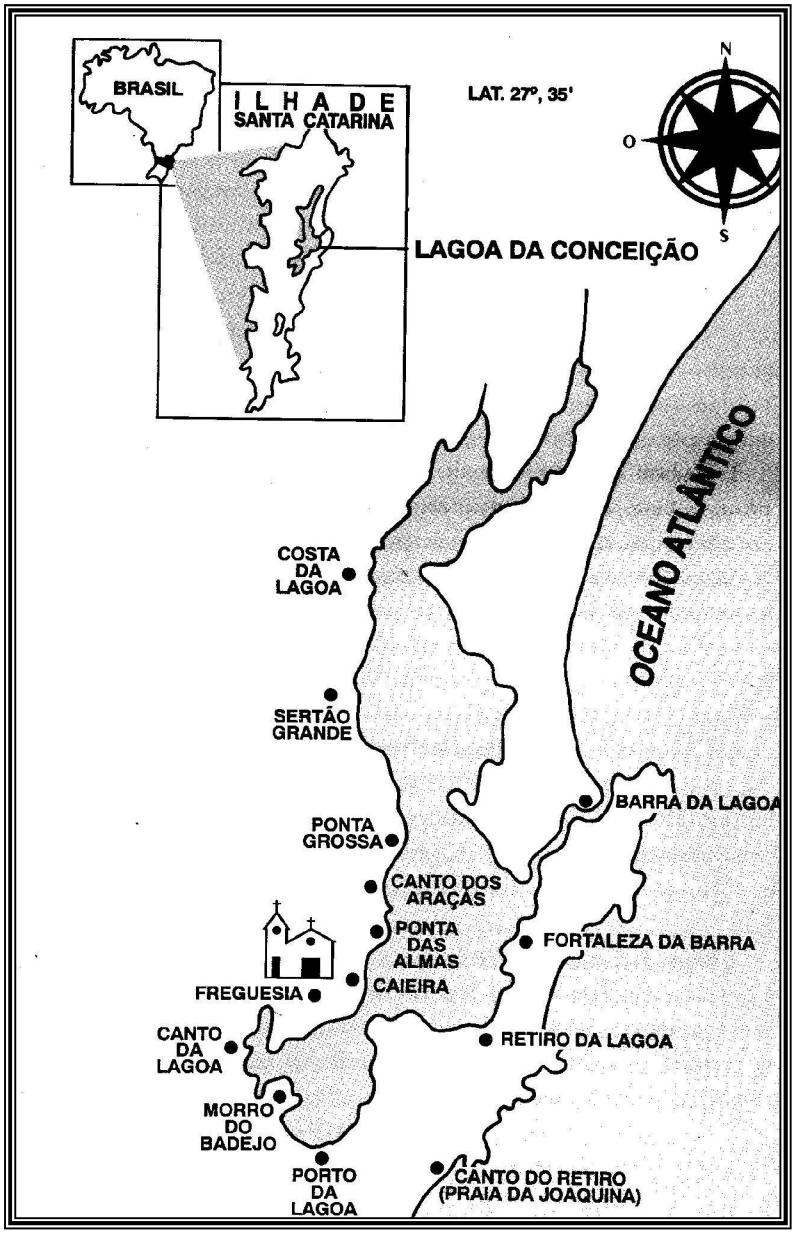


Imagem 15 – Mapa. Localização dos recantos da Lagoa da Conceição.[56]

[56] BORGES, Elaine. Op. cit. p.18.

Sobre as relações entre as comunidades – o Canto, o Centro, a Costa e a Barra –, tem-se:

> ...mesmo com o forte sentimento de localidade que demarca cada uma delas, as relações com as outras são bastante intensas, seja através do contato com os outros moradores, seja através dos deslocamentos de uma comunidade para outra.[57]

A Barra da Lagoa[58] possui suas singularidades, assim como os demais recantos, no entanto, o que parece diferencia-los são os modos de vida, uns com uma gama de elementos urbanos mais elaborados, como é o caso do Centro, onde o processo de urbanização foi amplamente difundido com o crescimento do turismo.

No que se refere às relações estabelecidas, nos depoimentos das rendeiras evidencia-se que as famílias mais antigas habitantes dos recantos se reconhecem com facilidade, pois, em algum momento do passado, mantiveram contatos por meios religiosos, sociais ou mesmo comerciais. Entre as rendeiras, é comum encontrar as que estudaram e brincaram juntas na infância, ou as que se conheceram na puerícia por outras razões. Isso facilitou as informações sobre como encontrar cada uma das entrevistadas.

Na atual territorialização da Lagoa, verifica-se que, nos últimos anos, os moradores têm vivido:

---

[57] MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias na Lagoa da Conceição.* Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993. p.15. Esta obra foi também apresentada como dissertação de Mestrado em Antropologia Social, na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1989.

[58] Sobre a configuração da Barra: " A Barra da Lagoa é uma antiga comunidade de pescadores da Ilha. Sua transformação se evidencia pela proliferação dos bares e restaurantes que oferecem frutos do mar, à beira da praia.As ruelas são estreitas e sinuosas e nelas se confundem as casas dos veranistas com as dos antigos habitantes, mais rústicas." LAGO, Mara Coelho de Sousa. *Modos de Vida e Identidade: Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina.* Florianópolis: Ed. Da UFSC,1996. p.44.

> um processo acelerado de mudança, com o deslocamento da atividade econômica central da pesca e agricultura de subsistência para o trabalho assalariado. Outro fator importante de mudança é o contato intensivo com uma "cultura urbana", a partir da pavimentação das estradas e da difusão dos meios de comunicação. Mas, no lugar de simplesmente desaparecerem nesse processo de urbanização, o que se pode observar até agora é que as características importantes da cultura local são reelaboradas e têm seus significados redefinidos.[59]

Da apresentação desse breve emaranhado de informações sobre a formação das comunidades, partir-se-á para as relações dos traços culturais e para as questões que permeiam as variadas e múltiplas redefinições e re-elaborações do processo cultural.

Das transformações no modo de vida dos recantos da Lagoa, tem-se:

> Apesar de sua formação rural, essa definição não se enquandra mais ao momento vivido pelqas comunidades. As atividades agrícolas e pesqueiras assim como a fabricação de farinha de mandioca nos engenhos, são hoje atividades acessórias e secundárias... ... com a implantação de um transporte público sistemático e a pavimentação das estradas – algo recente, de mais ou menos dez anos- , e com a rápida difusão dos meios de comunicação a partir da década de 70, o contato com uma cultura predimonantemente urbana é muito mais intenso e já faz parte do cotidiano dos moradores.[60]

---

[59] MALUF, Sônia. Op. cit. p.15. Sônia Maluf retrata nessa colocação as mudanças do Canto da Lagoa, local onde se desenrolou sua pesquisa. No que se refere às continuidades, as redefinições de cultura estão imbricadas no processo de "preservação cultural açoriana", que, de certo modo, é assumido pela comunidade de formas distintas e repletas de conflitos. Acaba ressaltando na memória a questão da identificação com o local e com a cultura de seus antepassados, formalizando o processo de pertencimento ao local e às raízes açorianas.

[60] Ibidem. 1993. p.15-6.

Além dessa inserção de infra-estrutura urbana, que desempenhou um papel de transformação nos modos de vida locais, percebe-se uma gradativa alteração com as facilidades e acessos aos produtos industrializados, que também fomentaram o processo de transformação atualmente percebido nos recantos.

Após verificar as experiências e o modo de vida açorianos nos anos que procederam a sua inserção no local, pretende-se analisar como as comunidades foram sendo formadas em contingentes que levaram em consideração a posição geográfica das instalações, as culturas alimentícias e os meios de subsistência, dos quais foram sendo absorvidas experiências. Dessa forma, houve a possibilidade de algumas famílias emergirem socialmente, apesar de outras terem continuado a conviver com antigas formas de organização, como parece ser o caso de determinadas localidades ainda nos recantos da Lagoa.

1.4 LEGADO CULTURAL VINDO DOS AÇORES

A expressividade de alguns traços que caracterizam os açorianos, ao longo dos anos, foi sendo incorporada a uma imagem que hoje faz parte de uma "cultura açoriana"[61], construída sob uma trajetória de percalços e divergências, que projetaram distintas visibilidades.

As imagens criadas sobre as características dos moradores de localidades insulares nem sempre tiveram conotação positiva. Pode-se dizer que algumas foram até "grosseiras", mas integraram o universo praiano e tiveram uma cronologia que também fez parte de universos distintos de ordem social, política e cultural. Uma das questões a esse respeito refere-se à imagem de "praiano indolente", que teve repercussão primeiramente com a modernização sanitária da cidade de Florianópolis, em 1920, com a apresentação de um discurso higienista[62] que atribuía códigos de conduta para a população e diferenciava, de certa forma, o homem culto e educado do homem rústico e "sem educação".

Concomitantemente, tinha-se o papel da Igreja, que contrariava algumas condutas dos praticantes de uma cultura popular religiosa. A idéia era agir contra as resistências, o que era percebido principalmente nos discursos eclesiais que tentavam impor o processo de romanização da Igreja e distanciar a população das tradições luso-brasileiras.

Algumas expressões pejorativas, como "Manezinho da Ilha", foram utilizadas por novos moradores da Ilha, em especial italianos e alemães, que demonstravam

---

[61] "A expressão 'cultura açoriana' indica hoje um modo de designação, corrente na opinião pública de Santa Catarina, para tudo o que se refere à identidade, às tradições, memória oral e escrita, herança cultural, ao estilo de ser, as festas e manifestações folclóricas das populações descendentes de açorianos que habitam as regiões litorâneas do Estado." Ibidem. p.84.

[62] O discurso higienista abordava códigos de conduta para a população desde aspectos de higiene pessoal até condutas sociais de como andar, falar, posicionar-se e apresentar-se publicamente. GERBER, Diana. O saneamento em Florianópolis: projeto de modernização e estratégias de poder. In: *Revista Esboços.* vol.6. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, SC: UFSC, 1998.

preconceito em relação à pessoa rústica, que tem um jeito de falar e de se vestir diferente, e é pouco adequada aos hábitos citadinos. Isso fez com que os habitantes do local se sentissem envergonhados do seu modo de ser açoriano. Surgiram, então, algumas iniciativas, como é o caso da fundamentação das entidades que buscam ressaltar a cultura açoriana e os traços dos seus descendentes.

Dessa forma, houve, em meados do século XX, uma nova preocupação com o discurso culturalístico, cuja intenção era diferenciar a cultura açoriana da cultura alemã, que parecia fortalecer-se na região. Essa preocupação gerou uma visibilidade capaz de reconstituir as raízes açorianas, como é o caso dos traços do homem açoriano:

> No leque das características do homem açoriano, dentre insularidade, perseverança, dedicação, afabilidade, saudade, nostalgia, atavismo, esperança, introspecção, tradicionalismo, contemplação, temperança, musicalidade e religiosidade...[63]

Surgiram, nesse contexto, variadas maneiras de ressaltar as identidades dos açorianos, para mudar uma caracterização efetivada em diversos momentos e sob perspectivas que, certamente, não buscavam enaltecer os traços açorianos, e sim, de certa forma, rebaixá-los.[64] Tais iniciativas fizeram surgir o culto à cultura açoriana, que hoje pode ser verificado em Florianópolis e que busca revalorizá-la.

---

[63] PEREIRA, Nereu do Vale. Op. cit. p.41.

[64] Em sua tese de doutorado, Eugenio Pascele Lacerda apresenta o depoimento de um professor açorianista que relata a questão do envergonhamento do descendente de açoriano pelos seus traços, o que também foi um dos motivos da criação do processo de afirmação da identidade açoriana. Dentre algumas posições sobre essa questão, foram criados o NEA - Núcleo de Estudos Açorianos, o Troféu "Manezinho da Ilha", entre outras entidades, organizações e instituições que possuem um cunho culturalístico. Ver: LACERDA, Eugenio Pascele. Op. cit.

Com os crescimentos urbano e turístico e a balnearização das praias, houve, a partir da década de 70, a necessidade de evidenciar as tradições, os traços e os demais elementos da cultura açoriana, com uma nova preocupação: a de preservá-la.

Sobre essas trajetórias da imagem criada com o intuito de evidenciar a cultura açoriana, indiferentemente dos interesses pelos quais os diversos processos eram apresentados, tem-se um emaranhado de elementos que configuram atualmente as tradições[65] açorianas.

Concorda-se que toda tradição é uma invenção coletiva que, de certo modo, tem o intuito de manter um elo com o passado, caracterizando grupos e comunidades e os diferenciando de outros com os quais existe contato. No entanto, as tradições reconhecidas hoje em Florianópolis e em maior abrangência no Estado de Santa Catarina, se perpetuaram até a atualidade sem necessariamente possuir vínculos com os interesses políticos da região.

Acredita-se que, após a veiculação de uma imagem turística que chegou para transformar a economia local, se intensificou a necessidade de manter toda e qualquer tradição açoriana. Dessa forma:

> Quem visita hoje a Ilha de Santa Catarina ou mesmo o litoral do Estado e perguntar a um nativo como ele se identifica e qual sua origem, encontrará respostas muito comuns como estas: - “eu sou manezinho!”, “sou açoriano”! Se abrir os jornais locais, verá

[65] Entre essas tradições, percebe-se o que Hobsbawn e Hanger chamam de tradição inventada, ou seja, a criação de práticas que visam inculcar valores e normas através de repetições que, de natureza ritual ou simbólica, formam um elo entre o passado e o presente. Ao mesmo tempo, cabe rever o processo tradicional de alguns elementos considerados identitários ao longo dessa trajetória, da mesma forma com que foi feito ao perceber os movimentos pelos quais a preocupação com a cultura açoriana se deu ao longo dos anos. HOBSBAWN, Eric; HANGER, Terence. *A Invenção das Tradições.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.9.

> expressões como “cultura açoriana”, “arquitetura açoriana”, “folclore açoriano”. Se procurar mapas ou roteiros turísticos oficiais do Estado, lá encontrará o ícone de uma rendeira, simbolizando a região litorânea...[66]

Hoje, os traços culturais açorianos, que antes eram identificados por outros grupos étnicos como tradições e modos de vida desconhecidos, são divulgados por meio de um aglomerado de cartazes, que objetivam vender uma cultura tida como diferencial, especialmente devido à contextualização econômica e ao crescimento do turismo no local.

Nessa criação de uma imagem de homem tradicional, de homem do litoral que imageticamente produzira um passado memorável em Santa Catarina, tem-se uma questão de visibilidade dos meios intelectuais catarinenses, pois:

> Tratava-se de produzir uma memória como suporte da identidade cultural do homem açoriano e foi este o esforço realizado nas décadas seguintes, num processo que poderíamos chamar de agenciamento tradicionalista da história catarinense e que se diversificou nas missões e descrições dos folcloristas da Comissão Catarinense de Folclore, em textos de história regional dos historiadores documentalistas do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e nas narrativas do romance regionalista dos escritores abrigados na Academia Catarinense de Letras.[67]

Assim, percebe-se um sentido de politização da cultura açoriana, que, ao mesmo tempo, passou a ser vislumbrada como algo rentável, devido à própria configuração econômica que se deu. Havia também, de certa forma, uma tentativa de retomar as raízes açorianas, desenvolvendo uma afinidade com os traços que os

[66] LACERDA, Eugenio Pascele. Op. cit. p.87.
[67] Ibidem. p.91.

caracterizavam, para que fosse assumida a forma de pertencimento e identificação, agora com orgulho.

Uma outra posição no que se refere aos direcionamentos que simbolizam as identidades regional ou étnica pode ser percebida como uma monopolização do poder de se fazer valer, conforme apontado:

> As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer reconhecer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade do grupo.[68]

Assim, pode-se perceber como as manifestações da cultura açoriana foram sendo construídas e reconstruídas ao longo das gerações, seja por meio da necessidade de se fazer valer em meio a outros grupos étnicos, seja por uma questão de continuidade coletiva.

Para gerar repercussão, foi salientada pelos meios de comunicação uma série de elementos que podem ser considerados constituintes das manifestações culturais açorianas:

---

[68] BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico.* 7ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.113.

> O ciclo do divino, farra do boi, boi de mamão, ternos de Natal, Ano Novo, reis, Santo Amaro e São Sebastião, luto e coberta d'alma, teares e roupas rústicas, procissões dos passos, engenhos, pão-por-Deus, pasquim, ratoeria e danças de roda, gastronomia do peixe e sopa de couves, renda de bilros, olaria, entrudo, lendas e mitos, lanchas baleeiras, introdução do figo, cevada, laranja, cana-de-açúcar, uva, couve, trigo e temperos.[69]

Dessas manifestações culturais elencadas, percebe-se que existe uma disseminação de especificidades, pois, na Lagoa da Conceição, nem todas são tidas como características da tradição açoriana. Seria, no entanto, polêmico questionar a veracidade das tradições ou identificar como elas são reconhecidas como inventadas. Nesse sentido, basta a verificação do que é aceito por dadas comunidades e qual a sua aplicabilidade por elas.

A questão da funcionalidade das tradições implica num reconhecimento dos cenários que compõem a cultura e as identidades. Cria-se, assim, um mosaico de elementos que diferenciam os descendentes de açorianos e que veiculam uma nova imagem, no intuito de delinear questões de pertencimento e de sentimento.

Para complementar a análise sobre como as "tradições açorianas" foram, ao longo dos anos, sendo moldadas, faz-se necessária uma reflexão acerca do paradoxo que contrapõe imagens criadas, objetivando essencializar uma cultura e a preocupação com o reconhecimento de identidades. Esse processo faz com que haja, de certa forma, um posicionamento. Cabe ressaltar que, o propósito do presente estudo é observar o movimento pelo qual a tradição feminina de tecer renda de bilros foi, ao longo de diversas gerações, sendo (re)criada e (re)dimensionada pelas mulheres rendeiras da Lagoa em recantos diferentes.

---

[69] Ibidem. p.101.

Nesse contexto, percebe-se que as intenções de manter ou extinguir uma obrigatoriedade geracional posicionou-se de maneira irregular, sinuosa e entremeada por interesses individuais e coletivos que fazem parte de um universo maior de elementos difundidos também pela "cultura açoriana". Tais elementos foram, nos vários momentos históricos, sendo re-elaborados pela própria dinâmica cultural, não sendo indiferente das posições políticas e administrativas do local. Entretanto, o movimento desse processo, que é uma tradição cultural feminina, se interliga a uma ordem de acontecimentos que, de certa forma, regiam as continuidades e descontinuidades das ações.

Antes de partir para a busca de um melhor entendimento desse movimento, faz-se necessário entender um pouco mais sobre a formação das tradições que inscreveram o legado cultural vindo dos Açores:

> ...pode-se observar que os componentes culturais, que dão uma identidade coletiva aos nativos, firmam-se em circunstâncias vividas e que podem ser interpretados dentro do que se conhece na literatura pela noção de territorialidade. Os discursos destes demonstram como a Lagoa da Conceição tornou-se um território em torno do qual se formou uma coletividade portadora de um discurso, que por sua vez se consagra, emergindo numa diversidade de aspectos sobre um mesmo espaço, denunciando diferentes apropriações, sejam elas pessoais, históricas, religiosas, ambientais, produtivas ou políticas.[70]

Nos discursos tidos como coletivos, nota-se uma incorporação de valores religiosos, com festividades e folguedos típicos, como é o caso da "Farra do Boi". As festas

[70] KUHNEN, Ariane. Op. cit. p.110.

religiosas, a pesca e a confecção da renda de bilros são consideradas pelos açorianos como os elementos mais presentes de sua cultura no local.

O termo cultura pode ser entendido como algo conflitivo e em constante re-formulação, assim:

> Uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominantemente assume a forma de um "sistema". E na verdade o próprio termo "cultura" com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro de um conjunto.[71]

Sob a perspectiva de cultura apresentada, refletir sobre os conflitos e as harmonias que os elementos da cultura açoriana assumiram ao longo da formação das comunidades que habitam a Lagoa não requer pensar em um "consenso" coletivo dos habitantes. Contrariamente, deve-se pensar a cultura açoriana dentro de parâmetros ora conflitivos, ora harmoniosos e equilibrados entre as relações sociais estabelecidas nos diversos recantos geograficamente posicionados, nos quais fixaram-se alguns traços mais ou menos intensos, dependendo da própria caracterização das localidades de onde vieram os seus antepassados, das trocas diaspóricas[72], culturais e sociais estabelecidas ao longo das gerações, que também passaram por processos dinâmicos de trocas.

---

[71] THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.17.

[72] Diáspora pode ser descrita como o terceiro espaço, fronteira cultural entre o país de origem e o país de residência. Ver: BHABHA, Homi. *The location of culture.* New York: Routledge, 1994.

A Lagoa configura-se segundo as experiências sociais dos grupos, sendo salientados alguns traços. Pode-se observar, sobretudo no Canto da Lagoa, vestígios de uma maior credibilidade em mitos e crenças. Segundo a abordagem antropológica, foram observados traços de forças sobrenaturais sob a forma de bruxas e bruxarias que, na verdade, recriaram um espaço de sublimação do poder feminino, que, de certa forma, passou a exercer certas influências no imaginário da comunidade.[73]

Na Costa da Lagoa, verifica-se a presença de uma gastronomia tipicamente voltada para peixes e frutos do mar, bem como técnicas próprias de pesca, especificidades religiosas e poucos vestígios de renda de bilros. Na verdade, a única rendeira que habita a localidade é a depoente desse espaço.

Na Barra da Lagoa, as festas e demais tradições intensificaram-se, em princípio, pela apropriação turística. Mesmo sendo o Centro da Lagoa o mais movimentado e emergente espaço turístico, tem-se na Barra a impressão de uma localidade onde as tradições não foram mantidas de forma consensual, principalmente pelo alto índice de inserção de novos habitantes vindos de outras localidades. Dessa reflexão, tem-se:

> Imprime-se a este local, ao mesmo tempo bairro e cidade, uma série de virtudes e de qualidades inscritas especialmente em seus recursos naturais e culturais. O que se tem então é um bairro, chamado Lagoa da Conceição que, não enquanto bairro administrativo, mas enquanto ecossistema lagunar, pode ser descrito em termos de seus componentes físicos, bióticos, paisagísticos, políticos e culturais. Entretanto em torno deste quadro surgiu uma

[73] MALUF, Sônia. Op. cit.

> vida comunitária, construções sociais e culturais bastante diversas ao longo dos tempos.[74]

Nas diversidades encontradas nos recantos da Lagoa, percebe-se que a comunidade se fixou de formas distintas e com elos diferentes de ligação inter-pessoal ou social, que, ao longo do tempo, foram imprimindo singularidades e pluralidades no reconhecimento de alguns elementos da cultura; para alguns, tais elementos são imprescindíveis, mas para outros não necessariamente.

Dessa forma, a configuração de um perfil de cultura estática passa a ser contrária ao que se apresenta, uma vez que se movimenta de forma constante e repleta de conflitos, divergências e também de permanências, incorporações e adaptações. A coletividade não pode ser uma resposta para a salvaguarda de traços, e sim de especificidades que, em conjunto, formam as várias identidades do local.

Sobre as mulheres açorianas, pode-se inferir que cultivaram as próprias identidades com suas habilidades e muita dedicação ao trabalho artístico, como a tecelagem de panos de algodão e linho e as artes dos bordados, especialmente as rendas de bilros, que até hoje são preservadas como traços que configuram as identidades açorianas. Em especial, a questão de gênero e as "identidades femininas" parecem demarcar a cultura luso-brasileira no local. Sobre a procedência portuguesa das rendas, pode-se citar:

> Poderíamos apenas inferir que as rendas de bilros entraram no Brasil com as primeiras mulheres portuguesas vindas, com suas famílias,

[74] Ibidem. p.111.

> de pontos de Portugal onde tradicionalmente se fazem rendas de bilros, como áreas costeiras, do Minho à Estremadura e ao Algarve.[75]

As rendeiras promoveram a continuidade das técnicas de fazer rendas, conservando, durante gerações, o modo de fazer e os tipos de instrumentos utilizados. Porém, se percebe nitidamente mudanças na vida cotidiana, adaptadas à atualidade e ao desenvolvimento do país.

Com a chegada da luz elétrica, na década de 70, do telefone, da televisão e, mais recentemente, do computador, cada nova geração parece menos tradicional, distanciando-se cada vez mais de seus traços culturais. Com a globalização[76] e o fácil acesso aos meios de comunicação, as necessidades se adaptaram e os novos comportamentos e formas de conhecimentos se difundiram entre os jovens. Assim, manter a confecção das rendas torna-se uma tarefa cada vez mais difícil. No entanto, essa questão já foi muito discutida, fazendo-se presente a preocupação em investigar a continuidade do processo.

Na matéria de jornal intitulada “Bilros derradeiros”, fez-se uma pequena referência a essa problemática, tão discutida e pouco interpretada:

> Afirmar que as rendeiras da Ilha estão desaparecendo e que a tradição precisa ser mantida virou lugar-comum. Poucas vezes, contudo, alguém se preocupou em ouvir a opinião das principais interessadas. Por que, afinal de contas, as novas gerações não estão mais se interessando por esse tipo de trabalho?[77]

---

[75] RAMOS, Arthur; RAMOS, Luíza. *A Renda de Bilros e sua Aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro: Publicações de Etnografia e Etnologia, 1948. p.36.

[76] Segundo a visualização do se que poderia chamar de globalização nesse processo, tem-se algumas idéias: “A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da ‘sociedade’ como um sistema delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço”. HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.67-68.

[77] FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES - Acervo da Biblioteca. OLIVEIRA, Maurício. Bilros Derradeiros. In: *Jornal de Florianópolis*, 24.05.2000. Matéria de Jornal de Florianópolis sobre o Lançamento da

Uma possível resposta para esta questão seria: “Foi exatamente o turismo que fez a tradição começar a morrer.” Essa colocação parte do princípio de que o turismo iniciou o fim da tradição; no entanto, parece que a sua função às vezes traz impactos, mas outras vezes traz benefícios. A dicotomia destruição-construção não pode ser vista como algo definitivo, e sim como algo conflitivo, que traz sempre os dois lados, entre outras vertentes. Pensar na continuidade da tradição traduz uma simplificação do que se quer apreender. De fato, o turismo trouxe outras possibilidades para a continuidade do processo; contudo, esse parece ser, para alguns, o grande destruidor de atrativos.

A continuidade do trabalho artesanal parece ser uma tradição feminina que permanece em muitas localidades do Brasil e do exterior, geralmente em ilhas ou proximidades do mar; porém, tem demonstrado franca diminuição em todos os lugares do mundo. Destacam-se algumas colocações a respeito das rendas confeccionadas nos Açores:

> Terras de marinheiros e pescadores, diz a sabedoria popular, são terras de rendas e de outras artes afins. Por maioria de razões, o arquipélago açoriano é terra propícia a que estas artes de agulha proliferam, pelo que não se estranha que, em todas as Ilhas, se encontrem artesãos dedicados a esta actividade (...). As várias excepções desta verdadeira arte de agulha (onde se incluem as rendas de bilros que, por vezes chegam a utilizar simultaneamente centenas das peças que lhe dão nome) produzem artefactos de beleza ímpar, demonstrativos da inequívoca aptidão e gosto dos açorianos por todos os artefactos onde pontifique o trabalho das mãos.[78]

---

obra “Tramóia: Histórias de Rendeiras”, na qual a autora Regina Dalcastagnè, professora de Literatura, aborda a questão pontuada em seu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, que terminou há 10 anos. Em 24/05/2000, a autora foi entrevistada sobre as considerações da visão que as rendeiras possuem sobre essas colocações.

[78] LIMA, Rui de Abreu de; LIMA, Eglantine Morais de. Op. cit . p.97.

Da mesma forma, as rendas produzidas na Lagoa são enriquecidas por uma estética visual e utilidade para os apreciadores do trabalho artístico-artesanal. Pode-se dizer que a renda de bilros passou a exercer importante papel na divulgação artesanal de Santa Catarina, sobretudo em razão do interesse folclórico advindo de turistas e visitantes após o início dos anos de 1970.

Sobre as características das rendeiras de Santa Catarina:

> As rendeiras são de meio pobre, de famílias de pescadores, descendentes dos antigos açorianos que vieram para a ilha do Destêrro em meiados do século XVIII, daí se distribuindo pela costa, de São Francisco a Laguna... Todos os tipos de rendas são feitos em Santa Catarina.[79]

Nesse sentido, o perfil das rendeiras da Lagoa da Conceição seguia um preconceito, já que eram conhecidas como mulheres que viviam em condições menos favorecidas economicamente e em comunidades pesqueiras. Este perfil, segundo as próprias rendeiras, fez com que as outras comunidades do entorno de suas habitações tivessem uma certa desvalorização de seu trabalho.

Segundo Dona Vani Vieira:

> Ainda nas décadas de 50 e 60, a presença das rendeiras era constante na Lagoa (nas ruas e nas portas das casas), porém, aos poucos, essa que não era até então uma atração turística, passou a ser deixada de lado em virtude do surgimento de novas alternativas de fonte de renda, logo, o trabalho com as rendas passou a ser visto como uma atividade ultrapassada. [80]

---

[79] RAMOS, Arthur; RAMOS, Luíza. Op. cit. p.42.

[80] Depoimento de Dona Vani Vieira, em 03 de novembro de 2001. Dona Vani é Diretora do Casarão da Lagoa. Em sua entrevista, no Casarão da Lagoa, a depoente fez várias colocações sobre a Fundação Franklin Cascaes e sobre a questão das rendas e rendeiras da Lagoa da Conceição.

Antes do crescimento do turismo, as rendeiras passavam de casa em casa vendendo seus trabalhos, não apenas rendas, mas produtos alimentícios e acessórios para a casa como bordados, roupas, entre outros. Após o advento do turismo, a renda passou a ter um significado diferente tanto para os compradores como para as próprias rendeiras. Sobre esta questão, pode-se considerar a seguinte abordagem:

> É possível identificarmos diferenças quanto ao significado da atividade de confecção da renda: para os turistas, consumidores, essa atividade apresenta um valor cultural, artístico, folclórico; para as rendeiras, no entanto, a significação é outra: essa é uma atividade econômica, uma atividade que lhes possibilita complementar a renda familiar.[81]

A pesquisa efetuada com as rendeiras permite vislumbrar uma outra abordagem a esse respeito. Das rendeiras entrevistadas, todas se referiram à confecção das rendas como uma tradição familiar, passada desde a tataravó, ou seja, existente há 5 gerações. Contudo, elas consideram que esta atividade, acima de tudo, é um meio de subsistência que se tornou um trabalho de distração, lazer e retorno financeiro. Segundo elas, é um conjunto que garante sustento, prazer e continuidade familiar.

Dona Norma[82] referiu-se às rendas da seguinte maneira:

---

[81] ZANELLA, Andréa Vieira. *O ensinar e o aprender a fazer renda de bilro: estudo sobre a propriação da atividade na perspectiva histórico-cultural.* Tese de Doutorado em Psicologia da Educação, PUC-SP, 1997. p.30.

[82] Depoimento de Dona Normélia Barcelos Felisberto, em 02 de novembro de 2001. Dona Normélia tem 52 anos e é rendeira desde os 7; aprendeu a tecer com a mãe. Concedeu a entrevista em sua loja, na Avenida das Rendeiras, nº 1.796. Falou sobre a confecção das rendas e sobre suas origens, a tradição e o turismo.

> Não faço só para ganhar dinheiro, mas porque amo meu trabalho. Faço rendas desde os seis anos de idade, desde que minha mãe me ensinou e nunca mais quis deixar de fazer... Esse trabalho é a minha vida, não sei fazer outra coisa.

O discurso desta rendeira reflete o aprendizado que teve com sua mãe e permite observar o quanto a atividade artesanal se tornou parte integrante de sua vida cotidiana. Na estrutura familiar, o trabalho feminino com as rendas passou a significar um meio de sustento e de apoio à renda doméstica. Dessa maneira, além de dona-de-casa, Dona Norma pode, juntamente com seu marido, pescador, garantir o sustento da família.

> O trabalho de agulha se apresentava como uma opção para as mulheres em certo período de sua trajetória de vida, possibilitando-lhes concatenar o ritmo, o espaço e o tempo do trabalho doméstico com uma atividade remunerada e sem horário fixo.[83]

A maioria das rendeiras estabeleceu uma ligação emocional com o trabalho. As questões ligadas à aprendizagem se diferem pela própria carga de traços culturais depositados nas cantigas, nos contos, nas lições de vida e nos demais ensinamentos de seus antepassados.

A opção de tecer rendas talvez ainda faça parte de algum período na trajetória de vida das filhas de rendeiras, que podem ou não querer trabalhar com o artesanato no futuro.

---

[83] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho.* Bauru, SP: EDUSC, 2002. p.96-7.

IMAGEM 16 – "RENDEIRAS, E. DI CAVALCANTI, 1953, ÓLEO SOBRE TELA, 100 X 80 CAM – DALILA LUCIANA". IN: SANTA ROSA, NEREIDE SCHILARO. USOS E COSTUMES. SÃO PAULO: MODERNA, 2001. P. 15.

IMAGEM 17 – MONUMENTO DOS BILROS.
AUTORA: REGINA BARBOSA ÂNGELO. 2004.

2.1 TRAJETÓRIAS FEMININAS

Neste capítulo, pretende-se discutir as trajetórias das mulheres no mundo do trabalho, visualizando suas atribuições no decorrer das diversas temporalidades, retornando a uma cronologia temporal e espacial e rememorando, por meio das falas das rendeiras, os "outros tempos" nas questões de gênero e de trabalho. Assim, inicia-se a preocupação tangenciada pelo trabalho, na qual está a ampliação dos estudos sobre a mulher, sobretudo no que se refere à questão das competências femininas.

Pode-se dizer que, no Brasil, os estudos sobre a mulher adquiriram maior visibilidade a partir da década de 70, mas cresceram e se tornaram mais elaborados com a incorporação da categoria gênero. A partir dos anos 80, iniciou-se uma diversificação dos estudos de gênero, ampliando as perspectivas estudadas e, ainda, proporcionando desafios e possibilidades para a conquista de novas oportunidades de trabalho feminino.[84]

Sobre os ensejos encontrados pelas mulheres no mundo do trabalho e as outras questões pertinentes à legislação que rege as atribuições da mulher, as ações afirmativas[85], sem dúvida, inseriram um novo cenário de discussões e estimularam mudanças no comportamento da sociedade.

O perfil da mulher trabalhadora inscreve-se, ao longo dos anos, em um quadro de inúmeras transformações, que, porém, parecem estar simultaneamente ligadas à questão temporal, espacial e estrutural de cada localidade, uma vez que toda

---

[84] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por Uma História da Mulher.* Bauru: EDUSC, 2000. p.7-15.

[85] "A afirmação do princípio de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres e sua aplicação no mundo do trabalho já tem uma história no cenário internacional. São denominadas ações afirmativas essas políticas que têm como meta corrigir antigas e novas discriminações." DELGADO, Dídice; CAPPELLIN, Paola; SOARES, Vera. *Mulher e Trabalho: experiências de ações afirmativas.* São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. p.11.

sociedade apresenta suas diversidades culturais e seus valores religiosos, que freqüentemente ultrapassam a questão de gênero. Entretanto, ao mesmo tempo, são mantidas algumas caracterizações marcadas pelos processos culturais e sociais num âmbito complexo e diversificado.

Sobre a questão da efetiva participação da mulher no mercado de trabalho, independentemente da área e da categoria assumidas, percebem-se desigualdades e se observam diferenças em sua inserção, efetivação e continuidade, sendo que:

> A presença das mulheres tem aumentado nas ocupações precarizadas, ou seja, aquelas nas quais ocorrem descontinuidade de tempo, menor regulamentação das garantias de trabalho e seguridade social, formas de contrato sem carteira assinada, diminuição dos níveis salariais e aumento das formas de trabalho em domicílio e por conta própria.[86]

Desse quadro, fazem-se necessárias amplas e direcionadas investigações, a fim de rever toda a trajetória do cotidiano feminino ligado ao trabalho, sob diferentes formas e em diversas localidades, para se ter um panorama das perspectivas da inserção da mulher no mercado de trabalho.

Para compreender o processo tradicional de fazer renda de bilros, considera-se necessário contextualizar a trajetória do trabalho feminino em outras localidades e temporalidades, ou seja, verificar como esse processo foi caracterizado e se influenciou, direta ou indiretamente, para se tentar apreender como se deram também as transformações da trajetória da mulher em Florianópolis.

A idéia que se tem sobre o trabalho primordialmente feminino permeou durante séculos a casa e seu entorno, nos quais a mulher estava confinada, devendo neles

[86] Ibidem. p.13.

desempenhar suas atividades durante toda a sua história. Atualmente, a mulher realiza outras formas de trabalho, mas ainda mantém as anteriormente instituídas como femininas.

Seguindo a idéia que trata esse enfoque de mudanças e incorporações, percebe-se que a saída da mulher do âmbito doméstico é que trouxe conflitos. Assim, tem-se a seguinte afirmação: “As mulheres sempre trabalharam, mas o que colocou o problema para elas foi o exercício de trabalhos assalariados, ofícios e profissões praticados fora de casa”.[87]

Para tentar entender essa idéia, percebe-se que as alterações permeiam o aumento de funções e atribuições. A mulher não deixou de exercer as tarefas anteriormente tidas como femininas; ocorreu, nesse sentido, a permanência de atividades e a soma de outras. Nesse contexto, infere-se que o lugar da mulher mudou, com a manutenção de atividades e a adição de outras, formando, assim, um círculo de mudanças, permanências e agregações de funções.

> As mulheres passaram por reais dificuldades para obterem o direito ao salário, tanto por essas razões práticas de economia familiar quanto por questões de princípio: podia-se, sem correr riscos, reconhecer para as mulheres, membros de uma família a que estavam incorporadas, esse estatuto de indivíduo que o regime assalariado estabelecia?[88]

Certamente, eram necessárias leis que garantissem os direitos das mulheres. Entretanto, mesmo sob diretrizes e legislações, muito tempo se levou para garantir alguns direitos à categoria.

---

[87] PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas.* São Paulo: UNESP, 1998. p.97-8.
[88] Ibidem. p.99.

O interior dos lares também passou por transformações, mas o que se destacou nesse universo foi o gradativo acúmulo de funções femininas. O panorama geral das mulheres não fugiu muito à questão do trabalho no espaço domiciliar e à conquista paulatina do espaço externo. Em várias partes do mundo, foram observadas muitas lutas e resistências que objetivavam contribuir para que as mulheres conseguissem um lugar diferente do que lhe fora designado. Entretanto, em meio aos percalços da história da mulher, encontrava-se sempre a idéia de busca de igualdade de gênero, principalmente no que se refere ao trabalho.

No Brasil, as mulheres ingressaram no mercado de trabalho a partir da década de 70; e hoje, mesmo após trinta anos, percebe-se que a discriminação salarial impera em quase todos os setores formais:

> Desde a década de 70, período do "milagre econômico", quando a participação feminina no mercado de trabalho cresceu vertiginosamente, até hoje, quando as mulheres já representam cerca de 50% da classe trabalhadora, a mulher ainda não conseguiu sair da condição de cidadã de segunda classe na sociedade capitalista, oprimida pelo homem e pelo estado burguês. Mesmo conquistando uma participação ativa no mercado de trabalho e sendo cada vez mais a responsável pelo sustento da família, a mulher ainda permanece sob o domínio social, político e econômico dos homens, sendo que ainda não conquistou de fato a igualdade jurídica e política perante a outra metade da população.[89]

Sobre a História das mulheres no país, e provavelmente no mundo, não se pode dizer que houve passividade ou linearidade entre o passado e o presente, já

[89] Causa Operária on line. *Mulheres - Diferença Salarial: mesmo estudando mais, as mulheres ainda tem salário mais baixo que os homens*. Disponível em: http://www.pco.org.br/conoticias/ mulheres_2004/ 15jun_difsalarial.htm, acessado em 20 de junho de 2004.

que aconteceram muitas lutas e discordâncias acerca de suas funções, bem como de seu lugar e de sua voz.

Apesar de confinadas a desempenharem diversos papéis no cotidiano, as mulheres no Brasil devem ser divididas entre as que habitavam o meio rural e as que viviam no meio urbano, sendo que, até a atualidade, não se pode fazer comparações entre cidades pequenas, médias e grandes e nem mesmo entre meios rurais. De qualquer forma, as mulheres que habitavam o meio urbano provavelmente tiveram perspectivas diferentes das que habitavam o meio rural.

> As experiências de vida relatadas pelas mulheres rurais mostram que em seu cotidiano não há clara distinção entre os limites do lar e do trabalho, entre as atividades domésticas e as tarefas agrícolas, entre as responsabilidades na educação dos filhos e a vida comunitária. No campo, a autoridade do chefe de família – do pai ou do marido – extrapola o espaço doméstico e muitas vezes impõe-se, negando a participação das cooperativas, nos bancos, nas associações de produtores e nos sindicatos.[90]

As mulheres que habitavam cidades maiores tiveram seus cotidianos, de certa forma, transformados pela introdução do trabalho externo e pela busca por uma carreira em áreas públicas ou privadas. O crescimento das cidades e as novas necessidades de mão-de-obra foram, para o país, os verdadeiros chamarizes de novas oportunidades para a mulher.

Não se pode negar que as atribuições menos valorizadas e os empregos menos formais e que não tinham carteira assinada foram os que mais se aplicaram às mulheres. No entanto, aos poucos, a mulher foi ocupando cargos diferenciados e tidos como “privilegiados”.

---

[90] DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2001. p.646.

Quanto ao trabalho no meio rural, ao que parece, as mulheres sempre tiveram outras perspectivas, por desconhecimento e distinção de aspectos das habitantes da cidade. Muitas foram as razões que tornaram esse fator imperativo de diversidades, tais como a distância, os transportes, a dificuldade de qualificações e a própria estrutura familiar. Contudo, isso não fez com que a mulher tivesse um papel menor dentro do lar.

Em geral, a mulher habitante do meio rural adquiriu atribuições na agricultura, na confecção de artesanatos, na prestação de alguns serviços e na venda de produtos – ovos, queijo, leite, verduras e legumes –, além de suas "obrigações" cotidianas, tais como lavar, passar, cozinhar, cuidar da casa e dos filhos. O compromisso adquirido pela mulher ao longo dos anos pode ser considerado um verdadeiro acúmulo de funções, que requeria uma tripla ou quádrupla jornada de trabalho, sem remuneração alguma.

Adentrar na história da mulher em Santa Catarina, considerando as variadas etnias ali instaladas e advindas de países europeus, talvez seja um ponto crucial para a discussão que se pretende apresentar sobre as transformações que se demonstram atualmente na tradição feminina de fazer renda de bilros na Lagoa da Conceição. Nesse sentido, tentar apreender o movimento no qual se insere a questão do trabalho é uma tarefa complexa e repleta de especificidades e polaridades, mas traçar um panorama geral para compreender o processo atualmente percebido, parece ser a melhor forma de se chegar à compreensão do que mudou e do que se manteve, sem que isso tenha uma conotação dicotômica, analisando-se também as adaptações, alterações e incorporações conferidas a essa trajetória de fatos.

Sobre o trabalho feminino nas proximidades do lar, em uma prévia descrição das mulheres foi salientado que:

> As mulheres não participavam da guerra, nem da pesca e nem das atividades do rancho de pesca, mas não ficaram em casa. Com o envio dos maridos para estas atividades, fora das dependências da casa e das atividades produtivas: a agricultura ou o pastoreio, a criação de pequenos animais, a horta; com as constantes e prolongadas ausências dos homens na pesca em alto mar ou nas atividades militares, eram as mulheres que assumiam muitas destas atividades e outras de menores ganhos: a renda de bilro, o trabalho no algodão e a confecção de tecidos de tear, com as quais mantinham a sobrevivência e a reprodução da família.[91]

Assim, tentar perceber a atuação da mulher na Ilha desde a sua inserção na época da colonização açoriana é tentar apreender no tempo as transformações de suas atribuições.

Foi encontrada também uma colocação sobre as atribuições da mulher que data de 1822, na qual um dos viajantes, em sua estada na Ilha de Santa Catarina, comenta:

> As mulheres voltadas para os diferentes trabalhos domésticos, ocupam-se de fazer rendas que elas trabalham com gosto, e a limpar o algodão que elas fiam nos fusos, com os quais elas fazem as roupas para toda família. Elas tem, formas graciosas e as suas figuras não faltam encantos nem expressão.[92]

---

[91] Cf. LAGO, Mara Coelho de Souza. *Modos e Vida e Identidade: Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina.* Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 1996. p.188-9.
[92] HARO, Martim Afonso Plama de. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII a XIX.* Florianópolis, SC: USFC; Lunardelli, 1996. p.258.

Desde a época da colonização açoriana para o sul do Brasil, cabia à mulher, além das atribuições domésticas, a tarefa de tecer a renda de bilros e de tear roupas para a família, devendo, ainda, cuidar da agricultura e da criação de animais, geralmente para subsistência.

Dos aspectos mais direcionais da trajetória da mulher, em especial da catarinense, uma colocação foi ressaltada na visita de Auguste de Saint-Hilaire ao Brasil, mais especificamente à Província de Santa Catarina, entre os anos de 1816 e 1822, sobre a necessidade de adquirir dinheiro que a mulher parecia ter na época:

> (...) essas mulheres procuram ganhar algum dinheiro com o seu trabalho. Quem passa diante de suas casas ouve-as batendo algodão; elas fiam e tecem, mas de um modo geral empregam o que ganham unicamente para satisfazer seu gosto pelas roupas bonitas (...). As mulheres da Ilha de Santa Catarina exercem dentro de suas casas uma autoridade de que não desfrutam as do interior do país. Os homens se privam de tudo em favor de suas esposas ou amantes, e em nenhum outro lugar existe, como ali, uma desproporção tão grande entre as roupas das mulheres e as dos homens. Nos domingos e dia santos todas as mulheres do campo se assemelham a damas de alta classe, e a maneira como se acham trajados os seus maridos faz com que pareçam seus criados.[93]

Essa descrição parece demonstrar a valorização da mulher quanto à confecção de roupas para a família no próprio lar. Algumas considerações devem ser agregadas a este discurso, sobretudo no que se refere à questão da confecção das roupas, que provavelmente eram copiadas pelas mulheres do meio rural quando

[93] SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina.* São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1878. p.174.

estas viam as mulheres da cidade e seus modismos. As mulheres, em geral, se incumbiam de fazer esse tipo de trabalho manual.

Em relação às outras observações de viajantes que passaram na mesma época por Santa Catarina, não há menções dessas diferenças entre os homens e as mulheres e seus trajes, o que pode ser considerado, de certa forma, pontual. As mulheres do campo talvez não tivessem discernimento suficiente para comparar também as roupas masculinas, uma vez que nenhuma referência foi feita a respeito dos modismos e das diferenças entre o homem da classe alta e o da classe baixa, tampouco a respeito das distinções entre as roupas dos homens do meio rural e as dos homens urbanos nos dias de festas e de santos.

Em relação às mulheres que viviam no meio urbano, pode-se analisar uma outra percepção:

> As mulheres mais ricas da cidade acompanham a moda do Rio de Janeiro, que por sua vez segue a da França. As mulheres do campo, que não trabalham fora de casa e em nada se parecem com as nossas camponesas, (...) todas elas, sem exceção, usam vestidos de chita ou de musselina e um xale de seda ou de algodão; os cabelos são arrepanhados no alto da cabeça e presos com uma travessa, e muitas vezes enfeitados com flores naturais...[94]

Essas diferenças entre as mulheres do meio rural e as urbanas quase sempre são colocações superficiais sobre a vida cotidiana, os trajes e os modos de vida. A ausência de dados específicos sobre a historiografia feminina deixa um caminho a ser trabalhado, em especial, por meio das memórias.

---

[94] Ibidem. p.174.

> Na história, dita tradicional, as mulheres são invisíveis, pelo fato de se destinarem a elas os espaços domésticos, enquanto que as narrativas históricas se voltaram para os eventos da esfera pública. Ou seja, a história da colonização açoriana no litoral de Santa Catarina tem sido narrada sem a presença das mulheres, a não ser incluídas de forma abstrata nos termos institucionais como "os casais", a família, o colono.[95]

Portanto, pensar numa trajetória de reconstrução ou de visibilidade para a mulher, seja ela do meio urbano ou do meio rural, é adentrar num caminho obscuro e repleto de sinuosidades, que, de certa forma, deve ser apreendido por meio de suas memórias, já que a historiografia se volta especialmente para os homens e para os espaços públicos.

Deve-se considerar que a história e a trajetória dessas mulheres também estiveram diretamente relacionadas com o cotidiano, o trabalho, a criação dos filhos e as diferenças entre os filhos e as filhas no que diz respeito à educação. No entanto, essas diferenciações já repercutiam no futuro do trabalho que diferenciaria os homens das mulheres e que já era um quadro típico das classes sociais menos privilegiadas.

A criação dos filhos já era diferenciada para os meninos e para as meninas, o que podia ser verificado na educação escolar durante a trajetória de vida na infância, tanto nos meios rurais e menos providos de recursos econômicos, quanto no meio urbano, mesmo que num panorama mais elaborado para a criação das meninas. Elas eram criadas para acompanhar seus futuros maridos e serem "boas esposas".

---

[95] FLORES, Maria Bernadete Ramos. Se Me Deixam Falar: Trabalho da Memória/ Memória do Trabalho/ Trabalho e Festa. In: MORGA, Antonio (org.). *História das Mulheres de Santa Catarina.* Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas; Argos, 2001. p.270.

A seguir, pode-se observar algumas das atitudes recomendadas pela imprensa da época (1850 - 1860), que demonstrava como deviam ser as estruturas familiares em termos de “condutas”:

> Em termos de educação elementar, a imprensa recomendava que, até o primeiro decênio de vida, ambos os sexos deveriam estar simultaneamente instruídos em leitura e caligrafia, aritmética, geografia e história pátria. A partir de então, estabelecia-se a diferença. Enquanto os meninos eram encaminhados para os liceus e escolas militares, as meninas jamais se afastavam de seus pais. Passavam toda a idade puerícia e adolescência instruindo-se naquela “educação peculiar a seu sexo”: coser, cortar, bordar, marcar, fiar, tecer e cozinhar. Estas práticas femininas eram vistas como “misteres indispensáveis” para a sobrevivência das famílias pobres. Para as gentes “de boa sociedade”, que “não se contentavam com tão pouco”, recomendava-se também o estudo de música e piano, línguas estrangeiras, dança, elementos de física, história natural e botânica.[96]

Assim, percebe-se claramente que as condutas para homens e mulheres eram distintas. Ao homem cabia manter o sustento da casa, exercendo um trabalho externo, enquanto para a mulher cabiam a ordem do lar e a criação dos filhos. Nesse contexto, existia uma divisão que definia os respectivos papéis para a criação das futuras donas-de-casa e dos seus maridos. Assim, durante muitos anos, a educação foi dimensionada para que houvesse diferenciações entre os sexos.

As mudanças ocorridas na formação dos filhos podiam ser indicadas pelas próprias circunstâncias do trabalho externo praticado por homens e mulheres. Anteriormente, o trabalho no espaço público era marcado pela figura masculina,

---

[96] BRANCHER, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero (orgs.). *História de Santa Catarina no século XIX.* Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2001. p.249.

mas, paulatinamente, foi sendo incorporado no interior dos lares por mulheres que assumiram outras atribuições, além das já acumuladas em seu cotidiano.

As mudanças observadas redimensionaram a vida cotidiana, bem como o sentido de alguns padrões anteriormente instituídos. Em contrapartida, também foram mantidas as atribuições femininas, tais como o cuidado com a casa e com os filhos, mesmo com as "facilidades" da contemporaneidade.

Sobre este assunto, tem-se a seguinte colocação a respeito do que parece mudar na vida da mulher, mas não necessariamente na vida do homem:

> ...a intercambiabilidade das tarefas sempre repugna aos homens. Alguns fazem de vez em quando as compras e a faxina, poucos aceitam tirar férias para cuidar dos filhos e pouquíssimos se submetem a lavar e passar roupa... A latinidade desvalorizou tanto os papéis privados e as tarefas domésticas, que, para um homem é tradicionalmente humilhante sujeitar-se a elas. Há pouco tempo, era tão deslocado para um homem passar roupa quanto para uma mulher fazer manifestações. Ora, hoje é mais fácil as mulheres fazerem manifestações do que os homens passarem roupa!...[97]

Atualmente, verificam-se na Lagoa da Conceição continuidades e descontinuidades em relação às tarefas de homens e de mulheres, o que parece estar ligado diretamente às questões geracionais. As mulheres se diferenciam pela criação e pela educação, percebendo-se re-direcionamentos sobre as questões do trabalho externo em algumas famílias, principalmente quando a mulher passa a exercer a função de mantenedora do lar.

[97] PERROT, Michele. Op. cit. p.145.

2.2 ATRIBUIÇÕES DA MULHER

Como anteriormente abordado, o debate a respeito do direito da mulher ao trabalho externo e ao recebimento de salário só progrediu no século XIX, em meio a lutas e conflitos pontuados de diferentes formas nos empregos em que a mulher podia exercer algum tipo de função. Assim, verifica-se que as atribuições femininas vêm passando por gradativas mudanças e transformações. Dessa forma, pode-se dizer que essa trajetória teve e ainda tem inúmeras problemáticas referentes especialmente às questões de trabalho.

A atividade feminina fora do espaço doméstico não teve uma linearidade temporal e espacial, principalmente por questões religiosas e culturais. No entanto, quando se trata de conceituar ou contextualizar as questões culturais, não se deve simplificar a cultura como uma unidade imutável.

A cultura deve ser apreendida como um sistema de significados complexos, nos quais se entrecruzam as transformações e as mudanças.[98] Nessa perspectiva, reconhece-se que a cultura se imbrica com todas as relações contemporâneas, em ação constante. Essa menção de contemporaneidade deve necessariamente ser entendida como “cada momento”, pois o contemporâneo denota, para a atualidade, uma ordem de significados bem distintos das significações em outros momentos históricos.

Quanto às questões religiosas, entende-se que a crença sempre teve um papel controlador na vida dos homens e, sobretudo, das mulheres, avaliando os comportamentos e as atitudes frente à sociedade nas quais estão inseridos.

[98] WILLIANS, Raymond. *Cultura.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Independentemente da religião escolhida e seguida, sempre houve regras para o controle do homem e da mulher; porém, para esta as questões se posicionavam de forma mais rígida. Dessa forma, a religião e a cultura "ordenavam" o comportamento feminino. Pode-se dizer, ainda, que a mulher sempre foi mais apegada às regras, pois além das pressões e repressões a que era sujeitada, ainda tinha a incumbência de passar tais "regras" a seus sucessores.

Sobre a visualização da questão do trabalho feminino no Brasil e sua relevância temporal para a história das mulheres, tem-se uma percepção que agrega possibilidades ao sentido de mudanças nos cenários econômico, social e cultural, principalmente no que tange ao consumo e às novas possibilidades de trabalho:

> O consumo de massa tem início com o surgimento de produtos de material plástico, refrigeradores, aparelhos elétricos, enlatados etc. O rádio, que não pára mais de crescer a partir dos anos 1940 e 1950, e a televisão, inaugurada em setembro de 1950, estimulam a formação de uma nova mentalidade. Numa atmosfera como esta, o feminismo ganhou força e a presença da mulher tornou-se cada vez mais notada e respeitada nos cenários econômico, político e cultural brasileiros: uma revolução feminina estava em marcha acelerada.[99]

O supracitado texto ilustra o cenário de mudanças e permanências que se quer apresentar na trajetória das imigrantes açorianas e das suas descendentes em Santa Catarina. Vale ressaltar que elas trouxeram consigo suas habilidades, aptidões, costumes e também os conflitos de poder e de saber estabelecidos entre os seus direitos e os seus deveres enquanto mulheres.

---

[99] BAUER, Carlos. *Breve História da Mulher no Mundo Ocidental.* São Paulo: Edições Pulsar, 2001. p.136.

As atividades econômicas eram e ainda parecem ser realizadas de acordo com uma divisão sexual dos espaços de trabalho masculino e feminino. Além da mudança de país, da adaptação necessária aos novos habitantes do sul do Brasil e da busca de oportunidades de vida e de trabalho, essas mulheres deveriam assumir a diferenciação das atribuições de cada gênero.

Em meio aos contrastes de adaptação, havia, portanto, a determinação dos espaços onde cada membro da família podia ou não desenvolver suas habilidades. Havia a separação do espaço masculino e feminino, mas também a demarcação do espaço onde todos os membros de uma família podiam dividir as tarefas. Os filhos pequenos, podiam desempenhar funções mais simples e ajudar a mãe ou o pai nas tarefas domésticas ou na roça.

Dentre as tarefas tidas como exclusivamente masculinas na Lagoa, pode-se mencionar o espaço e os equipamentos ligados às atividades de pesca:

> A pesca é uma atividade essencialmente masculina, sendo proibida a participação das mulheres não só nas tarefas que a envolvem como nos espaços a ela relacionados: os ranchos de barcos, as embarcações, o mar. É um trabalho realizado coletivamente pelos homens, que antes podiam passar meses longe de casa e das mulheres, convivendo a maior parte do tempo com seus companheiros. Atividades e território exclusivo dos homens, a pesca era e ainda é fundamental da constituição da identidade masculina e principal espaço de sociabilidade entre os homens.[100]

Os espaços dos homens eram separados de acordo com as atribuições consideradas masculinas e com as concepções religiosas e culturais do território. Às

[100] MALUF, Sonia. *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias na Lagoa da Conceição.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.34.

mulheres cabiam atividades ligadas ao espaço doméstico e as atribuições nas quais pudessem cooperar com o marido, o que não se pode dizer que ainda não acontece em muitas estruturas familiares.

> Cozinhar, lavar e consertar as roupas, limpar a casa e confeccionar a renda de bilro eram e são até hoje atividades essencialmente femininas com as quais os homens não se envolvem. A confecção da renda de bilro era uma atividade demarcadora de uma "cultura feminina" na comunidade. Apesar de ser realizada por mulheres e de circunstância ao espaço da casa, a renda comercializada era uma fonte de ganhos para a família e para a mulher.[101]

Comumente, algumas atividades eram divididas entre os membros da família, tais como os trabalhos desenvolvidos na roça e o plantio de mandioca, café, feijão, entre outros alimentos. A horta e a criação de animais, como galinhas e porcos, também faziam parte do universo feminino de atribuições. Além destas atividades, pode-se inferir que:

> As outras atividades realizadas pelas mulheres estão ligadas à reprodução familiar. A lavação de roupa, em muitas famílias, ainda é feita coletivamente na "fonte" (córrego perto da casa), reunindo mulheres de diversas famílias. As filhas e os filhos menores ajudam a carregar as trouxas de roupa (...). Hoje, com a urbanização do sistema de distribuição de água, a maioria das mulheres lava a roupa no tanque de sua própria casa, apesar de muitas ainda preferirem o uso da fonte.[102]

[101] Ibidem. p.39.
[102] Ibidem. p.41.

O que se percebe na atualidade é que a mulher, além de desempenhar as atribuições ligadas à manutenção e administração da casa, também assume um trabalho externo. A busca pela profissionalização já faz parte do universo das novas gerações de mulheres descendentes de açorianos e também das gerações anteriores, uma vez que estas hoje confeccionam as rendas de bilros como uma atividade profissional, e não mais como uma "prenda doméstica".

Entre as atividades econômicas[103] tidas como tradicionais dos descendentes de açorianos, pode-se dizer que as culturas do linho, do cânhamo e do algodão, a pesca diversificada e da baleia, a construção de baleeiras e de lanchas e a produção de farinha de mandioca, de café e de rendas de bilros foram, sem dúvida, as que tiveram maior êxito dentre os imigrantes que se assentaram na Ilha de Santa Catarina durante o período de 1760 a 1860.

Hoje, na Lagoa, visualiza-se um panorama distinto das atribuições descritas como divididas entre homens e mulheres, já que, com a urbanização e as transformações inscritas, as atividades acabaram sendo posicionadas de outra maneira. Contudo, o homem continuou desempenhando a função de "mantenedor", trabalhando, na maioria das vezes, em empregos informais ofertados pela atividade turística ou em atribuições advindas da pesca. Em algumas localidades, como na Barra da Lagoa ou na Costa da Lagoa, a atividade pesqueira ainda promove um grande número de empregos. No entanto, as atividades da casa, que incluem o cuidado com os filhos, parecem ter continuado sob a responsabilidade da mulher, seja ela jovem, adulta ou idosa.

---

[103] Ver: PEREIRA, Nereu do Vale. *Contributo Açoriano para a Construção do Mosaico Cultural Catarinense*. Florianópolis: Papa-Livro Editora, 2003.

Na maioria dos casos visualizados, percebe-se que a mulher mais jovem, com idade entre 25 e 40 anos, busca algum tipo de trabalho externo, não assumindo a atividade de rendeira. As mulheres das novas gerações parecem procurar a profissionalização não apenas como meio de sustento, mas como "status" social, econômico e cultural. Almejar novas possibilidades profissionais faz parte do cotidiano desta geração, que se opõe às suas descendentes, uma vez que suas antecessoras, até aproximadamente vinte anos atrás, mantinham a confecção de renda de bilros como um apoio aos rendimentos do marido e desenvolviam o trabalho em âmbito domiciliar, geralmente sob encomenda.

> Até meados da década de 1950, Florianópolis foi uma cidade pequena, com precária infra-estrutura e apenas alguns balneários. A partir dos anos sessenta, com a abertura de novos órgãos públicos, entre eles a UFSC e a Eletrosul, expandiram-se as oportunidades de emprego, aumentando o número de habitantes. Durante os anos 1960 e 1970, como capital do estado, a cidade expandiu o setor terciário, principalmente as repartições públicas, criando-se poucas empresas industriais e comerciais.[104]

A migração[105] para os centros urbanos em busca de oportunidades de trabalho ocorreu com maior intensidade a partir dos anos 70, considerando a abertura de possibilidades para homens e mulheres. Assim, iniciou-se uma nova fase no cotidiano das mulheres da Lagoa da Conceição, que até esse momento encontravam-se no lar apenas com a possibilidade de obterem ganhos a partir da

---

[104] LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero, Raça e Etnia: Trajetórias de vida de mulheres migrantes.* Florianópolis, SC: Ed. da UFSC; Chapecó, SC: Argos, 2003. p.61.

[105] Essa migração se refere à saída dos homens e mesmo das mulheres dos espaços da Lagoa para o centro de Florianópolis, que se distanciava da configuração de comunidade litorânea e, ao mesmo tempo, rural, onde se plantava, criava animais, tecia rendas e se cuidava dos peixes. Quanto à expectativa dos homens em relação a essa migração, se tem uma busca por cargos públicos da prefeitura de Florianópolis e também por trabalhos nas áreas comerciais, tidas como as mais oferecidas.

venda de rendas e de produtos alimentícios que elas mesmas produziam, tais como frutas, verduras e legumes, além de ovos, porcos, galinhas, entre outros.

Até 1970, a educação parece ter sido focalizada na figura masculina, como destaca Dona Zaliá[106], em suas memórias da infância sobre a escolarização: "Naquele tempo era difícil... Tem os pais que não gostam de botá filha na escola. É botava só os filhos homem". A depoente afirma, portanto, que a maioria dos pais que moravam na Costa não deixava as filhas estudarem. As meninas deveriam, então, ficar confinadas em casa para aprender prendas domésticas – tais como cozinhar, lavar, passar, costurar, bordar, tricotar e fazer renda – e para ajudar as mães em suas atribuições cotidianas. Dessa forma, percebe-se que o universo da mulher era apreendido desde a infância enquanto uma experiência comum no campo onde habitava.

Geralmente, as meninas, já aos cinco anos de idade, começavam a acompanhar os "deveres" da mãe, e aos sete anos iniciavam-se no "saber-fazer" das rendas de bilros. Esse ensino-aprendizagem exercia funções distintas no cotidiano, já que, além das técnicas das conhecidas "prendas domésticas", eram ensinados outros "saberes", entre os quais regras, normas, religião, ética, moral e principalmente a conduta que a figura feminina deveria assumir na vida. Assim: "olhar, a fala, o gesto são aqui mais importantes do que a organização espacial. É através da confecção comum do enxoval que a mãe transmite à filha saberes, tanto públicos quanto privados".[107]

A passagem do "saber-fazer" renda de bilros aos sete anos de idade, em média, configurava-se como um "modelo" a ser seguido pelas mulheres

---

[106] Depoimento de Dona Zaliá Francisca Laureano, em 9 de janeiro de 2004. Esta senhora, que foi entrevistada em seu domicílio, na Costa da Lagoa da Conceição, é rendeira e dona-de-casa e nasceu em 11/07/1926.

[107] PERROT, Michele. Op. cit. p.54.

descendentes de açorianos, que geralmente habitavam o campo. Com a migração de famílias para outras localidades, e em especial para os centros, o universo feminino foi, paulatinamente, incorporando outras necessidades e atribuições. Então, o que era tido como tradição até os anos 70, passou a ser considerado trabalho.

Este tipo de atividade fez parte do cotidiano feminino como uma tradição passada de mãe para filha e, concomitantemente, como um trabalho feminino que visava obter ganhos extras para a própria mulher e para a família. Tinha ainda a finalidade de organização dos enxovais e peças para a casa. Com as saídas dos homens, geralmente pescadores, que ficavam por longos períodos em alto mar, as mulheres mantinham-se com o que lhes era mais fácil e conhecido, ou seja, com a venda de produtos alimentícios e de rendas.

A partir dessas percepções acerca das atribuições femininas na Lagoa, tem-se uma certa visibilidade de como era a vida cotidiana no que tange ao trabalho e suas diferenças. Contudo, não se pode igualmente inferir que todas as mulheres seguiam um só padrão comportamental. As habitantes da Lagoa da Conceição provavelmente viveram comportamentos distintos, dependendo da estrutura familiar e do fator sócio-econômico e sócio-cultural das famílias. Porém, quando se aborda o comportamento feminino das rendeiras, deve-se ressaltar que este fazia parte de um território onde as relações familiares eram bastante parecidas no cotidiano.

A mulher que morava em um dos recantos da Lagoa, e em especial na Costa da Lagoa, tinha uma vida praticamente “isolada”. Neste isolamento[108], percebe-se um movimento de restrição específica ao entorno da casa.

[108] Os habitantes das comunidades rurais da Ilha tinham dificuldade de acesso ao centro da cidade por terra e dependiam bastante de barcos para levar ao mercado urbano o pescado e os produtos agrícolas que comercializavam. LAGO, Mara Coelho. *Modos de Vida e Identidade: Sujeitos no processo de urbanização da ilha de Santa Catarina.* Florianópolis, SC: UFSC, 1996. p.105.

As atribuições que não eram desempenhadas no interior do lar permaneciam nas intermediações da agricultura, já que as mulheres tinham que explorar uma atividade do meio rural[109], pois não teriam condições de se deslocarem por conta da falta de meios de transporte. Também faltavam energia elétrica, água encanada e telefone, o que tornava até mesmo as relações com outras pessoas algo complicado. Por esta dificuldade de comunicação e deslocamento, a convivência se mantinha apenas entre os membros da família e os vizinhos mais próximos.

> ... de primeiro a vida era mais dificuldade, né. Hoje com tudo isso como tá... mas hoje em dia... as veis ainda alguém pergunta: Oh Dona Zaliá, então assim, como é a vida agora, é melhor... o no tempo de criança? Não acho que agora é melhor, né. Naquele tempo era mais difícil, não tinha essas barcas grandes como tem agora, pra ir no centro. Nóis atravessava esses morro aqui, era uma dificuldade. Meu pai pra ir lá embaixo fazê compra era de canoa de remo...[110]

Os óbices encontrados para sair da Costa da Lagoa podiam ser percebidos pela própria localização espacial, que tornava penosa a saída da mulher do âmbito doméstico, já que dificilmente ela pegaria uma canoa para ir remando até o centro da Lagoa, para depois seguir até o centro de Florianópolis. Portanto, as mulheres poderiam sair da Costa apenas pelas trilhas, fazendo caminhadas distantes e com certo grau de dificuldade, o que impedia freqüentes deslocamentos, principalmente em períodos chuvosos.

---

[109] Sobre a divisão do trabalho por gênero nas comunidades da Ilha de Santa Catarina, em especial sobre o campesinato, percebe-se uma oposição entre a casa e a roça (dentro e fora) e entre trabalho "pesado" e "leve", que eram as justificativas dos tipos de trabalho exercidos pelo homem e pela mulher. Geralmente, o trabalho "leve", como os serviços de casa, era feito pela mulher e o "pesado", como a produção na agricultura, pelo homem. Dessa divisão, verifica-se certo ordenamento de atividades, mas não exclui tarefas "pesadas" para a mulher. Ver: GARCIA JÚNIOR, Afrânio; HEREDIA, Beatriz. Trabalho familiar e Campesinato. In: *Revista América Latina*, 14 (1-2), 1971.

[110] Depoimento de Dona Zaliá Francisca Laureano, em 9 de janeiro de 2004. Dona Zaliá relata a questão da dificuldade de deslocamento que tinha no passado e afirma que agora existe maior facilidade.

> A gênese das cidades se deu em torno de uma área central, e sua ocupação reproduzia a divisão do trabalho e a diferenciação social, resultante dessa divisão. Assim, as atividades econômicas e sociais das elites detentoras do poder, como também suas residências, convergiam para o "centro" das cidades, áreas privilegiadas, de fácil acesso, concentradoras de comércio e serviços, além de merecedoras das atenções da administração pública, através de obras de infra-estrutura e melhoria urbana. As zonas periféricas, de acesso mais difícil, relegadas pelo poder público, destinavam-se para as classes trabalhadoras.[111]

Dessa forma, devido à própria inserção geográfica e às condições do cotidiano, a mulher seguia um certo padrão em suas atribuições. As habitantes que viviam em outros espaços, tais como o Centro, o Canto ou a Barra da Lagoa, também não parecem ter incorporado, até os anos 70, outras atribuições além das tarefas da casa, da criação dos filhos e da confecção das rendas. Pode-se dizer, ainda, que as mulheres que não eram rendeiras não tiveram tantas diferenças no que se refere ao trabalho, já que desempenharam tarefas exclusivamente femininas.

Ao longo dos anos 70, as mulheres foram, paulatinamente, se inserindo no mercado de trabalho formal e informal, buscando ocupações nas áreas centrais, seja na Lagoa ou em Florianópolis. As gerações de mulheres que nasceram a partir dessa década já se diferenciaram das anteriores, sobretudo devido às novas necessidades de profissionalização.

[111] LAGO, Mara Coelho de Sousa. Op. cit. p.58.

Nesse período, as mulheres passaram a exercer algumas atividades tidas como masculinas, como é o caso do trabalho externo. Entretanto, nos diversos recantos da Lagoa, as atribuições com o lar foram mantidas em todas as gerações que pertenciam às classes sociais menos privilegiadas.

2.3 COTIDIANO DO LAR: PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS

Para o presente estudo, enfrentar o desafio de focalizar a vida das mulheres que habitam os territórios[112] da Lagoa significa repensar as noções de cotidiano, para buscar apreender o sentido que este possui para as diversas categorizações desse dia-a-dia. Assim, ao contextualizar as noções de cotidiano, posicionar-se-á sob a ótica que o visualiza como: "A vida cotidiana é a vida do homem inteiro. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho, da vida privada, os lazeres, o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação".[113]

Na medida em que todos os "fatos" ocorrentes no dia-a-dia se incorporam à vida cotidiana, tem-se um universo disseminado de valores e crenças, virtudes e defeitos, além de uma infinidade de repetições e incorporações que tornam a vida instável e estável ao mesmo tempo. No trabalho pode haver uma estabilidade temporal e de atividades, na vida privada pode haver grandes adversidades e monotonias, e em outras atividades, como o lazer ou o descanso, o mesmo acontece.

Dessa forma, as pessoas passam a vida inteira imersas no seu cotidiano, muitas vezes sem questioná-lo ou sem tirar dele ações que podem ser importantes para a configuração do conhecimento ou do auto-conhecimento.

> A característica dominante da vida cotidiana é a espontaneidade. É evidente que nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível, assim como tampouco uma mesma atividade apresenta-se como identicamente espontânea em situações diversas, nos diversos

[112] Território deve ser entendido como construção social vivida pelos sujeitos sociais, onde se elaboram formas, funções, feições e sentimentos de pertencimento.
[113] HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.18.

> estágios de aprendizado. Mas, em todos os casos, a espontaneidade é a tendência de toda e qualquer forma de atividade cotidiana. A espontaneidade caracteriza tanto as motivações particulares (e as formas particulares de atividade) quanto as atividades humano-genéricas que nela têm lugar.[114]

Na vida cotidiana são inseridas todas as motivações, tanto as particulares e individuais quanto as coletivas, abrangendo, de certo modo, a família como um todo. A mulher e o homem possuem cotidianos distintos, sobretudo devido às suas diferentes formações, necessidades e motivações. As diferenças visualizadas nos respectivos cotidianos demonstram também as atribuições de cada um no tempo e no espaço onde se encontram.

Falar em cotidiano implica agregar a ele o tempo, o espaço, o gênero e as atribuições. Antes de abordar a questão de diferenciação do dia-a-dia da mulher, é preciso rememorar o seu papel enquanto determinadora da estrutura, da administração e da personalização do espaço do lar. Nesse sentido, as atribuições que tornam o cotidiano feminino distinto do masculino e que contextualizam as motivações e as necessidades do gênero, pontuam o que foi alterado na atualidade e o que se manteve ao longo dos anos para as mulheres rendeiras da Lagoa.

Depois de verificadas as questões que permeiam as atribuições femininas, há a necessidade de relacioná-las com a visão que se criou das mulheres imigrantes e, em especial, das imigrantes portuguesas. Assim, percebe-se que, ao longo dos anos:

> A imagem das mulheres imigrantes transmitida através dos tempos foi a de incansáveis, fortes, trabalhadeiras e corajosas. Eram consideradas boas donas de casa, trabalhadeiras e econômicas; com intensa disposição estavam sempre realizando tarefas, cozinhando, limpando, bordando, vendendo e cuidando dos filhos. Como esposas, desempenhavam na família um papel ativo, contribuindo para a renda, participando das decisões familiares e formando outras mulheres. Neste sentido, tiveram um papel de destaque como trabalhadoras e como mantenedoras das tradições e conhecimentos de transmissão oral.[115]

As mulheres da Lagoa da Conceição não fizeram diferente. Elas criaram uma imagem de trabalhadeiras, fortes, batalhadoras e econômicas, contribuindo, assim, tanto no labor diário como na agricultura e nas demais atribuições que não eram necessariamente femininas. Essas mulheres traziam para o lar, ainda, rendimentos da venda de suas rendas ou de produtos alimentícios que elas mesmas se incumbiam de produzir.

Em uma das falas de Dona Norma, foram revelados alguns fatos do cotidiano de sua mãe e algumas de suas atribuições:

> A minha mãe vendia ovos lá no mercado pra uma senhora que era muito amiga dela e ficou rica. Ela levava 24 dúzias de ovos... galinha caipira, tudo. Ela vendia ovo, cuidava dos filhos, da casa, fazia renda e ainda trabalhava na roça... [116]

As competências das mulheres conferiam-lhe uma imagem de trabalhadeira e contribuíam para a formação de uma identidade; contudo, elas eram definidas também como mulheres de pescadores que viviam em meios pobres.

---

[115] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho.* Bauru, SP: EDUSC, 2002. p.48.
[116] Depoimento de Dona Normélia Barcelos Felisberto, Dona Norma, em 02 de novembro de 2001.

Posteriormente, alguns passaram a considerar que elas haviam mudado principalmente com a urbanização e com a redefinição do "açoriano" ou do descendente deste, re-significando as antigas conotações.

Em 1948, as caracterizações de inserção econômica e social das mulheres rendeiras em Santa Catarina ligavam-se a alguns aspectos geralmente depreciativos. Em geral, elas eram associadas "ao meio pobre, de famílias de pescadores, descendentes dos antigos açorianos que vieram para a ilha de Destêrro em meiados do século XVIII".[117]

Existe ainda uma conotação para estas mulheres da Ilha que as percebe como rendeiras que personificaram a própria identidade em função de sua maior atribuição. É possível exemplificar melhor esta percepção quando algumas pessoas são questionadas sobre rendas no centro de Florianópolis, pois se ouve sempre as mesmas respostas: "as rendeiras estão lá na Lagoa!", "rendas só com aquelas senhoras mais antigas que moram lá na Lagoa", "aqui não tem rendeira de verdade, as rendeiras só tem mesmo é lá na Lagoa". Portanto, os próprios moradores ou comerciantes de Florianópolis dizem que as rendeiras são as mulheres mais "velhas".

Sobre o cotidiano das rendeiras, o que se visualiza é que, além da dedicação diária à confecção das rendas, elas ocupam-se das atividades domésticas – limpeza e organização da casa – e do cuidado dos filhos, em horários determinados por elas mesmas mediante suas necessidades.

Normalmente, as rendeiras iniciam a confecção do artesanato de manhã, por volta das nove horas, quando os filhos já saíram para a escola e o marido para o trabalho. Então, elas sentam-se em frente à almofada e começam a tecer as rendas.

---

[117] RAMOS, Arthur; RAMOS, Luíza. *A Renda de Bilros e sua Aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro: Publicações de Etnografia e Etnologia, 1948. p.42.

Nesse momento, algumas gostam de cantar as antigas cantigas de ratoeira que aprenderam com as mães e avós nos tempos de criança. Um pouco antes do meio-dia, elas começam a preparar o almoço; neste período, elas já organizaram suas casas. Após o almoço, recomeçam a tecer as rendas, e, no final da tarde, preparam o jantar.

Existe um tempo que essas mulheres reservam para organizar o trabalho doméstico e o trabalho externo. As que não exercem nenhuma atividade externa, tecem as rendas sempre calculando os momentos de execução de cada tarefa, seja com a casa, seja com o processo de tecer. O cuidado com o lar ainda está fortemente arraigado nas atribuições das mulheres; mesmo sua figura tendo tomado outro rumo com a profissão de artesã, elas ainda respeitam essas "obrigações".

Deste mesmo assunto trata a seguinte referência, elaborada em um trabalho na área de Antropologia que trata do trabalho artesanal feminino e, especialmente, do cotidiano das mulheres que foram entrevistadas:

> O cotidiano da mulher que faz renda é o das "voltas da casa", expressão utilizada por todas as informantes para designar as tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, limpar e arrumar. Seu dia de trabalho começa, em geral, pelas cinco da manhã, qualquer que seja a sua idade, pois, do contrário, não poderá fazer a renda...[118]

Portanto, o cotidiano dessa mulher foi sendo modificado e também mantido em alguns sentidos – mesmo para as que exercem algum tipo de tarefa externa, formal ou informal –, não deixando de contar com a sua participação efetiva nas tarefas domésticas diárias. O que se manteve, ao que parece, foram as atividades

[118] BECK, Anamaria. (org.). *Trabalho Limpo: a renda de bilro e a reprodução familiar.* Florianópolis, SC: Imprensa Universitária, 1983. p.18.

praticadas única e exclusivamente pelas mulheres, sejam elas mães, filhas ou netas, tais como a limpeza, a organização e a manutenção da casa, o cuidado com as crianças e a preparação do alimento.

Quando a mãe trabalha fora, ou mesmo quando faz ou vende rendas, as filhas ficam com a maior parte dos trabalhos domésticos. O homem ainda parece exercer a função de mantenedor da casa, trabalhando fora e trazendo o sustento para a família. Entretanto, essa postura tem sido vista com outros olhos, pelo menos pelas mulheres mais jovens que exercem atividades fora de casa, mas ainda desenvolvem as tarefas internas e externas ao lar. Dessa maneira:

> A postura passiva das mulheres mais velhas contrasta com aquela menos passiva das mulheres mais jovens. Deve-se salientar que, conforme a rapidez com que as transformações vão atingindo estas pequenas localidades, distintas motivações levam a mulher a deixar a renda. Por exemplo, entre as mulheres mais velhas poucas passaram pela experiência de um trabalho fora de casa, antes do casamento. Porém, o mesmo não acontece com as mulheres mais jovens, cuja experiência de trabalho, anterior ao casamento, é totalmente desprezada pelo marido, que deseja reproduzir o modelo tradicional da família, garantindo-se a partir de uma postura autoritária e paternalista.[119]

Com o passar dos anos, as atribuições diminuíram e os descendentes passaram a escrever uma nova versão para a vida cotidiana. As tradições parecem diminuir e as atitudes e comportamentos das pessoas em geral passaram a tomar um rumo diferente, mais parecido com os novos modelos educacionais, sociais, econômicos e culturais. Resta saber se essa postura hoje assumida pela maioria das

[119] Ibidem. p.24.

mulheres, deixando de lado suas “tradições” e imergindo em busca de trabalho nos centros das cidades, tornar-se-á cada vez maior ou diminuirá com a necessidade do diferencial, das raízes, tão difundidas na localidade pelos meios de comunicação.

Durante muitos anos, a tradição da confecção de rendas manteve suas peculiaridades e singularidades, simbolizando elementos intangíveis da cultura, o que pode ser visualizado nas seguintes colocações:

> A confecção da renda de bilro era uma atividade demarcada de uma “cultura feminina” na comunidade (...). Até alguns anos atrás, o momento em que a menina começava a fazer a renda (em geral, seis ou sete anos de idade) demarcava o seu ingresso em uma nova etapa (...). Apesar de ser uma tarefa individual, a confecção da renda reunia, na casa, mulheres de várias gerações, que passavam uma para outra o seu conhecimento.[120]

A figura do provedor passou a partilhar sua função com a figura feminina. Aos poucos, a mulher foi ocupando um local de destaque dentro da estrutura familiar. Neste momento, houve uma ruptura nas mentalidades, passando a dona-de-casa a ter uma outra característica quando começou a fazer rendas com o intuito de manter financeiramente a família.

Mesmo neste contexto, essa mulher não deixou suas obrigações domésticas, apenas assumiu mais uma obrigação: a profissão de rendeira. O homem, por sua vez, continuou exercendo tarefas ligadas à pesca, ao trabalho em serviços públicos e ao comércio, que, em muitos casos, tornou-se informal. Existem, segundo as entrevistadas, muitos homens que se tornaram vendedores ambulantes nas praias,

[120] MALUF, Sônia. Op. cit. p.39-40.

comercializando camisetas, chinelos, água de coco, refrigerantes e muitos outros produtos característicos de localidades litorâneas. Sobre esse comércio, cita-se:

> Nos meses de verão, em toda orla marítima, particularmente nas praias da Barra da Lagoa, Canasvieiras e Ingleses, era possível encontrar, passeando através dos vendedores, as mercadorias mais díspares entre si: roupas (de camisas de times de futebol a maiôs, macaquinhos e cangas), espetos de carne, equipamentos de pesca, chapéus e bolsas de palha e couro, colares e pulseiras artesanais, relógios e óculos "paraguaios", algodão doce, banana recheada, bebidas (água mineral, refrigerantes, sucos e cervejas), artigos de "prata" e "ouro", sorvetes e picolés e, nas barracas de ponto fixo, milho verde, cachorro quente, pastéis e caldos de cana, além de outras bebidas.[121]

Os homens também se adaptaram às novas possibilidades comerciais, voltando-se ao comércio formal e informal, embora muitos, ainda hoje, se dediquem à pesca, partindo para o mar diariamente. Dessa maneira, as permanências e mudanças nas tradições, bem como os conflitos delas estabelecidos, posicionaram suas características imersas nas novas tendências.

Hoje, as características do trabalho exercido pela mulher na sociedade em geral desmistificaram o ambiente doméstico como seu único lugar. Esta não deixou, portanto, de exercer suas "funções domésticas", porém passou a assumir novas tarefas.

---

[121] OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: Uma crítica à indústria pós-moderna.* Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 1998. p.103.

> Transformações nos padrões culturais e nos valores relativos ao papel social da mulher, intensificados pelo impacto dos movimentos feministas desde os anos 70, e pela presença cada vez mais atuante das mulheres nos espaços públicos, alteraram a constituição da identidade feminina, cada vez mais voltada para o trabalho produtivo.[122]

Sob esta perspectiva, pode-se dizer que a mulher assumiu um trabalho remunerado tanto pelas mudanças culturais como pela necessidade de conquistar novos espaços na sociedade. Passou, dessa forma, a garantir, muitas vezes, a manutenção da família, como é o caso de muitas rendeiras não só da Lagoa, como de outras partes do Brasil.

> A literatura referente ao trabalho feminino tem mostrado que, apesar das conquistas das ultimas décadas, as mulheres ainda enfrentam barreiras, ocupam os lugares menos privilegiados na economia, ganham menos do que os homens e têm condições de trabalho mais precárias. Alguns indicadores, como posição na ocupação, rendimentos, horas trabalhadas, registro em carteira e contribuição à Previdência Social, têm sido utilizados para mostrar a maior fragilidade do trabalho feminino em relação ao masculino.[123]

Pode-se dizer que o ambiente familiar vem assumindo novas possibilidades de mudanças e adaptações. Na Lagoa da Conceição, a presença feminina no universo profissional está mudando a imagem da antiga estrutura familiar, o que também reflete nas novas gerações, pois este trabalho artesanal deixou de ser uma prioridade na vida da mulher. Um dos principais motivos de preocupação dentro desse novo contexto se refere à manutenção das rendas de bilros e à

---

[122] SAMARA, Eni Mesquita. *Trabalho Feminino e Cidadania.* São Paulo: Humanitas; FFLCH - USP, 1999. p.35.
[123] Ibidem. p.44.

conservação do seu processo, uma vez que sua continuidade está em constante risco de se perder.

Para continuar com a abordagem das questões que permeiam as mudanças e as permanências no âmbito doméstico, algumas colocações podem ser mencionadas:

> Olha as vezes eu converso com as minhas filhas assim, as vezes elas olham pra mim e dizem: mãe, lembra daquele tempo... Olha quanta coisa nós temos agora... Mas apesar do que nós temos, o padrão de vida de agora, tem o que botar na mesa, vestir, comer e beber do bom que a gente sempre procura fazer, mas eu prefiro ainda aquele tempo... Da carne, peixe, a cebolinha verde, arroz, acho que era só, o resto tudo a gente fazia. Até sabão pra lavar roupa a gente fazia. Então eu digo pra minhas filhas... filha a gente dançava de tarde, namorava de tarde, passeava durante tarde, se brincava era assim uma coisa sadia. Hoje a gente tem medo até de sair da porta pra fora de casa na rua, hoje até a Lagoa, até os manezinhos que é uma coisa que a gente não esperava é drogas, é bebida, é na escola é na rua. Eu pelo menos se pudesse voltar atrás eu voltaria. Eu preferia ser pobre mas queria ter a minha vida que eu tinha antes. Não que seja rica, mas tenha minha vida boa, não posso reclamar, o ensino a educação, a benção pros pais, a benção pros tios...[124]

Apesar do posicionamento nostálgico de Dona Silvia, a vida cotidiana do lar manteve alguns padrões, como se pode perceber em suas próprias atribuições. Os deveres com a casa, com os filhos e com a renda continuam fazendo parte da vida de Dona Silvia. O que parece ter mudado foram os comportamentos e as facilidades percebidas nos novos eletrodomésticos e equipamentos eletrônicos que facilitaram a comunicação.

[124] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004. Dona Silvia fala sobre as diferenças e permanências de outros tempos.

No entanto, dizer que o passado era melhor indica a tendenciosidade dos discursos das pessoas mais velhas que se deparam com uma questão de valores, especialmente quando algo que era melhor é lembrado. No entanto, sabe-se que as adversidades sempre existiram, já que nos outros tempos também havia problemas e dificuldades. Dessa forma, as filhas de Dona Silvia falam das diferenças e sobretudo das melhorias na qualidade de vida, não necessariamente em todos os aspectos da vida cotidiana. Conforme abordado sobre a memória como função social, uma colocação parece pertinente a essa dicotomia de tempo:

> Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-a para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.[125]

Nesse sentido, as memórias de Dona Silvia sobre as diferenças temporais refletem a posição de que em seu tempo de criança as tradições tinham outro tipo de valor. Ela, de certa forma, se sente então desiludida com a questão do desinteresse das filhas com relação à manutenção da tradição, mas, concomitantemente, quer que elas tenham um futuro profissional promissor, conforme demonstrou quando relatou sobre as conquistas que tiveram ao entrarem na faculdade. Dona Silva falou também sobre a continuidade da tradição:

---

[125] BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.* 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.82.

> Eu conheço a Ilha inteira né, eu tenho cinquenta e três anos, mas eu espero que assim quando eu morrer, que as minhas filhas que tem habilidade, que sabe fazê, continuem pra renda não acabá.[126]

Em outro momento de seu depoimento, esta mesma senhora afirma que recolheu de outra época o alento para se refazer da nostalgia que sentiu na viagem que fez aos Açores, onde verificou que as tradições perderam ainda mais força do que na própria Lagoa.

> ...foi muito bonito pra mim eu mostrar a minha tradição, tinha muitas senhoras e jovens que choravam assim perto de mim e até eu ficava emocionada e chorava junto, somente assim na Ilha do Pico, é porque elas disseram que lá acabou a tradição da renda de bilro. Quando a avó, a bisavó e a mãe morreram a renda foi junto...[127]

Assim:

> Os hábitos locais resistem às forças que tendem a transformá-los, e essa resistência permite perceber melhor até que ponto, em tais grupos, a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais. Com efeito as cidades se transformam no curso da história.[128]

Portanto, sempre existem resistências às mudanças oriundas de qualquer posição; no entanto, algumas são mais difíceis de aceitar do que outras, como é o caso da extinção de determinadas tradições. Talvez a defesa da continuidade do processo de confecção das rendas de bilros tenha sido impulsionada pelos próprios

---

[126] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em julho de 2004.
[127] Idem.
[128] HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva.* São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. p.136.

discursos difundidos nos últimos anos sobre a necessidade de “preservação” da memória.

Especialmente a Dona Silvia, por ser membro-participante da Casa dos Açores[129] (que possui uma sede na Praça XV de Novembro, no Centro de Florianópolis) e por acompanhar os objetivos da entidade, acaba tendo outra visibilidade acerca da necessidade de continuar a tradição.

Conforme anteriormente abordado, as mulheres que nasceram a partir da década de 70 possuem um cotidiano distinto das gerações anteriores, mas não deixaram de desempenhar algumas funções tidas ainda como especificamente femininas, tais como cuidar da casa, dos filhos, do marido e da administração do tempo. As tarefas domésticas não deixaram de existir; os eletrodomésticos e eletro-eletrônicos que foram incorporados na vida cotidiana facilitaram a organização e a operacionalização das tarefas diárias, mas não as extinguiram.

As inovações tecnológicas que o crescimento urbano trouxe, sem dúvida, mudaram as perspectivas para as novas gerações, que já não se vêem com tantas diferenças de gênero. No entanto, apesar das mudanças no sistema educacional, que hoje não difere as formações de meninas e de meninos tanto quanto antes, ainda existem muitas discrepâncias entre os sexos.

As tarefas estritamente masculinas e femininas parecem estar se estreitando no que se refere à formação dos filhos; mas, por outro lado, nas atribuições ligadas ao cotidiano do lar, as diferenças ainda se mantêm. As meninas geralmente são mais ligadas às mães e, por isso, acabam ajudando nas tarefas domésticas, embora fazer rendas já não faça parte do cotidiano dessa geração.

[129] A Casa dos Açores pertence à Fundação Catarinense de Cultura e fomenta as diversas atividades culturais da Ilha, além de desenvolver projetos de preservação e recuperação da memória.

Conforme apontado por Dona Silvia, aprender a confeccionar rendas era uma obrigação para o gênero feminino:

> Eu via a minha mãe, minhas tias, minhas irmãs mais velhas fazendo. Aí com cinco anos o meu pai já fez o bilro, o caixãozinho e uma almofada pra mim. Aí a minha mãe boto na minha frente e me disse agora você vai ter que fazer isso aqui. E eu disse ah mais eu não gosto. Sempre assim meio vaidosa, eu não queria aprender. E ela me disse ou aprende ou vai trabalhar na roça. Mais eu queria estudar. Mais não tem como estudar filha. Aí tive que fazê a renda... Foi nesse esforço que a minha mãe me deu, vai fazer, ou ir pra roça, mas na roça o sol era muito quente, aí eu preferi faze a renda. Deixando sempre de ladinho, brincava mais do que trabalhava... Mas foi assim aquela cobrança que a minha mãe cobrava e até o meu pai cobrava de noite, cadê tua tarefa? Ele chegava e dizia: Olha tens que fazer todo esse pedaço aqui. Ele chegava da roça e mandava acabar a tarefa. A minha mãe era melhor pra gente. Ele acendia a luz de querosene, uma pomboca que a gente chamava enchia o nariz da gente de fumaça e a gente tinha que fazer até acabar, enquanto não acabasse não podia sair dali. Mas eu acho que pegou tanto gosto que até hoje eu adoro fazer renda...[130]

Essa obrigatoriedade do aprendizado deixou de ter importância para as mulheres com o crescimento urbano e as novas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Portanto, mesmo sendo considerada uma tradição feminina, aos poucos, a renda foi perdendo o sentido de continuidade no processo geracional tanto para as mães, que deixaram de obrigar as filhas a aprenderem seu processo de confecção, quanto para as filhas, que não vêem futuro para a tradição. Assim, foram sendo incorporadas outras necessidades no cotidiano.

---

[130] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004. Dona Silvia rememora como aprendeu a fazer rendas com a mãe e como isso foi incorporado em sua vida cotidiana como uma obrigatoriedade.

Quando Dona Silvia se refere à conduta do seu pai enquanto “cobrador” de suas tarefas, não significa que a importância dada por ele à confecção de rendas era maior que a dispensada para a cobrança das suas outras atribuições. O pai a cobrava, possivelmente, porque era uma tarefa a ela delegada, cabendo a ele assim educá-la. Entende-se, por conseguinte, que o pai não necessariamente agia dessa maneira na tentativa de obrigá-la a fazer a renda para vender ou para manter uma tradição, mas para lhe disciplinar.

As dificuldades para ir à escola, como a falta de iluminação e de meios de transporte, são sempre relembradas nos discursos das depoentes. No entanto, quando se fala das diferenças percebidas entre ontem e hoje, as entrevistadas, em sua maioria, se posicionam de forma nostálgica, dizendo que o tempo de outrora era melhor do que o atual. Pensar nessas distinções é também tentar perceber as entrelinhas do que não foi dito ou, ainda, do que se queria dizer.

Em alguns diálogos, as depoentes se referiram ao sentido que a renda tinha para o seu tempo, mas que, no entanto, parece ter se diluído com o passar dos anos. Sobre esta questão, pode-se agregar a própria função que o aprendizado tinha.

Como já visto, às mulheres cabiam os cuidados com a casa e os filhos, além da confecção de rendas, dos afazeres com a agricultura e das outras tarefas tidas como “corriqueiras”. Porém, a partir do momento em que apareceram novas possibilidades e facilidades, o sentido da tradição mudou e parece ter perdido sua função, sobretudo quando as mulheres deixaram de ficar confinadas no lar, passando a ter uma certa “liberdade” de escolha sobre suas próprias vidas. Os padrões anteriormente instituídos deram, então, lugar a novas possibilidades para a sociedade em geral, e não apenas para essa comunidade.

Pensar nas questões que permeiam as mudanças e as permanências no lar e na vida das mulheres rendeiras é tentar traçar um paralelo entre as gerações. Se fixada uma temporalidade entre três gerações distintas, avó, mãe e filha, percebe-se que, diante das transformações da estrutura familiar, da nova postura frente ao trabalho externo e das mudanças que ocorreram na cidade e nas mentalidades, fica mais fácil identificar o que permaneceu e o que foi incorporado, adaptado, alterado e transformado neste contexto.

Para traçar este paralelo que se pensou, buscar-se-á temporalizar cronologicamente estas gerações. Ao utilizar como intermediária dessas temporalidades a Dona Silvia Maria Vieira, nascida em 1951, pôde-se perceber que, aos cinqüenta e quatro anos de idade, esta mulher passou por inúmeras mudanças, mas também teve em seu cotidiano uma série de permanências. Destas atribuições que foram mantidas, destacam-se as tarefas domésticas, a produção das rendas e o cuidado com as filhas. Segundo suas colocações, as incorporações no seu cotidiano permeiam as facilidades advindas da tecnologia dos materiais, objetos e aparelhos domésticos e eletrônicos.

A incorporação da televisão, do computador e do telefone, as mudanças nos meios de transporte, o crescimento da cidade, as ruas asfaltadas, as facilidades de comunicação e as adaptações percebidas na alimentação e no vestuário fazem parte do seu universo e do cotidiano de suas filhas. Porém, as adaptações a essa nova realidade trazem consigo maiores dificuldades para a sua geração. As filhas já incorporaram essas mudanças, pois nasceram em outro tempo, em que as condições espaciais e estruturais já se apresentavam de forma distinta.

Essas diferenças são percebidas nos detalhes da vida cotidiana, mas grande parte das questões ainda permanece, como as atribuições femininas, que, ao longo

dos anos, sofreram incorporação de novos elementos, não deixando de serem consideradas “obrigações” da mulher.

2.4 TRABALHO E GÊNERO

As memórias podem ser descritas como experiências vividas que perpassam toda a vida do ser humano. Na infância, se ouve as memórias dos pais e dos avós; na adolescência e na juventude, começam as produções das próprias memórias; na idade adulta, tem-se um arcabouço de memórias da infância, da juventude e da própria idade adulta. No entanto, é na velhice que as memórias parecem se manifestar de maneira mais contundente.

As reminiscências são refeitas a cada corte temporal que as pessoas fazem ao trazer os fatos do passado para o presente. Dessa forma, num mesmo instante, a pessoa, apesar de estar no presente, pode pensar em fatos do passado e projetar-se no futuro. Essa questão temporal da memória pode ser percebida como algo intangível e complexo. Assim:

> ... Quando evoco um passado distante, eu reabro o tempo, me recoloco em um momento em que ele ainda comportava um horizonte de passado próximo hoje distante. Portanto, tudo me reenvia ao campo de presença como à experiência originária em que o tempo e suas dimensões aparecem em pessoa, sem distância interposta e em uma evidência última. É ali que vemos um porvir deslizar no presente e no passado.[131]

Para as pessoas mais velhas, projetar recordações significa, de certa forma, voltar no tempo e tentar sentir e perceber as mesmas sensações experimentadas nos variados momentos da vida. Assim, quando se pergunta a alguém sobre sua

[131] PONTY-MERLEAU, Maurice. *Fenomenologia da Percepção.* São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.557.

infância, geralmente os “bons momentos” são recordados, pois sobre as experiências desagradáveis a pessoa diz: “não gosto nem de me lembrar”.

A História Oral é o meio com o qual se busca a memória no tempo. Nas narrativas de memórias e experiências, busca-se também puxar o fio que se entremeia de outras questões, além da memória. Dentro desta perspectiva, busca-se o cotidiano, o lazer, o trabalho, a família, as gerações, as questões de gênero, entre muitas outras categorias que podem aparecer nas narrativas.

Dessa forma, existem diversas perspectivas que podem ser trabalhadas na questão da memória. Em relação ao corpo, tem-se a seguinte referência:

> No que diz respeito à memória, o papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta graças à eficácia real que lhe confere, a lembrança útil, aquela que completará e esclarecerá a situação presente em vista da ação final.[132]

A escolha das memórias está relacionada à importância que lhes é atribuída pelo indivíduo, à ação e à reação que os fatos específicos provocaram nele. A memória individual é configurada de diferentes formas e sob diversas perspectivas para cada pessoa, mesmo que o fato seja idêntico.

Para exemplificar essa questão, pode-se contextualizar a seguinte situação: supondo que todos os membros de uma família experienciaram uma mesma ação, pode-se dizer que, se as pessoas forem questionadas sobre tal ação, narrarão os fatos de acordo com as respectivas percepções. Ou seja, as respostas serão diferentes, mesmo sendo sobre uma mesma situação, experimentada sob as

---

[132] BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.* São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.209.

mesmas circunstâncias por todos. Isso acontece porque a importância dada ao fato é diferente para cada sujeito.

Sendo assim, existe uma certa dificuldade em categorizar as experiências individuais e coletivas. Porém, essa percepção do individual e do coletivo tange apenas ao fato de que as experiências são permitidas por meio das memórias individuais e coletivas, que distinguem o grau de importância do fato e de suas vertentes.

Pensar na importância da memória coletiva é, antes de tudo, reconhecer sua importância e relevância para a sociedade, assim:

> ...a memória coletiva não é apenas uma conquista: é também um instrumento e um objectivo de poder. As sociedades nas quais a memória social é principalmente oral, ou as que estão em, vias de constituir uma memória coletiva escrita, permitem melhor compreender esta luta pelo domínio da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.[133]

Dentro da perspectiva da História Oral, o depoimento só tem sentido quando relacionado ao grupo do qual faz parte:

> ... a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados.[134]

---

[133] LE GOFF, Jacques. *História e Memória: II Volume. Memória.* Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000. p.57.
[134] HALBWACHS, Maurice. Op. cit. p.16.

A memória individual parte das experiências no coletivo; assim, para pensar as memórias, há a necessidade de uma sincronização do indivíduo dentro de um espaço e de um tempo, percebendo as experiências sociais vividas dentro de uma coletividade.

Nesse sentido, em relação à questão da associação com a projeção das recordações:

> Perceber não é experimentar um sem número de impressões que trariam consigo recordações que seriam capazes de complementá-las, é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível. Recordar-se não é trazer ao olhar da consciência um quadro do passado subsistente em si, é enveredar no horizonte do passado e pouco a pouco desenvolver suas perspectivas encaixadas, até que as experiências que ele resume sejam como que vividas novamente em seu lugar temporal. Perceber não é recordar-se.[135]

Portanto, a recordação pode ser uma descrição da abertura do tempo para o resgate das lembranças por meio das experiências vividas até o momento, projetando um olhar ao que já passou com a bagagem agregada até o momento. Isto é, quando se rememora coisas do passado, o que estava na memória é visto como algo que mudou de sentido no aqui e agora.

As lembranças das mulheres entrevistadas nos quatro recantos da Lagoa indicam como suas memórias estão quase sempre ligadas à questão do trabalho. Dessa forma, o trabalho perpassa a questão temporal e o cotidiano dessas mulheres na infância, na adolescência, na juventude, na idade adulta e na atualidade, uma vez que essa questão permeava e ainda permeia a maior parte do seu tempo.

---

[135] PONTY-MERLEAU, Maurice. Op. cit. p.47.

Pensar no tempo em sua multiplicidade é pensar em suas fragmentações:

> O tempo das crianças é lento, o dos adultos é rápido, o dos velhos ora parece lento, quando a reforma e o isolamento enchem o vazio os dias sempre iguais, ora veloz quando a vida se vê desaparecer. Nas cidadezinhas de província e nos bairros antigos, o tempo não passa tão depressa como na grande metrópole (...). Existe o tempo dos acontecimentos históricos e o tempo desconectado, com diferentes ritmos, intensidades e valores que se cruzam, as temporalidades também elas produzidas e diferenciadas.[136]

Apesar dessa questão temporal, as memórias são vislumbradas de formas diferentes; mas, no que se refere à busca destas pelas rendeiras, percebe-se que existe uma grande similaridade entre as questões de trabalho. Em uma dessas memórias, foi verificado o seguinte relato:

> Quando eu era pequena meu pai era lavrador, né. Ele era casado tinha filhos... ele tinha muito gado... aí com oito anos de idade ele já me levou lá pro campo. Tinha o gado pra tirar leite, né. Aí... aprendi muito... aí... quando era mocinha, né... eu costurava pra fora... ajudava minha mãe a panhá café, que naquela época todo mundo tinha chácara de café, né. Aí ajudei muito a minha mãe... lavava roupa e cuidava da casa junto com ela, né. Eh... meu pai cedo faleceu... faleceu com cinqüenta anos de idade e ficou dez filho na conta dela né. Eles eram quatro mulher e seis homem, né... aí foi todo mundo casando. Aí eu casei com vinte e três anos... aí meu marido montô um armazém... aí já caí novamente com a luta né... cuidando do barcão... cabo de um ano e poco eu tive meus filhos... aí

[136] SALGUEIRO, Teresa Barata. Espacialidades e temporalidades urbanas. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. *Dilemas urbanos: Novas abordagens sobre a cidade.* São Paulo: Contexto, 2003.

> depois com um ano e poco que eu tive o primeiro filho já tive outra menina, duas menina... aí depois eu tive outro... outro garoto... hoje eles tão com mais de cinqüenta e... ah... uma tá com quarenta e sete ano... a Angela e a Sônia tá com quarenta e cinco e o Januário, o mais moço, tá com quarenta e três anos...é trabalhando a vida toda né... e eu fazia tudo em casa memo, nunca botei empregada dentro da minha casa, tinha o barcão era bem típico daquela época né, que não existia supermercado... não existia mesmo. Aí você viste... aí eu também comprava gás, eu cuidava do gás eu tirava leite... chegava Natal o primeiro do ano eu não tinha sossego... trabalhava com leite... aquela época a gente era nova, né... e... era nova e não tinha preguiça de trabalha, não tinha moleza de trato, e ele pescava... ele trazia a noite assim na pescaria, eu cuidando do peixe... da casa, né... e agora depois foi que ele teve um problema de joelho... que ele faleceu... já faz dezenove ano que ele faleceu... aí fechei o armazém porque armazém não podia mais aguentá né... aí ficou a aposentadoria dele e... inda tô fazendo renda ainda... aonde que a Norma falô, né... que passasse aqui pra eu explicar pra ti... que faço renda... e ainda cuido da minha casa, né... minha casa não é muito boa mas pra gente vive tá bom né? O que ganho é meu... É naquela época a gente, nóis era não é como agora ... é assim... meus avô morava nesse sítio aqui que era deles... do meu marido compro né... e era tudo lavrador... essas coisa de fora eles pra aqui... a gente não tinha...[137]

Os aspectos da vida cotidiana da depoente, quando rememorados, apresentam-se sempre ligados às tarefas que tinha obrigação de fazer. Quando evoca a abertura no tempo para posicionar-se sobre a infância, a adolescência, a juventude e a vida adulta, sempre se volta para o trabalho feminino, seja ele no âmbito do lar, na agricultura ou na confecção de rendas.

---

[137] Depoimento de Dona Francelina Dorvalina Martins, em 14 de janeiro de 2004. Dona Francelina , que foi entrevistada no Canto da Lagoa, fala do seu cotidiano na infância e comenta como foi o seu trabalho no decorrer dos anos.

A posição sobre como era a vida cotidiana, descrita como repleta de dificuldades e de trabalho, reflete uma perspectiva social que era, de certa forma, tida como comunitária. Desde a vinda dos primeiros açorianos, os sujeitos já apresentavam esses traços solidários e de ajuda mútua entre os próprios elementos da família e entre outros membros da comunidade.

As tarefas eram divididas conforme o número de filhos e as suas idades. Em geral, as meninas ficavam em casa ajudando as mães, enquanto os filhos saíam com os pais para pescar ou para auxiliar na agricultura, que também passou a ser um meio de sustento. Conforme relatou Dona França, todos os seus familiares, desde a geração dos seus avós, eram lavradores e trabalhavam no campo tanto para subsistência quanto para comercializar os produtos colhidos, que neste caso era o café.

Além de desempenhar as tarefas cotidianas da casa, ela já costurava “pra fora”, o que define um perfil do trabalho feminino dentro do lar, pois, para a mulher, ainda não existia a opção de trabalho externo que não fosse direta ou indiretamente ligado à casa ou ao seu entorno.

No tempo que ela rememora, comumente os casais tinham muitos filhos, para garantir a continuidade do trabalho e a ajuda para ampliação dos bens. Esse quadro era percebido em quase todas as famílias que habitavam a região da Lagoa e suas proximidades.

Quando relembra o passado, Dona França, como é chamada, sempre se posiciona frente às dificuldades na infância, geralmente relacionadas ao trabalho. Em nenhum momento ela reclamou de suas tarefas ou afirmou que não queria ter feito isso ou aquilo; no entanto, reconstruiu fragmentos que remetem ao seu trabalho

e argumentou: “naquela época a gente era nova, né... não tinha preguiça de trabalhá... não tinha moleza de trato...”.

Na percepção da depoente, as pessoas do seu tempo de infância eram trabalhadoras e esforçadas. Em seu discurso, Dona França afirmou que fazia quase todos os serviços da sua casa e ainda ajudava os pais em outras tarefas. Essa ajuda mútua parece ter sido uma construção social que representou para aquela sociedade algo comum.

As crianças no meio rural sempre trabalharam, era uma seqüência lógica do exemplo dos pais e uma ajuda considerada indispensável à família. Não se tem conhecimento de famílias que deixavam os filhos em casa sem nenhuma tarefa, já que se constatou que todos os membros da família tinham algumas funções.

Com a expressão “não tinha moleza”, Dona França queria dizer que não se vê na sociedade atual o mesmo comportamento que se via no período em que era criança, pelo menos nas áreas urbanas. Sobre as dificuldades da infância, ela relatou:

> Quando eu tinha mais ou menos uns oito anos de idade fui à escola. Olha eu caminhava mais ou menos uns oito quilómetros o mais... Perto ali do lique... vinha passava essa estrada toda de chão, eu e mais dois irmãos. Estudava aqui na frente, abaixo do Badejo. Antes de chega no morro do Badejo. Tinha uma escola ali. Saia de casa às oito horas da manhã, ia correndo naquela época, né. E saía do colégio mais ou menos meio dia... era longe pra caramba. Todo santo dia...[138]

O recanto de Dona França é o Canto da Lagoa, mas, se percebe que, indiferente do espaço, as dificuldades estruturais e econômicas eram as mesmas

[138] Depoimento de Dona Francelina Dorvalina Martins. Entrevistada em 14 de janeiro de 2004.

encontradas nos demais recantos que foram abordados por outras rendeiras nascidas na mesma década.

Aos quase 72 anos de idade, Dona França continua fazendo rendas e cuidando da casa. Ela também pratica exercícios físicos com um grupo de senhoras, que se reúne algumas vezes por mês para fazer rendas e trocar “conversas”. Aparenta disposição para passear, viajar, fazer compras e ir à igreja nos finais de semana. Mora sozinha, vende as rendas que produz à Dona Norma, que, por sua vez, as revende em sua loja, localizada na Avenida das Rendeiras.

2.5 GÊNERO E MEMÓRIA: LEMBRANÇAS DE OUTROS TEMPOS

A criação dos laços familiares se entremeia às questões pertinentes à vida cotidiana da mulher. A filha sempre esteve mais ligada à mãe, o que era reflexo da própria configuração da estrutura familiar. Nas histórias de vida das mulheres renderias, se percebe que a convivência com as mães, avós, tias e outras figuras femininas com laços familiares era muito comum no cotidiano das meninas.

A configuração do lar e das atividades das mulheres criou elos de contínuo aprendizado tanto para a manutenção de uma tradição feminina, quanto para a criação da figura feminina. À mulher cabia entender de “prendas domésticas” e formar uma nova família, atribuições que foram, ao longo das gerações, sendo passadas através de alguns ensinamentos transmitidos de mãe para filha ou de avó para neta. Tais doutrinamentos não se referiam apenas à confecção de rendas, mas à postura, à ética, à religião, à moral e ao comportamento. Como o território onde habitavam não lhes oferecia muitas opções, restava às mulheres o maior envolvimento com as questões domésticas.

A criação de laços familiares faz parte das trajetórias das rendeiras que tinham uma aproximação maior com suas antepassadas. Ao invés de estudar e trabalhar fora do âmbito doméstico, como é o caso das novas gerações, as mulheres se dedicavam à própria estrutura da casa e às atribuições tidas como estritamente femininas. As filhas ficavam, quase o tempo todo, junto à mãe e às demais mulheres que se juntavam para tecer rendas. Nessas reuniões, aprendiam muito e ouviam histórias.

Dessa abordagem, percebe-se que:

> Apesar de ser uma tarefa individual, a confecção da renda reunia, na casa, mulheres de várias gerações, que passavam uma para outra o seu conhecimento. Era um dos espaços de sociabilidade feminina. Com a crescente urbanização econômica e cultural da comunidade nos últimos anos, essa relação com a renda modificou-se.[139]

Nas trajetórias de vida das rendeiras da Lagoa da Conceição, sobretudo no que se refere à confecção das rendas de bilros, fica implícita a análise do contexto familiar, que define com melhor clareza o papel da continuidade dos membros da comunidade parental, entre permanências e mudanças, em meio a conflitos e rebeldias e à aceitação do "aprender-fazer" rendas por diversas gerações de mulheres.

Pôde-se verificar, entre as rendeiras da Lagoa, a existência de muitos laços sangüíneos na comunidade e de casamentos com parentes de segundo e terceiro graus, conglomerando, assim, uma diversidade de parentescos.

Sobre a história familiar, especialmente no recorte escolhido para a pesquisa de campo com estas rendeiras, pode-se identificar algumas indagações que reforçam a questão da continuidade do processo de fazer rendas, pois:

> Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou a migração pessoal para uma nova comunidade. De modo especial, a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode até mesmo ir

[139] MALUF, Sônia. Op. cit. p.40.

> além de sua morte. Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história.[140]

As memórias das rendeiras estão diretamente ligadas ao trabalho, o que parece ser uma das características mais marcantes do cotidiano dessas mulheres, que, com seus cinqüenta, sessenta ou setenta anos de idade, rememoram suas trajetórias de vida por meio da confecção das rendas de bilros. Ao mencionar as reminiscências das rendeiras da Lagoa em diferentes territórios, identificou-se, como já abordado, os depoimentos por meio da categoria trabalho, sendo esta dominante em meio aos discursos proferidos.

Ao se referir à sua infância, Dona Silvia pondera as seguintes colocações:

> Mas olha naquele tempo a gente passava dificuldades, plantava na roça batata doce, tinha o leite de vaca, tinha boi, cavalo, porco. Não era sempre que podia matar um boi, um porco, porque a gente não tinha geladeira. Fazíamos lingüiça, mais o que era mais era peixe. Mais tinha que pescar fresco, porque estragava. Naquele tempo a gente ficava ajoelhada na beira da Lagoa, fazia varal na praia, escalava o peixe ali na Lagoa e salgava, tudo na própria Lagoa. Passava o dia inteiro escalando o peixe... [141]

Nos dias de pesca, Dona Silvia passava o dia todo trabalhando, já que essa era uma tarefa que cabia também à mulher. O homem trazia os peixes, que, quando não vendidos, eram deixados para a mulher escalar e salgar. Conforme Dona Silvia, os peixes não podiam ser pescados em abundância para consumo próprio, pois sua

---

[140] THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história Oral.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.21.
[141] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004.

família não tinha geladeira para conservá-los. Então, as mulheres deveriam ajudar na venda de camarões fritos e de peixes, que eram levados para Florianópolis.

Em outros momentos, ela faz uma analogia ao passado, relembrando-o como sendo melhor do que os tempos atuais; no entanto, em seu próprio depoimento sobre o trabalho e os alimentos dos quais dispunha, ela fala "das dificuldades" que passavam. Portanto, no mesmo diálogo, Dona Silvia se lembra do passado com dificuldades, mas o considera como "bons tempos". Isso faz com que a memória seja, de certa forma, tida como fragmentada, dividindo-se em etapas: "é dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de parente, formatura, casamento, empregos, festas...". [142]

Ao relembrar o tempo da sua infância, Dona Norma faz uma separação das tarefas e das diversões, dividindo o tempo entre o "brincar" e o "trabalhar". Dessa forma, o passado foi rememorado de maneira nostálgica, e como se fosse melhor que o presente.

> Tive uma infância muito boa... muito... arrumava a casa e corria brincar. Ia pra escola e ia brincar... a minha mãe arrumava a casa e eu ia brincar... ela chamava pra almoçar... almoçava... cada dia era dia de um lavar louça. Ela não lavava louça. Nós é que lavava... aí lavava eh... as vezes fazia renda as vezes brincava... ela botava tarefa, né! Tarefa assim: hoje é sua vez fulano! De lava louça. Cada dia era dia de um. Me lembro também das corrida, da farra do boi, bolo na chapa de fubá... batata cozida... tomava café com leite, tirado na hora assim, quentinho ainda... sabe que aquela época era muito bom... existia tudo quanto feitinho, na hora. Agora eh esse remédio de bota nas planta é que tá matando todo mundo...[143]

---

[142] BOSI, Ecléa. Op. cit. p.415.

[143] Depoimento de Dona Normélia Barcelos Felisberto, Dona Norma, em 02 de novembro de 2001. Dona Norma fala do seu tempo na infância, dos momentos que mais gostava, das comidas, do leite tirado na hora, das brincadeiras e das festas.

Os fragmentos de memória são também frações das etapas da vida e do grau de importância que cada indivíduo agrega aos momentos. Indiferentemente do tipo de fragmentação, as memórias femininas parecem ligadas a fatos da vida.

Quando relembra eventos da vida cotidiana, a depoente evoca também um passado que se emaranha numa trama de fatos coletivos, pois, dessa forma, o remete a algumas injunções que acabam por fazer parte do que vivia em família, tanto no que se refere aos problemas quanto às alegrias e aos prazeres.

Pensar nos fragmentos da memória é pensar na divisão do tempo de vida, ou seja, no tempo de criança, de jovem, de adulto, de velho. Segundo essa conotação de tempo de vida, uma colocação que se apresenta como eixo para a reflexão infere:

> ... A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude. Aquela riquíssima gama de mudanças afetivas de pessoas, de vozes, de lugares...O território da juventude é transposto com o passo mais desembaraçado. A idéia madura com passo rápido. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza. Mas , não: é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro...[144]

Assim, quando fala sobre o trabalho na infância, abordando que “passava o dia inteiro escalando o peixe”, a entrevistada refere-se a um tempo longo do dia, o que não significa necessariamente que ela passava a manhã, a tarde e a noite fazendo o

[144] BOSI, Ecléa. Op. cit. p.415.

mesmo trabalho, mas que as horas se configuravam de forma diferente, passando lentamente.

Sobre a escola, ela se lembra especialmente das dificuldades financeiras e da ausência de materiais escolares, focalizando sempre a questão de que teve que "fazer rendas". Assim:

> Com os papelzinhos da venda que embrulhava açúcar e feijão, a gente ia lá pedir pro dono da venda uns pedaços de papel pegava um lápis e ia pra escola escrever. Aí eu tirei o primeiro e segundo ano primário. Daí foi uma turma minha, quatro amigos meus estudar na Trindade, tinha que ir a pé daqui na Trindade, só que os pais deles deixaram, aí o meu pai não deixou, eu tinha doze anos, jamais ele ia me deixar ir a pé na Trindade com os amigos. Aí tive que fazê a renda...[145]

Dona Silvia recorda as dificuldades e a "vigilância" que os pais tinham em relação à saída dos filhos da Lagoa. "Trindade" era, na verdade, um bairro vizinho, mas de difícil acesso, uma vez que o deslocamento era dificultado pela ausência de meios de transporte. As crianças levavam cerca de uma hora e meia para chegar até a escola; além disso, como a aula era no período noturno e não havia iluminação, andar por entre as trilhas era motivo de preocupação para os pais, que acabavam não permitindo a continuidade dos estudos.

As etapas ou os tempos da vida eram diferentes do contexto contemporâneo. Naquela época, as crianças não podiam apenas estudar, brincar e ter seu espaço de socialização, pois delas eram cobradas tarefas em forma de trabalho, muitas vezes até "braçal", como escalar o peixe. O trabalho tornava-se, na contextualização da

[145] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004.

vida cotidiana, um meio não apenas de subsistência e de ajuda mútua, mas uma forma de formação de identidades e de caráter, que possibilitaria a sua formação enquanto agricultora, artesã entre outras "prendas" que proveriam seu futuro sustento. Assim, a depoente comenta sobre a venda dos produtos que em família eram produzidos:

> A renda depois a gente descobriu que tinha uma senhora que vendia lá na Caixa Econômica, lá na Praça XV né. Aí a gente vendia pra ela. Tinha dia que recebia na hora, tinha dia que deixava fiado pra vendê. Os turistas chegavam lá na cidade e elas vendiam no Hotel. Era o Hotel Royal e o Oscar parece. Aí depois a máquina fez a estrada, a prefeitura abriu a estrada e quando chovia não passava carro. Depois começaram a descobrir a Lagoa. Aí aqui eu me lembro que era tudo areia. Aí a gente adorava quando atolava um carro... A gente ficava sentada na porta das casas fazendo renda. Aí os carros vinham cá e colavam na areia e nós deixávamos umas tábuas pra ajudar. Aí ganhávamos umas moedinhas... Aí eles viam a gente fazer renda e adoravam e nós pedíamos um dinheirinho e eles sempre davam mais. Nunca davam o que a gente pedia. Mais não sabíamos cobrar. Aí quando a gente tava acabando, quanta renda eu vendi sem acabamento. Quanta renda eu vendi de oitenta centímetro como se fosse de um metro. Não sabia se eles voltariam... e precisava do dinheiro. Vendia um metro por aquelas moedinhas...[146]

A lembrança do trabalho é ressaltada porque fazia parte do universo familiar; todos os membros da família tinham atribuições que se desenrolavam na ajuda mútua para que melhores condições de vida fossem conseguidas.

A venda de produtos alimentícios ou de rendas parece sempre estar presente na vida das mulheres da Lagoa, podendo-se perceber, assim, que essa conotação

[146] Depoimento de Dona Zaliá Francisca Laureano, em 9 de janeiro de 2004.

de tradição também tinha um cunho de trabalho, que servia para ganhar dinheiro e ajudar na manutenção financeira da casa.

Dona Zaliá, ao lembrar das diferenças ao vender a renda no seu tempo de infância e atualmente, rememora:

> Pois é, de primeiro não tinha esse turista assim, sabe, mas só que de primeiro a economia era mais econômica, né. Tudo era mais barato, a renda era mais barata também, mas dava de comprar as coisas. E hoje em dia a renda vale poco. Pra nóis que fizemos. Pra quem compra pra revendê pros turistas, já aí é outro caso, né, aí o lucro é pra elas porque também o seguinte, assim, eu faço, vô lá embaixo e vendo, eu vendo pa Sílvia, essa que ocê falô aí, lá do Retiro. A gente vai lá e vende, e recebe na hora... Elas não. Elas compram esse ano e muitas não vende esse ano. Fica dum ano pra outro, que nem, todo ano tem concorrência, né. Fazê tudo isso assim, um pouco assim... de dificuldade, hoje já ninguém qué fazê, as minhas noras não fais, as netas... tem duas netas, não sabe fazê.[147]

Ao falar sobre a venda das rendas, Dona Zaliá ressalta que no seu tempo de criança o custo das rendas era menor, assim como a possibilidade de vendê-las. Na verdade, esse conceito de mais barato ou mais caro também faz parte das temporalidades, nas quais as pessoas acreditam que ganhavam mais ou menos. Essa questão perpassa o olhar da política-econômica de cada época.

Entretanto, a depoente diz que, para quem revende as rendas, existe uma maior probabilidade de ganhos, e, para quem as faz, não há lucro. Num diálogo informal, Dona Zaliá contou que vende as rendas para as lojas, que as revende, pois, segundo a rendeira, as pessoas não iriam até a Costa (onde ela mora) para

[147] Depoimento de Dona Zaliá Francisca Laureano, em 9 de janeiro de 2004.

comprá-las porque é muito distante do centro. De qualquer forma, ela continua a fazer rendas até hoje.

De suas memórias de festas e brincadeiras ela pontua:

> De primeiro quando nóis era criança nóis fazia festinha, né, cantava ratoeira, brincava de bonequinha, tinha aquelas brincadeira que a gente fazia, essas coisas assim, fazia vestidinho, fazia... costurava, umas com as outras assim, assim de brincadeira, né. Aí a gente se formava a costurá e também costurava um pouquinho... tudo de brincadeira né, porque aprendi com a minha mãe. Porque hoje em dia tem que fazê curso, né. Precisa tê estudo. E onde eu me criei... eu e a minha mãe... eu fui aprende a costurá um pouquinho... eu costurava um pouquinho também.[148]

Quando se lembra do tempo das brincadeiras, nota-se que as meninas brincavam de tarefas que teriam no futuro, tais como costurar, bordar e tricotar. Dessa forma, pode-se dizer que os modelos de brincadeiras também são construções de representações culturais. A mulher era, nesse sentido, o modelo para as meninas, que se tornariam mulheres e se incumbiriam de tais funções.

Ao talhar as visibilidades inscritas nas memórias das rendeiras, inscreve-se o cotidiano, o trabalho e a relevância dos fatos narrados. Ao abrir a discussão sobre questões que tangenciam gênero e trabalho, se percebe os conflitos temporais que desenham a trajetória feminina. A continuidade desse processo por meio da confecção da renda de bilros será apresentada em seguida.

[148] Idem.

IMAGEM 18 – "CONTOS DE RENDEIRA". IN: NEVES; ANDRÉ. SEBASTIANA E SEVERINA. SÃO PAULO: DCL, 2002. P.09.

III – RENDAS: SIGNIFICADOS, PRENDAS E FUNÇÕES

IMAGEM 19 – MONUMENTO DAS RENDEIRAS.
AUTORA: ELIS REGINA BARBOSA ÂNGELO. 2004.

3.1 TERRITÓRIOS E CULTURA MATERIAL

Neste capítulo, será abordada a tradição feminina do “saber-fazer” renda, bem como seus significados, formas, estilos, cores e, principalmente, a utilidade do artesanato enquanto elemento da cultura material açoriana, tentando perceber modismos, gerações e sensibilidades no passado e no presente. Num segundo momento, adentrar-se-á na vida cotidiana das mulheres, buscando apreender a divisão desse cotidiano nas suas temporalidades.

Iniciando esse percurso, deve-se entender que, ao pensar no território como uma construção de experiências e permutações culturais, o espaço no qual se inscrevem as trocas sociais para a construção de territórios está intimamente ligado aos tempos.

O tempo se faz presente na composição dos traços que vão inscrever as histórias e memórias de um local. Assim:

> A concepção do espaço apresenta-se umbilicalmente ligada à concepção de tempo. A transformação de um implica imediato ajuste do outro. Compreender o espaço passa, sem a menor sombra de dúvida por com preencher o tempo, sendo que o âmbito desta afirmação não se alinha simplesmente com as preocupações dos físicos a respeito da natureza destas importantes grandezas físicas. Tratamos o espaço como uma forma de manifestação da cultura. Sendo assim, transformações nas estruturas culturais provocadas pela evolução do conhecimento ou, melhor dizendo, da cultura (como no caso do tempo), implicam transformações no modo de ocupação do espaço. Dessa forma, espaço e tempo apresentam-se como fundamentais, indissociáveis textos culturais.[149]

[149] SILVA, Maurício Ribeiro da. *Espaço e Cultura: uma leitura semiótica da cidade.* Dissertação, Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2000. p.47-8.

No que se refere ao espaço, o que se percebe é que, indiferente do tempo, suas formas e dimensões seguem uma estruturação associada ao que os homens construíram e como se deu esse processo temporalmente. Já o tempo parece ser algo complexo, de difícil apreensão e compreensão.

A idéia de tempo representada permeia o passado, o presente e o futuro, e, de certa forma, não se relaciona com o ser humano de maneira simplista. Assim:

> O passado não tem entrada, o futuro não tem saída, situado na posição intermediária, é tão breve e inapreensível, que não possui extensão própria e parece reduzir-se à conjunção do passado com o futuro. É tão instável que nunca fica no mesmo lugar; e tudo aquilo que é por ele atravessado é retirado do futuro para ser entregue ao passado.[150]

Quando se pensa no passado para rememorar fatos do presente, se abre um recorte no tempo e inicia-se um relembrar que, a cada instante, já não é mais presente, é futuro. O tempo passa a ser relevante quando se apropria do espaço e do território enquanto formações temporais de memórias e histórias.

O tempo ou os tempos devem ser apreendidos enquanto criações. Para melhor explicitar essa idéia, parte-se da questão da construção dos territórios por meio das temporalidades, sendo que:

> Cada lugar, embora ligado a uma totalidade que se auto constrói ao longo da história, tem sua especificidade relacionada ao entrecruzamento dos tempos diferenciados. Nosso ponto de partida é o tempo presente, impresso na forma da metrópole como morfologia que revela o entrecruzamento de tempos impressos nas formas, presentes nos hábitos, portanto um tempo que se refere a um espaço

[150] ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.64.

> e, com isso, diz respeito a uma história humana urbana como realização da vida no espaço e através dele.[151]

O espaço e o tempo são construções que, ligadas às memórias, se desenham na realização da vida e se inscrevem nos hábitos, nas formas, nas cores e nos estilos, numa formatação de especificidades identitárias, capaz de produzir em determinadas temporalidades características distintas.

Para pensar como foram construídos os espaços e sendo desenhados os hábitos, as construções, as formas e os estilos nos variados recantos da Lagoa, é preciso olhar para os aspectos físicos, temporais, culturais e econômicos dos diversos sujeitos que os formaram, dando a estes suas especificidades e identidades. Tentar verificar como estes espaços foram sendo diferenciados ao longo do tempo significa entender as identidades ali inscritas. Dessa maneira:

> ... as representações e identidades sociais influenciam a elaboração das imagens espaciais dos indivíduos. Se considerarmos a sócio-espacialidades das representações veremos que os lugares mudam de atrativo em função daqueles que os ocupam, ou seja, a orientação afetiva dos habitantes de uma cidade ou bairro aparece nas práticas urbanas e está em correspondência com os lugares escolhidos para se estar...[152]

O pertencimento ao espaço se refere aos traços nele desenhados, de forma a estabelecer uma ligação simbólica e emocional num contexto social. Pode-se dizer que: “A identificação da pessoa com tais aspectos de seu mundo físico começa a

---

[151] CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-Tempo na Metrópole: A Fragmentação da vida cotidiana.* São Paulo: Ed. Contexto, 2001. p.46.
[152] KUHNEM, Ariane. *Lagoa da Conceição: Meio ambiente e modos de vida em transformação.* Florianópolis, SC: Ed. Cidade Futura, 2002. p.63.

aparecer a partir da totalidade de experiências do meio ambiente físico que ela teve durante os seus primeiros anos de formação...".[153]

As lembranças do lugar caracterizam uma identificação pessoal e física e partem de experiências sociais que demarcam uma localidade e onde inscrevem as suas memórias.

Além do posicionamento sobre a identificação do espaço enquanto uma formação cultural construída, há o elemento material que constitui um legado capaz de manter viva a construção social e cultural de uma comunidade por longos períodos de tempo. Dessa forma, constituiu-se uma visibilidade sobre o "saber-fazer" e sobre a materialização da renda de bilros como um dos mais relevantes elementos da cultura material.

Considerar a renda de bilros como elemento da cultura material açoriana é considerar uma técnica e, ao mesmo tempo, uma arte que se manteve ao longo do tempo no cotidiano das mulheres rendeiras como uma tradição e como uma "prenda doméstica", alternando-se entre sua utilidade e suas funções no universo feminino.

Pode-se dizer que ocorreram mudanças, permanências, incorporações, adaptações e transformações que, de alguma forma, preservaram alguns dos seus traços mais resistentes ao tempo e ao espaço e também às transformações advindas de cada época. Esses traços, tanto nos objetos materiais como no imaginário e nos elementos imateriais, foram, de algum modo, preservados com algumas mudanças, que, dentro da própria perspectiva de permanência, podem ser assim consideradas:

> Qualquer alteração na cultura, sejam traços, complexos, padrões ou toda uma cultura, o que é mais raro. Pode ocorrer com maior ou

[153] Ibidem. p.70.

> menor facilidade, dependendo do grau de resistência ou aceitação. O aumento ou diminuição das populações, as migrações, os contatos com povos e culturas diferentes, as inovações tecnológicas, as catástrofes, as depressões econômicas, as descobertas fortuitas, a mudança violenta de governo etc. Podem exercer especial influência, levando a alterações significativas na cultura de uma sociedade.[154]

A cultura material, assim como os outros elementos de uma cultura, se adapta às configurações temporais e espaciais, não sendo, portanto, algo estático, mas algo em constante remodelação. Pensando este mote sob a perspectiva das diferenças, pode-se dizer que:

> A enunciação da diferença cultural problematiza a divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima. Trata-se do problema de como ao significar o presente, algo vem a ser repetido, relocado e traduzido em nome da tradição, sob a aparência de um passado que não é necessariamente um signo fiel da memória histórica, mas uma estratégia de representação da autoridade em termos de artifício do arcaico.[155]

As rendas passaram por algumas alterações ao longo das gerações de mulheres que configuraram o espaço da Lagoa da Conceição, se modificando, por exemplo, com a questão da profissionalização da rendeira. Com o passar dos anos, as rendas se diversificaram em suas cores, nas novas aplicabilidades em materiais e em produtos de uso pessoal, ganharam novos fios e linhas, se adaptaram aos modismos de cada época, entre outras variações que, no entanto, não eram vistas

---

[154] MARCONI, Marina Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia*. São Paulo: Ed. Atlas, 2001. p.61.
[155] BHABHA, Homi. *O Local da Cultura.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p.64-5.

com facilidade. Por outro lado, ao mesmo tempo, as características das rendas se mantiveram por meio dos seus traços, das formas e dos instrumentos.

O artesanato de rendas pode ser considerado um dos elementos relevantes para a cultura material que salvaguardou permanências dentro do próprio conceito de mudança cultural, pois:

> Por vocação, o produto artesanal deveria ser o legítimo representante e a memória material de uma comunidade, revelada através dos traços, formas, funções e cores. Deveria ser o porta-voz das histórias e da cultura das comunidades produtoras, elaborado por mãos talentosas, mestres surpreendentes e grupos de aprendizes.[156]

A renda de bilros, por ser o produto artesanal mais conhecido e difundido da Lagoa da Conceição, é considerado como patrimônio material da comunidade de rendeiras. Todavia, faz-se necessário uma abordagem que reflita sobre essa conotação.

A renda também pode ser referenciada como uma metáfora do "jogo de espelhos"[157], e, assim, percebe-se que a população habitante da Lagoa passou a orgulhar-se da "açorianidade" a partir do momento em que os traços da cultura açoriana começaram a repercutir de forma positiva. A comunidade descendente de açorianos, então, reconheceu suas particularidades como diferenciais necessários para a conservação do passado e para a própria sobrevivência em meio às mudanças percebidas com o crescimento da cidade e de seu entorno.

---

[156] MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.). *Interpretar o Patrimônio: Um Exercício do Olhar.* Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2002. p.169.

[157] "Jogo de Espelhos: relações entre poder e cultura, a auto-imagem construída pelo grupo nas situações de contato, onde se pode perceber os processos de formação da consciência de si através do outro." NOVAIS, Silvia Caiuby. *Jogo de Espelhos: Imagens da representação de si através dos outros.* São Paulo: Editora da USP, 1993. p.27.

Sobre o repertório das singularidades dos traços e tradições culturais de Santa Catarina, é possível ouvir da comunidade e dos defensores da cultura açoriana sobre suas tradições e sobre as identidades que os diferem dos outros, e que, ao longo dos anos, foram distinguindo-os pela própria inserção de outras "culturas", como é o caso dos alemães, italianos entre outros grupos que se estabeleceram em Florianópolis e outras cidades do entorno.

Dessa forma, as identidades passaram a ser diferenciadas pelos seus atos, traços e tradições, que fizeram com que os grupos étnicos fossem, paulatinamente, percebendo suas particularidades e valorizando-as, sobretudo a partir do momento em que os outros ressaltaram seus respectivos diferenciais.

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significados e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.[158]

Pensar sobre como a identidade é partilhada e como se constitui, permite observar a imagem que se formará, implicando na seleção de atributos como elementos constitutivos das tradições açorianas, que nada mais são do que os que foram escolhidos pelas suas singularidades e que fazem parte do imaginário ilhéu.

Sobre a transmissão dessa cultura material, tem-se:

---

[158] Dessas questões que posicionam a trajetória das denominações de identidade, tem-se, na concepção de Stuart Hall, o surgimento do sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa e cristalizada, mas identidades que são múltiplas dentro de uma perspectiva temporal de utilidade de significados momentâneos na medida em que as representações culturais se movimentam. Ver: HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.* Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000. p.13.

> A minha mãe aprendeu nos Açores, que ela veio de Portugal, ela nem era daqui. Ela aprendeu com a mãe dela. Isso aqui é assim: a mãe aprende, aí ensina para as filhas. Ah! Depois as vós ensinam para as netas. É tudo assim de origem portuguesa. E vai passando...[159]

Ao referenciar a transmissão do "saber-fazer" das rendas, apreende-se o movimento pelo qual a tradição foi sendo passada de uma geração à outra. A maioria das rendeiras fala sobre o aprendizado como uma obrigação, à qual elas se submetiam porque não podiam ir à escola ou não queriam exercer outras atividades, como ir trabalhar na roça. Uma das entrevistadas considera o aprendizado como um imperativo: Ou aprende a fazer renda ou vai para a roça... Essa questão, possivelmente, era imposta para que as filhas tivessem a atividade como uma obrigação, que passaria a exercer certa influência em sua vida, não podendo ela simplesmente escolher fazer ou não.

As crianças provavelmente não tinham e nem têm a clareza do que devem ou não fazer. Nesse sentido, a confecção das rendas passava a ser uma obrigatoriedade para que desde cedo elas pudessem aprender e dar continuidade ao trabalho manual, tanto como uma tradição feminina quanto como um trabalho; dessa forma, elas não ficariam desocupadas.

Nesse tempo, por volta de 1940 até 1970, as crianças não eram obrigatoriamente colocadas na escola e, como foi visto no capítulo 2, as meninas não estudavam tanto quanto os meninos, pois passavam a aprender, principalmente após a quarta série do primeiro grau, as atribuições femininas e as prendas que

---

[159] Depoimento de Dona Normélia Barcelos Felisberto, em 02 de novembro de 2001. A depoente fala sobre a transmissão de mãe para filha do aprendizado das rendas e refere-se à Portugal com muito carinho e orgulho. Em suas entrevistas, sempre faz uma referência às tradições portuguesas com saudosismo pelas antepassadas e satisfação de seus diferenciais em relação aos outros grupos étnicos.

garantiriam o futuro do lar. Independente da sua classe social, a menina sempre foi diferenciada no que tange ao processo educacional, e, no que diz respeito às tarefas, pode-se dizer que sempre iniciavam suas atividades por volta dos seis ou sete anos de idade.

Assim, cabe ressaltar que o processo de aprendizagem da renda foi sendo, ao longo dos anos, legitimado entre as experiências femininas, tornando-se, de certa forma, reconhecido pela comunidade, pois era uma experiência compartilhada pelas mulheres da família e entre os parentescos.

A renda, enquanto elemento da cultura material, se posicionou por meio do ato repetitivo das diversas gerações, o que garantiu a objetivação das experiências compartilhadas, não apenas experiências de técnicas, mas também de histórias e memórias e de todo conhecimento próprio do universo feminino.

> Numa análise sobre cultura material, os aspectos formais e funcionais se associam à qualidade estética. No caso do artesanato da renda, aliado ao conceito de identidade cultural, evidente na questão da cultura e da memória, os conceitos de utilidade e de beleza se complementam. As rendas e suas diversas modalidades, (...) foram estudadas também por historiadores de arte que as classificaram como inseridas no contexto das artes decorativas.[160]

Portanto, a argumentação supracitada pertence às idéias voltadas para a história da arte, especialmente sob a perspectiva de que a renda de bilros, sendo um produto que se expressa de forma mais significativa dentre os demais elementos da cultura material, aponta para uma concepção do próprio significado que o objeto projeta.

---

[160] FLEURY, Catherine Arruda E. *Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo.* São Paulo: Annablume; Fortaleza: Ed. Secult, 2002. p.35.

> ...o objeto cumpre cartas finalidades e preenche, ao mesmo tempo, certas expectativas concretizadas no uso que se faz dele. O objeto seria, então, algo que afeta os olhos. Melhor dizendo, o objeto toca a sensibilidade, a emoção e, a partir daí, faz uso dele.[161]

Falta ainda contextualizar a cultura material sob a perspectiva dos estudos culturais, pois a mesma possui diferentes panoramas entre os conceitos voltados para uma abordagem antropológica ou histórica. No entanto, tal definição possui as mesmas dificuldades das definições de cultura, uma vez que a própria designação de história cultural problematiza discussões que, conforme apontado por correntes de pensamentos distintos, dificultam uma abordagem específica.

No entanto, utilizou-se para as discussões as abordagens que tentam perceber o sentido da cultura. Assim, tentou-se vinculá-la ao contexto histórico, percebendo que a sua análise se deve ao vínculo com os sentidos e valores de um determinado modo de vida, que, além de fazer parte de um sistema que não é estático, depende de um processo ativo de incorporação, seleção, ajuste, organização e interpretação de práticas, sentidos e valores.

Segundo alguns apontamentos feitos sobre a possibilidade de se definir cultura material, tem-se:

> Noção útil e utilitária na área de antropologia, ela também permite aos historiadores de qualquer período e de qualquer área cultural relacionar um conjunto de fatos marginais em relação ao essencial, o político, o religioso, o social, o econômico, em outras palavras, estudar “as respostas dadas pelos homens às sujeições dos meios em que eles vivem”. Essas sujeições acarretam reações a adaptações diversas através das quais o natural se revela

[161] ZOLADZ, Rosza W. *Cultura material: a celebração da etnografia.* Comunicação à XXI Reunião Brasileira de Antropologia/ABA. Vitória: Ed. UFES, 1998.p.2.

> fundamentalmente cultural, necessidades e desejos representados por objetos e valores.[162]

Das ponderações sobre os sentidos e valores dados a determinados objetos, percebe-se que a renda, enquanto um elemento arraigado em um processo tradicional, carrega consigo uma gama de sentimentos que podem ser interpretados como a cultura de um dado período, embora seja transmitida de geração em geração, carregando consigo mudanças e continuidades e, de certa forma, se (re)configurando com novas formatações.

> Uma geração pode treinar sua sucessora, com razoável sucesso, no que diz respeito ao caráter social ou ao padrão cultural usual, mas a nova geração terá sua própria estrutura de sentimento, à qual não parecerá ter surgido do nada. Pois aqui, mais perceptivelmente, a organização cambiante é decretada ao organismo: a nova geração responde, de maneira própria, ao mundo singular que está herdando e do qual recebe de maneira continuada muitas influências que podem ser rastreadas, reproduzindo, também, essa mesma geração, muitos aspectos da organização, que podem ser descritos separadamente...[163]

Ao se pensar em processos geracionais que congregam identidades que se descrevem por meio da cultura material, como é o caso das rendas de bilros da Lagoa da Conceição, deve-se pensar que as gerações que vão incorporando o

---

[162] ROCHE, Daniel. *História das Coisas Banais.* São Paulo: Rocco, 2000. p.12. O autor faz uma apropriação do conceito utilizado por Jean-Marie Pesez, abordando como a nossa cultura banaliza as funções e utilidades dos objetos. Daniel fala sobre a finalidade de se estudar a cultura material enquanto uma forma de conhecer a vida cotidiana, as formas de consumo e comercialização dos produtos e materiais e também conhecer e compreender a história econômica e social.

[163] ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Cartografias dos Estudos Culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini. Tese de Doutorado da ECA, USP, 1999. p.31.

aprendizado são sempre diferentes, apesar do processo ser passado da mesma forma que nos tempos anteriores. Isso acontece porque as novas gerações sempre possuem estruturas de sentimentos distintas dos antepassados, já que cada momento histórico é permeado de diferenciações não apenas em relação à modernização dos equipamentos que fazem parte da vida cotidiana, mas no que se refere a todos os avanços e mudanças percebidas no universo das pequenas coisas. Segundo Daniel Roche, que aborda as questões tidas como banais, a continuidade nunca será da mesma forma e, por isso, a cultura é dinâmica e entremeada de incorporações, seleções, ajustes, sentidos e valores.

Ao mesmo tempo, pode-se dizer também que a cultura carrega valores que foram mantidos por meio do tempo. Através das continuidades temporais e espaciais, as experiências sociais exprimem a formação de um sentimento de pertencimento a um grupo, a uma etnia e a tradições. Assim, os atos são experienciados por meio das identidades, que são fortalecidas com continuidades materiais e imateriais.

Sobre a questão do pertencimento, também existe a idéia de ressaltamento da identidade como referência:

> De toda essa tentativa de explicação, resulta ainda uma idéia para o conceito revisitado: identidade é também referência, ou seja, aquele conjunto de formas de ser de valores e de códigos nos quais as pessoas se reconhecem. Por outro lado, a adesão a esse conjunto desenvolve nas pessoas o aconchegante sentimento de pertença, que pode ser visto como estruturante do conceito em questão.[164]

[164] D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Intervenções da Memória na Historiografia: Identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. São Paulo, Revista da PUC n.17, Trabalhos de memória. p.279.

As identidades se formam sob traços de uma cultura, desenhados e escolhidos em meio aos processos tradicionais que definem padrões de conduta e de produções, com é o caso das continuidades percebidas nos variados recantos da Lagoa e também no Estado como um todo.

3.2 RENDAS: TRADIÇÃO E TRABALHO

A origem da renda de bilros ainda é muito discutida. Encontram-se referências de que seu surgimento tenha sido na Antigüidade, conforme demonstraria o desenho de um vaso grego, no qual se vê uma mulher cruzar fios distendidos por pesos de chumbo.[165] Outra referência sobre sua origem foi encontrada em um documento de partilha entre duas irmãs, em Milão, em 1493.[166]

Existe também um documento conservado na Biblioteca Real de Munique que aborda sua introdução na Alemanha, no ano de 1536, por negociantes provenientes da Itália e da Veneza.[167] Reporta-se ainda às origens de difusão das rendas de bilros a partir do Oriente, com o nome de *macramé*, passando a constituir as rendas *a piombini* (Grécia e Roma). Posteriormente, passou a ser chamada de rendas de bilros (Veneza e Flandres, na França), sendo difundida na Península Ibérica e no resto da Europa, chegando à América do Sul e, então, ao Brasil.[168]

Nesta pesquisa, focalizou-se as rendas de bilros produzidas pelos descendentes de açorianos da Lagoa da Conceição, bem como o papel deste tipo de trabalho manual na construção do patrimônio do local.

> O artesanato, antes de tudo, é o testemunho insofismável do complexo homem-natureza, e é por meio da cultura material que o domínio da técnica e do tipo de objeto estarão dizendo o espaço da feitura, ora pelos aspectos físicos, ora pela própria ideologia da cultura.[169]

---

[165] RAMOS, Arthur; RAMOS, Luíza. *A Renda de Bilros e sua Aculturação no Brasil*. Rio de Janeiro: Publicações de Etnografia e Etnologia, 1948. p.19.
[166] Ibidem. p.20.
[167] Ibidem. p.20.
[168] Ibidem. p.69.
[169] LODY, R. Patrimônios culturais tradicionalmente consagrados: por quem? Comunicado Aberto, n. 33, USP, nov. 1999. p.5.

Defende-se a idéia de que o artesanato é parte integrante do patrimônio cultural, evidenciando-se nos elementos básicos da vida diária, como, por exemplo, na forma de um utensílio de cozinha. Um implemento agrícola, uma vara de pesca, os móveis da casa, os brinquedos, os ornamentos, tudo isso vem acompanhado de uma carga de conhecimentos que foi aceita e incorporada pela comunidade, sendo, ainda, uma forma de resistência e de preservar a identidade.[170]

Atualmente, a renda de bilros pode ser considerada um elemento que identifica uma das formas materiais dos descendentes de açorianos na Lagoa da Conceição. Vale ressaltar ainda que a renda de bilros é produzida não só nesta localidade, mas também em outras cidades brasileiras, que podem ser citadas para melhor compreensão de sua abrangência geográfica.[171]

Em Santa Catarina estão os maiores centros de concentração das rendas de bilros no Brasil, destacando-se a sua produção principalmente nas seguintes regiões: Lagoa da Conceição, Praia da Joaquina, Barra da Lagoa, Rio Vermelho, Aranhas, Ingleses, Ratones, Vargem Pequena, Canasvieiras, Pontas de Canas, Rio da Várzea Jurerê, Praia do Forte, Campeche, Rio Tavares, Armação, Alto do Ribeirão, Ribeirão da Ilha, Imaruí e Laguna.

---

[170] Ibidem. p.5.

[171] FUNARTE. Instituto Nacional do Folclore. *Artesanato brasileiro: rendas.* Rio de Janeiro, 1986. p.49. "Na região Nordeste destaca-se, no Maranhão, São Luís; no Piauí, Parnaí; no Ceará, Aracati, Icaraí, Irairi, Acaraú, Aquiraz e Melancia; no Rio Grande do Norte, Eduardo Gomes, Ceará Mirim, Natal, Goianinha, Nísia Floresta, Canguaretama, Barra de Maxaranguape, Baía Formosa, Macau, Touros, Arez, Grossos; Paraíba, Cabedelo, Bayeux, Salgado de São Félix, Serra Redonda, Massaranduba, Baía da Traição e Mataraca; em Pernambuco, Ilha de Itamaracá e Caruarú; em Alagoas, São Sebastião, Sergipe; e, na Bahia, Ilha de Maré, Bom Jesus dos Passos, Salinas das Margaridas, Bom Jesus dos Pobres, Saubara, São Francisco do Conde e Lençóis. Na região Sudeste, tem-se: em Minas Gerais, Virgem da Lapa, Berilo, Turmalina e Capelinha, cidades do Vale do Jequitinhonha, Jequitaí, Januária, São Francisco, São Romão, Manga e Montovânia, no Vale do Rio São Francisco; no Rio de Janeiro, Cabo Frio, Arraial do Cabo e Campos, Laje do Muriaé, Saquarema, São Gonçalo, Porciúncula e Valença; no Espírito Santo, Nova Almeida, Guarapari e Meaípe; e, em São Paulo, São José do Rio Preto.Na região Centro-Oeste, observa-se apenas a confecção de rendas em Goiás. Na região Norte, apenas no Pará e, na região Sul, o Rio Grande do Sul possui pontos escassos de confecção de rendas."

Para apresentar os aspectos relevantes às rendas de bilros confeccionadas na Lagoa da Conceição, faz-se necessário descrever os instrumentos utilizados, as técnicas, a matéria-prima empregada, o processo de feitio, os equipamentos e acessórios, entre outros fatores que contribuem para a melhor compreensão da sobrevivência das rendas nas diversas gerações. Além disso, a descrição[172] apresentada a seguir sobre as rendas de bilros no Brasil foi utilizada como modelo para a visualização dos instrumentos, materiais e modo de fazer:

> Linhas: Mercê Crochê, nº 60 e 70; Carretel, n.º 60; Cléa; Libra.
> Cores: branca e bege.
> Processo de Feitio:
> - armar a almofada;
> - beliscar o papelão ou pique (é um trabalho que nem todas as rendeiras sabem executar. Algumas são especialistas e picam para as companheiras). Consiste em furar com um alfinete o cartão ou papelão que servirá de molde. Assim beliscando, é colocado uma amostra da renda em cima e segue o motivo.
> - Encher os bilros;
> - Preencher os bilros aos alfinetes em pares, pendurando um para esquerda e o outro para direita;
> - Espetar os alfinetes nos furos do pique;
> - Trançar a renda, trocando os bilros, de acordo com o motivo ou motivos a executar.

As linhas utilizadas para o feitio são especialmente grossas. Alguns trabalhos são elaborados com linhas mais finas, como é o caso das toalhas de bandeja, encontradas em menor número. As cores consideradas tradicionais são branca e em tons de cru, embora sejam encontradas várias colorações de rendas nas lojas.

O processo de elaboração quase sempre é o mesmo, embora o tipo e o tamanho do trabalho possam variar. A quantidade de bilros demonstra o tamanho da peça e o desenho aplicado. Quanto aos motivos:

---

[172] MAIA, Isa. *O artesanato da renda no Brasil.* João Pessoa: Ed. UFPB, 1980. p.80.

> (...) podem ser considerados como tipos de renda elaboradas. Em Santa Catarina são confeccionadas toalhas, colchas, panos de centro, de bandeja, nas quais se configuram os bicos, pontilhas e pigmentos. Em menor produção, estão as blusas, chales e outros.[173]

Os motivos encontrados na Lagoa – na confecção de toalhas de mesa, colchas, blusas e chales – são os de tamanho grande; portanto, utiliza-se um grande número de bilros, e, por isso, as peças demoram maior tempo para serem confeccionadas e precisam de uma elevada quantidade de fios. Quanto às suas denominações, são variadas:

> As mais comuns são: pontilha floreada, entremeio da cinturada, renda céu estrelado, renda bicuda (roda de bico de pato, com centro em ponto trança, ponto torcido e ponto puxado, tendo no pequeno centro uma rosinha de perna cheia), renda tramóia ou sete pares, (confeccionada com sete pares de bilros – três tecem a trama com linha Mercê-crochê e quatro pares tecem o pano em linha Libra brilhante).[174]

[173] Ibidem. p.80.
[174] Ibidem.

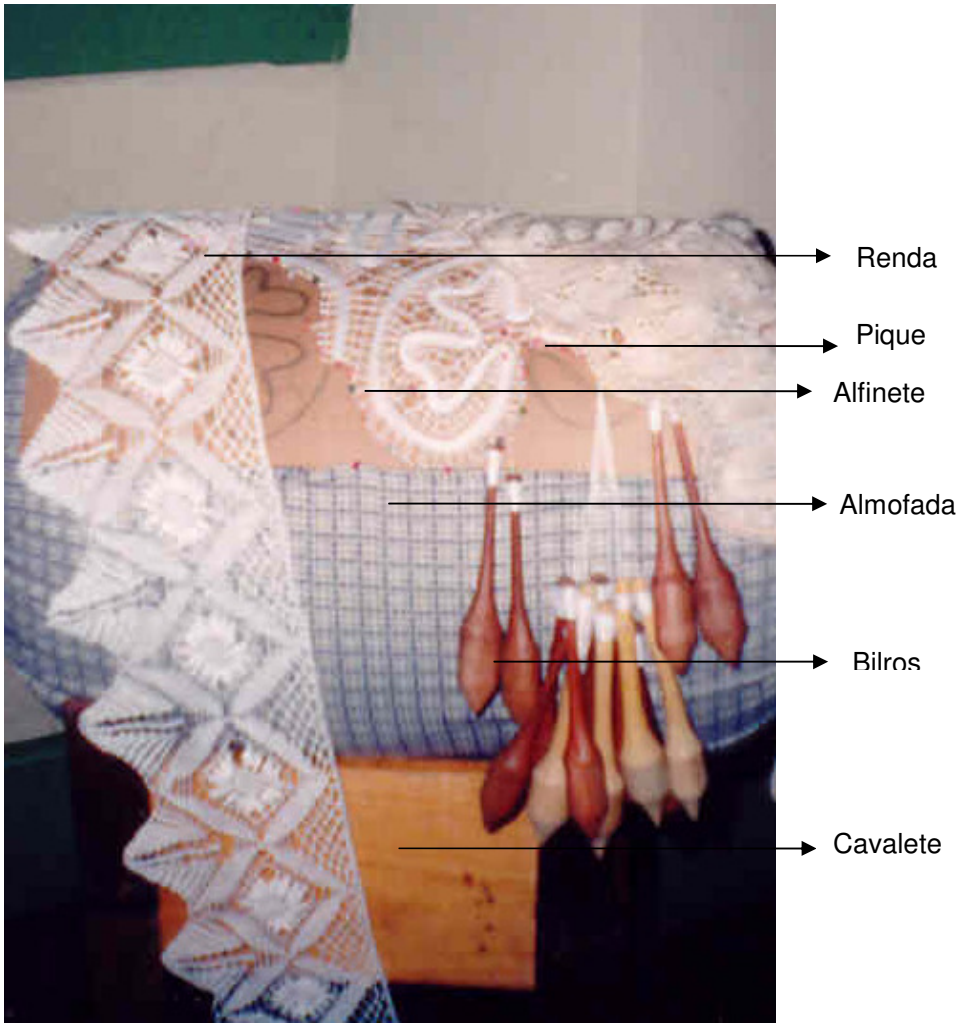


Imagem 20 – Equipamentos e Instrumentos da Renda de Bilros.[175]

[175] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo, Novembro de 2001.

Os motivos também variam de uma localidade para outra. Na Lagoa, os produtos que podem ser encontrados com maior facilidade nas lojas são os com desenhos de cocada, maria morena, abacaxi e tramóia. Nas entrevistas efetuadas, foram descritos variados motivos para as rendas, dos quais pode-se citar, além dos já mencionados: perna cheia, margarida, bico de pato, abacaxi, penca, fita, coração de boi, sino, meio ponto, baratão, café, trança e girassol.

Em geral, nas diversas localidades em que as rendas de bilros são confeccionadas, os equipamentos e acessórios utilizados para a produção são semelhantes, mas as cores e os preenchimentos variam. A almofada pode ser preenchida com folhas secas de bananeira ou com outro elemento flexível e maleável. Os moldes são elaborados de acordo com os desenhos e os alfinetes utilizados para prender os pontos são encontrados em materiais coloridos, o que permite melhor visualização do trabalho.

A confecção da renda de bilros possui um instrumental singular, que pode facilmente ser distinguido dos demais utensílios utilizados em outras técnicas, tais como bordados, crochês e tricôs, renda renascença, irlandesa, crivo, redendê, labirinto, filé e macramê. As rendas de bilros, cujo método de produção exige grande habilidade das mãos, são confeccionadas por meio do trançar dos bilros, objetos de madeira que vão desenhando a peça na almofada.

A renda de bilros é também conhecida como renda de almofada, uma vez que é confeccionada sobre uma almofada, que é feita em forma cilíndrica em uma pano grosso, geralmente de “chita”, recheado com algodão, palha ou paina, ou ainda com folha de bananeira. Até os anos 50, seu recheio era feito com folhas secas e penas. As almofadas têm dimensões diferentes, dependendo do tamanho das rendas que se pretende fazer. Ela geralmente é colocada sobre um suporte de madeira, e a

rendeira fica sentada na sua frente trocando os bilros, que são pequenas peças de madeira com as pontas cilíndricas ou em forma de bicos, cuja funcionalidade está ligada a tramar os fios para que o desenho da renda se apresente.

Além da almofada, dos bilros e do cavalete, completa o instrumental o pique ou papelão, que é uma folha na qual vão sendo cravados os alfinetes. No pique também o desenho que dará forma ao trabalho é tramado. Neste instrumental, são necessários ainda os fios que darão forma à renda através do aparato apresentado. Atualmente, se percebe na Lagoa a inserção das cores no feitio das rendas, denotando algumas mudanças tanto no trabalho quanto nas necessidades dos compradores.

Ao longo dos anos, os instrumentos foram sendo adaptados aos produtos que se encontravam disponibilizados no mercado. Quando rememora sobre os fios, as cores e os instrumentos antigos das rendas, uma das rendeiras da Lagoa afirma que hoje a realidade é um pouco distinta da antes percebida:

> A minha mãe usava a linha de fio algodão. Ela fazia numa roca. Não era assim como agora que a gente compra a linha prontinha. Ela tinha um dia lá pra fazer os algodão, pra tirar os caroços, pra depois então ela botar nos bastidores e embrulhava tudo num montinho, tudo num novelinho, tudo num novelo. Se ela queria a linha bege, ela fazia bege. Ela pintava se ela queria branca. Roxa aí pintava, fazia os novelinho e botava os novelinho pra pintar, pintava... Ela pegava as folhas do ticum... o ticum tem assim aquelas bolas né, aí ela pegava e botava tudo na panela e depois coava, botava água e coava. E aí depois ela botava pra ferver, todos os novelinho. Aí fazia linha de tudo quanto era cor. As folhas de pau, madeira, folha de comigo-ninguém-pode... ainda lembro ainda... que ela botava pra cozinhar... depois aquelas tinta da folha ficava.... ah... hoje em dia é tudo tinta já comprada né, é mais fácil. Naquela época era mais difícil. Ela fazia muita... fazia roupa...ah era tudo riscado... riscadinho

> na fazenda... me lembro como esse fosse hoje... minha mãe teve muito trabalho na vida. Ela cuidava dos filho... também tinha um filho atrás do outro... ano a ano era um filho... de onze em onze mês ela tinha um filho.[176]

Com a industrialização de tecidos, linhas e fios, a confecção das rendas sem dúvida foi facilitada. Conforme relatou a rendeira, o antigo preparo dos materiais incluía etapas como plantar o algodão, desencaroçar, fiar, passar no fuso, tirar os fios e depois pintá-los com materiais e produtos naturais. Tal processo foi sendo, paulatinamente, substituído pelos fios industrializados. As linhas de carretel foram as primeiras a substituírem os fios caseiros, e a linha cléa, atualmente utilizada pelas rendeiras, são comumente empregadas por outras artesãs, como as criveiras, que fazem trabalhos manuais com a utilização de fios.

O cavalete, a almofada e os bilros parecem não ter sofrido alterações ao longo dos anos. Já os alfinetes, hoje agulhas com bolinhas coloridas para cravar a renda no pique da almofada, eram espinhos ou agulhas talhadas em madeira. Outros materiais foram substituídos, dando espaço a artigos mais modernos, mas a configuração da produção pouco se alterou, mantendo, assim, suas singularidades.

Os desenhos, conhecidos como moldes ou formas, dão vivacidade às peças. Entre os mais elaborados pelas rendeiras da Lagoa estão: perna cheia, pastilha, trança, pontilha florada, entremeio cinturado, céu estrelado, bicuda, bico de pato, tramóia, maria morena, abacaxi e margarida.

Os trabalhos em rendas mais comuns são bandeja, toalha de mesa de vários tamanhos e formatos, blusas e saias com apliques de renda, entre outras peças que

[176] Depoimento de Dona Normélia Barcelos Felisberto, Dona Norma, em 02 de novembro de 2001.

ornamentam a casa. Atualmente, as rendeiras da Lagoa começaram a fazer rendas coloridas, o que até o ano de 2002 não era comum na localidade.

Ao longo das gerações de rendeiras da Lagoa, algumas mudanças, adaptações e incorporações foram tomando forma no universo do trabalho manual de tecer rendas. As formas das rendas foram incorporando e adaptando novas idéias para a sobrevivência do artesanato.

As rendas que até então eram brancas ou em tons de cru e bege, foram, aos poucos, dando lugar às rendas coloridas, que se destacam entre as preferências dos compradores. Os artefatos produzidos, que se restringiam a toalhas, colchas e demais acessórios de quarto, copa, cozinha e banheiro, foram sendo adaptados às necessidades dos compradores e às novas possibilidades de criação de objetos e produtos ornamentais, como é o caso de bolsas, cintos, roupas de uso pessoal e objetos de decoração em geral.

Essas adaptações demonstram a preocupação em manter esse tipo de artesanato, dando nova visibilidade ao trabalho e favorecendo, dessa maneira, a continuidade do processo com novas perspectivas de uso.

O produto, que na maioria das vezes era ornamental, passou a ser, ao mesmo tempo, útil e simbólico. Assim, nota-se que o artesanato foi, ao longo do tempo, sendo adaptado às novas necessidades mercadológicas, uma vez que tais mudanças estiveram relacionadas às próprias transformações da casa e dos modismos.

A industrialização e, conseqüentemente, o barateamento dos artigos ornamentais e utilitários – como colchas, lençóis, fronhas, toalhas de banho e rosto, toalhas de lavado, guardanapos e toalhas de mesa – criaram um mercado mais acessível financeiramente, já que as novas gerações também se adaptaram,

passando a considerar os artigos tidos como de luxo desnecessários. Esses artefatos, tidos como luxuosos pelo próprio público que os procura, são, portanto, mais caros que os artigos industrializados. Em geral, os apreciadores desse tipo de produtos têm que possuir melhores condições financeiras para adquiri-los.

As novas formas, cores, estilos e a utilidade dos produtos artesanais passaram a exercer funções diferentes, seja na utilidade doméstica, seja no uso pessoal. Atualmente, as roupas e os acessórios que têm detalhes em renda são considerados, no mundo da moda, artigos de luxo. Os usos e costumes das aplicações deste tipo de artesanato, portanto, mudaram e se adaptaram a outras necessidades; contudo, muitas rendeiras não seguiram essas novas tendências inseridas nas características do produto, tampouco os modismos estabelecidos.

A idéia de criação de artigos diferenciados na moda, tanto pessoais quanto domésticos, está condicionada às antigas maneiras, pontos e estilos. As rendeiras se encontram, então, obrigadas a se adaptarem aos modismos para que não se perca a tradição enquanto profissão, e não mais enquanto continuidade geracional.

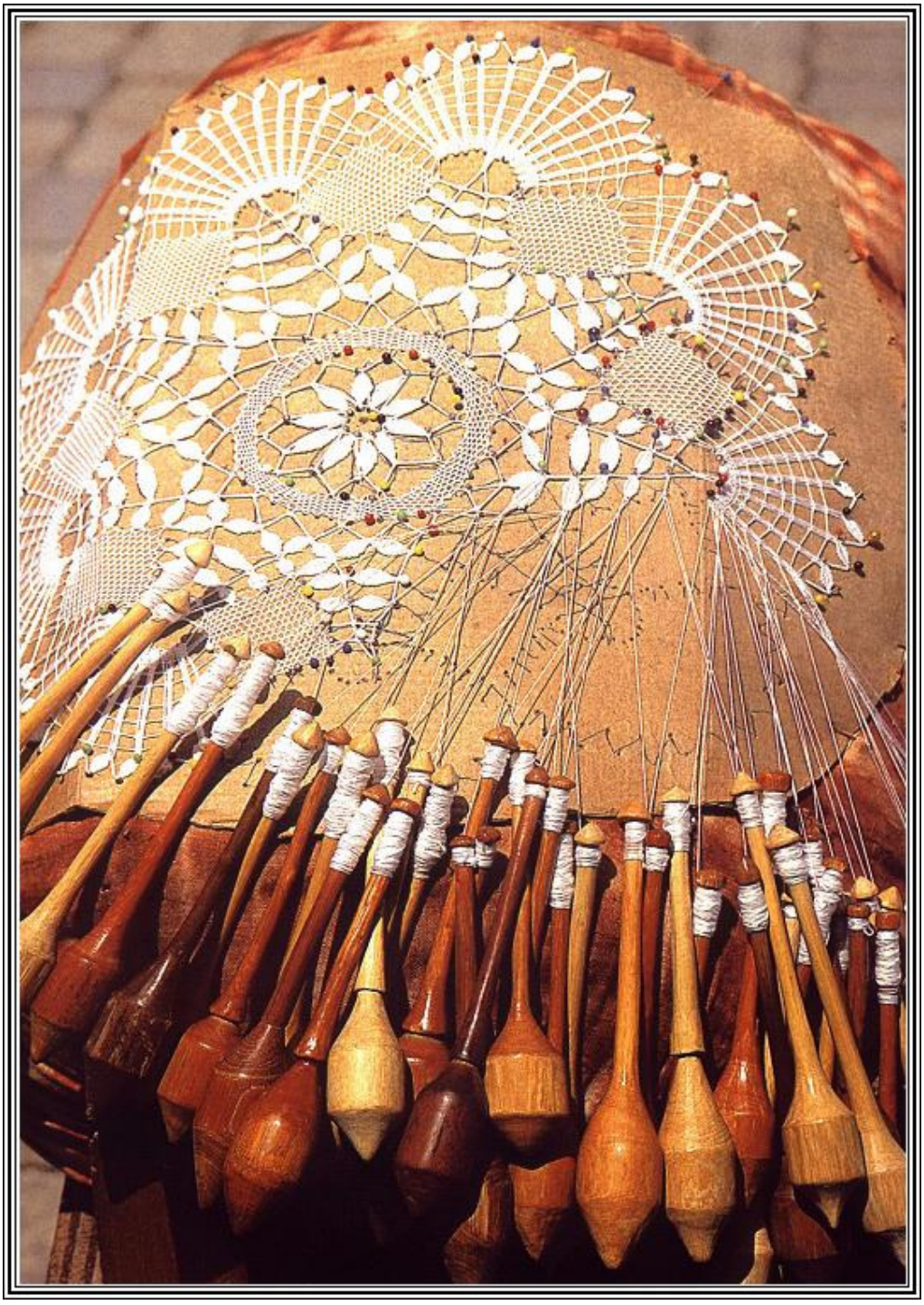


Imagem 21 – Modelo de confecção da renda de bilros na almofada.[177]

[177] COUTINHO, Ana Lúcia. *Florianópolis Ilha Açoriana.* Florianópolis, SC: Mares do Sul, 1998. p.26.

Imagem 22 – Formas, Adaptações e Novas Aplicabilidades da Renda.[178]

[178] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo, novembro de 2001.

Imagem 23 – Formas, Adaptações e Novas Aplicabilidades da Renda.[179]

[179] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo, Novembro de 2001.

Imagem 24 – Formas, Adaptações e Novas Aplicabilidades da Renda.[180]

[180] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo, Novembro de 2001.

Normalmente, a confecção das rendas é realizada em lugar onde possa ser observada e os produtos produzidos são expostos nas pequenas lojas, parecidas entre si, podendo ser madeira ou alvenaria, que as rendeiras da Lagoa possuem na frente de suas casas. Assim, os turistas podem acompanhar a atividade e, em seguida, comprar os artigos.

A Lagoa da Conceição mantém características específicas em seus recantos e divide-se em: Freguesia ou Centro, Caieira, Canto dos Araçás, Ponta das Almas, Costa, Barra, Retiro, Joaquina, Porto e Canto. Cada subdivisão possui peculiaridades quanto aos aspectos sócio-econômicos e sócio-culturais.

As “lojas” da Avenida são geralmente de alvenaria, possuem janelas de vidro e porta, ou, às vezes, apenas uma porta de vidro. São pequenas, têm um balcão para atendimento e alguns varais com produtos pendurados para melhor visualização dos compradores. As fachadas das lojas são pintadas com cores claras e exibem placas com o nome da loja ou apenas da rendeira, o que define as características da renda vendida. Algumas possuem estrutura rústica, elaboradas com madeira e tendo em sua configuração uma manutenção inadequada; estas, acabam sendo menos procuradas pelos turistas e visitantes do local.

A atividade é considerada um trabalho complexo de ser apreendido, principalmente quando a renda é elaborada com muitos bilros, por isso começa a ser ensinada cedo. Segundo as rendeiras entrevistadas na Lagoa, por tratar-se de uma tradição feminina, as meninas começavam a aprender com seis ou sete anos de idade e, em geral, nunca mais paravam.

Durante muitos anos, essa tradição na confecção de rendas manteve suas peculiaridades e singularidades, simbolizando elementos tangíveis da cultura, o que pode ser visualizado nas seguintes colocações:

> A confecção da renda de bilro era uma atividade demarcada de uma "cultura feminina" na comunidade (...) Até alguns anos atrás, o momento em que a menina começava a fazer a renda (em geral, seis ou sete anos de idade) demarcava o seu ingresso em uma nova etapa (...) Apesar de ser uma tarefa individual, a confecção da renda reunia, na casa, mulheres de várias gerações, que passavam uma para outra o seu conhecimento.[181]

A partir do crescimento urbano e turístico, em meados da década de 1970, as atividades femininas passaram por mudanças, propiciadas sobretudo pela busca da profissionalização. O prover passou a ser dividido entre homens e mulheres e, aos poucos, a mulher foi ocupando outras funções dentro da estrutura familiar. Neste momento, a dona-de-casa passou a ter outras funções e começou a fazer rendas com o intuito de contribuir financeiramente para a família. Com esta mudança, a mulher não deixou suas obrigações domésticas, mas assumiu a profissão de rendeira.

O homem, em contrapartida, continuou exercendo tarefas ligadas à pesca, ao trabalho em serviços públicos e ao comércio. Este último, em muitos casos, tornou-se informal. Segundo as depoentes, muitos homens se tornaram vendedores ambulantes nas praias, comercializando camisetas, chinelos, água de coco, refrigerantes e outros produtos característicos de localidades litorâneas.

> Nos meses de verão, em toda orla marítima, particularmente nas praias da Barra da Lagoa, Canasvieiras e Ingleses, era possível encontrar, passeando através dos vendedores, as mercadorias mais díspares entre si: roupas (de camisas de times de futebol a maiôs, macaquinhos e cangas), espetos de carne, equipamentos de pesca, chapéus e bolsas de palha e couro, colares e pulseiras artesanais,

[181] MALUF, Sônia. *Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição.* Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1993. p.39-40.

> relógios e óculos “paraguaios”, algodão doce, banana recheada, bebidas (água mineral, refrigerantes, sucos e cervejas), artigos de “prata” e “ouro”, sorvetes e picolés e, nas barracas de ponto fixo, milho verde, cachorro quente, pastéis e caldos de cana, além de outras bebidas.[182]

Os homens, portanto, também buscaram se adaptar ao turismo, voltando-se ao comércio formal e informal, embora muitos, ainda hoje, se dediquem à pesca, partindo para o mar diariamente. Dessa maneira, as permanências e mudanças nas tradições e os conflitos delas estabelecidos posicionaram suas características imersas nas novas tendências.

O trabalho feminino, por sua vez, extravasou o ambiente doméstico, passando este a não ser o único reduto da mulher. Esta não deixou, assim, de exercer suas “funções domésticas”, porém passou a assumir novas tarefas. Sob esta perspectiva, pode-se dizer que a mulher assumiu um trabalho remunerado, tanto em razão das mudanças culturais como de outras necessidades. Passou a garantir, muitas vezes, a manutenção da família, como é o caso de diversas rendeiras não só da Lagoa, como de outras partes do Brasil.

Na Lagoa da Conceição, a presença da mulher no universo profissional vem provocando mudanças na imagem da estrutura familiar e nas novas gerações. Especialmente as mulheres com idade entre vinte e trinta anos não optam mais por este tipo de trabalho artesanal como meio de subsistência.

No que se refere à continuidade das rendas de bilros, uma das principais preocupações de algumas rendeiras é saber como manter viva e conservar a tradição. Para solucionar este problema, algumas medidas foram tomadas por meio

---

[182] OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: Uma crítica à indústria pós-moderna.* Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 1998. p.103.

de ações que pretendem garantir a tradição e, concomitantemente, criar condições e possibilidades de trabalho para a população que vive não apenas na Lagoa, mas na cidade de Florianópolis e no seu entorno.

Entre tais medidas, destaca-se a criação da ASSORI (Associação de Rendeiras da Ilha), cujo intuito seria “defender a tradição” e os interesses das rendeiras; todavia, nenhuma das entrevistadas conhece ou faz parte desta sociedade, que parece ter fechado há algum tempo. Mencionam, como único local onde ocorreram esporádicos encontros para a discussão sobre a preservação da tradição de fazer renda, o Casarão da Lagoa.

Imagem 25 – Casarão da Lagoa: Fundação Franklin Cascaes. [183]

[183] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo, 02 de novembro de 2001.

O Casarão da Lagoa, também conhecido como Centro Cultural Bento Silvério, é uma entidade subordinada à Fundação Franklin Cascaes, que mantém cursos e oficinas com o objetivo de cultivar as manifestações culturais da comunidade local. No Casarão, são oferecidos cursos de rendas de bilros em dois estágios: o básico, no qual são ensinados pontos mais simples, como as tramas; e o avançado, no qual são ensinados pontos mais complexos, como a tramóia, a maria morena, a cocada, a boca de sino, entre outros.

> Na tentativa de preservação do folclore ilhéu, temos visto, no entanto, algumas iniciativas de instituições governamentais ou culturais, como é o caso da Fundação Franklin Cascaes, a qual mantém, no Casarão da Lagoa, uma professora de renda, Dona Judite. Conseqüentemente, o ensinar e aprender a fazer a renda como vinha se dando, informalmente, de geração em geração, vem sendo paulatinamente substituído pelo ensinar e aprender sistematizado.[184]

A maioria das rendeiras com idade superior a 40 anos pretende continuar seu trabalho; suas filhas, porém, não desejam aprender a fazer renda. Algumas já sabem o trabalho, mas não querem se sentir obrigadas a manter a tradição, como aconteceu com as gerações anteriores.

Crisiane Vieira, de 20 anos, é filha de rendeira e trabalha com a comercialização de rendas na loja da mãe, mas não pretende continuar a fazer renda de bilros. Acredita que é um trabalho difícil e sem muita rentabilidade. Quando questionada sobre o seu futuro profissional, respondeu:

---

[184] ZANELLA, Andréa Vieira. *O ensinar e o aprender a fazer renda de bilro: estudo sobre a propriação da atividade na perspectiva histórico-cultural.* Tese, Doutorado em Psicologia da Educação, PUC-SP, 1997. p.59.

> Quero ser dentista. Continuar a fazer rendas não é uma característica da nossa geração. Queremos trabalhar longe, ganhar dinheiro e ser diferente. Não que eu não valorize o trabalho da rendeira, só quero sair dessa rotina de fazer e vender renda.[185]

Algumas primas e amigas de Crisiane, também filhas de rendeiras, possuem a mesma postura: querem exercer outro tipo de atividade, pois não acreditam no futuro das rendas como profissão. As rendeiras, em contrapartida, consideram que as rendas de bilros são atrativos turísticos imprescindíveis e, portanto, devem ser preservadas. Relatam que muitos turistas vêm à Lagoa com o principal objetivo de comprar rendas e de presenciar sua confecção, procurando sempre fotografar este processo.

A visualização das técnicas de fazer rendas de bilros, muitas vezes, transforma a intenção do turista, que de observador vira comprador. O turista, que geralmente desconhece as tradições açorianas, chega à loja da rendeira e, ao visualizar o trabalho e a destreza com que os pontos são confeccionados, passa a ter maior interesse pelo produto.

A idéia de transformar a renda de bilros em patrimônio cultural se estabelece a partir do momento em que é considerada pela comunidade e pelos espectadores como parte integrante de sua identidade cultural, com os traços dos açorianos por gerações.

Seguindo a idéia de gerações em contato com as rendas, cabe ser inserido neste contexto uma colocação sobre a valorização do artesanato:

> Decorrente do bordado, essa atividade surgiu em fins do século XV ou início do século XVI e, juntamente com a cerâmica, o bordado, a

[185] Depoimento de Crisiane Vieira, em 02 de novembro de 2001.

> cestaria, as danças e cantigas folclóricas, faz parte do legado cultural trazido pelos colonizadores açorianos no século XVIII. [186]

Na época das primeiras imigrações açorianas para Santa Catarina, as rendas estavam esquecidas ou eram elaboradas apenas em âmbito doméstico. No entanto, com o crescimento do turismo no final do século XX, a renda de bilros deixou de ser um simples artefato doméstico e passou a ser economicamente valorizada, assumindo importância na divulgação da produção artesanal catarinense.

Segundo a Diretora do Casarão da Lagoa, Dona Vani Vieira, a confecção passou por algumas dificuldades:

> As rendas foram, durante muitos anos, um meio de sustento de inúmeras famílias, era uma arte passada de mãe para filha, que com o passar do tempo, foi vista de forma discriminatória por grande parte da sociedade local. Isso acarretou, “em termos”, uma quebra por um bom período de tempo da arte de tecer rendas, tendo isso sido descartado aos poucos. Há mais ou menos dez anos, sofrendo, claro, diversos tipos de inovações, visto que, antes era e ainda é muito cogitada a existência de certos “tabus” com relação à confecção das rendas, a descaracterização das rendas ainda é vista por algumas rendeiras como algo prejudicial.[187]

Em razão das suas condições sócio-econômicas, as rendeiras foram discriminadas pela própria população local, pois, conforme já descrito, os habitantes do centro urbano formaram o que se pode chamar de pejorativo da imagem da rendeira (ver capítulo 1).

---

[186] SOARES, Doralécio. *Do leitor: renda de bilro.* Florianópolis, O Estado de Santa Catarina, 10 maio 1995. Página Opinião.

[187] Depoimento de Dona Vani Vieira, em 03 de novembro de 2001. Dona Vani é Diretora do Casarão da Lagoa, uma das que mais contribuíram com relação às perspectivas de conservação da tradição.

Dona Vani Vieira descreveu também um pouco do trabalho efetuado no Casarão da Lagoa:

> Por anos são formadas cerca de vinte crianças nos cursos básicos de rendas do projeto. A importância da qualidade e da diversificação das rendas pode determinar o fator de aceitação do público, durante a confecção das rendas, as rendeiras cantam uma música típica: a ratoeira. As oficinas foram oferecidas para resgatar parte dessa cultura. Na grande maioria das barracas de rendeiras no contorno da Lagoa e em outros locais, é visível a presença de rendas industrializadas, o que não chega a provocar uma descaracterização do produto, mas induz os turistas muitas vezes a abrir mão do artesanal que é mais caro, para levar o industrial (a justificativa para a presença de ambos é dada em função da condição sócio-econômica das rendeiras).[188]

Os objetivos da formação de rendeiras estão intimamente ligados à busca da valorização e da conservação das rendas de bilros como produto da cultura material. Os alunos do Casarão são divididos em adultos, provenientes de outras localidades, e crianças, em sua maioria filhas de rendeiras da própria Ilha.

A preocupação em manter as rendas de bilros como legado cultural, vislumbrando este tipo de artesanato como uma das principais expressões da cultura açoriana, fez com que fossem levantados questionamentos sobre esse movimento. No presente estudo, a idéia é investigar outras óticas sobre o porquê das tentativas de preservação das técnicas de ensinar o ofício de rendeira. Entretanto, não se pretende discutir se é “melhor” ou “pior” a manutenção do processo tradicional, e sim articular o que foi percebido nos discursos das entrevistadas e nas obras publicadas sobre o assunto.

---

[188] Idem.

Imagem 26 – Aprendiz de Rendeira no Casarão da Lagoa. [189]

[189] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo, Novembro de 2001.

Preservar a tradição das rendas de bilros significa manter um elo entre as gerações; assim:

> Manter algum tipo de identidade – étnica, local ou regional – parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vêm, enfim, para que não se perca no turbilhão de informações, mudanças repentinas e quantidade de estímulos que o mundo atual oferece.[190]

Pode-se dizer ainda que, além da questão identitária, o rememorar propicia o conhecimento do patrimônio, que, por sua vez, permite a sua valorização por parte dos próprios habitantes locais. Como Dona Vani Vieira destaca, existe a desvalorização com relação ao trabalho das rendeiras por parte dos moradores locais, como um processo que, possivelmente, surgiu pela própria trajetória das rendeiras da Lagoa.

O conhecimento do processo de produção das rendas de bilros e seu entendimento podem, portanto, fazer desaparecer essas tensões na comunidade local e na sociedade em geral. Um dos possíveis motivos da desvalorização percebida atualmente foi assim descrito:

> A desvalorização corrente das atividades manuais se deve às condições sócio-econômicas nas quais se desenvolviam. Tiradas do seu baixo estado e revitalizadas pela sinalização de novos fins éticos e sociais, assumiram uma função libertadora e, portanto, um crédito prestigioso.[191]

---

[190] BARRETO, Margarita. *Turismo e legado cultural.* Campinas, SP: Ed. Papirus, 2000. p.46.
[191] RUGIU, Antonio Santoni. *Nostalgia do mestre artesão.* Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1998. p.20.

Hoje, várias mulheres da Lagoa desenvolvem algum tipo de trabalho externo, ainda que os cuidados com a casa e a família continuem sendo a principal tarefa da maioria delas. No que se refere à busca pela autonomia financeira, parece que as mulheres das novas gerações acompanharam uma dinâmica cultural no local.

As pesquisas com as rendeiras revelam o grande número de mulheres provedoras da família. As manifestações advindas do trabalho feminino ganham cada vez mais espaço. Algumas rendeiras exerceram por anos o trabalho domiciliar, que deve ser entendido como aquele:

> (...) realizado na habitação do trabalhador, por encomenda da empresa ou de seus intermediários, envolvendo geralmente a realização de uma tarefa parcial do processo produtivo, último elo da cadeia produtiva, cujo pagamento era feito geralmente por peça.[192]

A arte da confecção de rendas em Portugal era praticada nos conventos, visando exclusivamente a ornamentação de igrejas e de vestes eclesiásticas.

> As rendas de bilros tradicionais portuguêsas constituem a indústria caseira das mulheres das classes pobres, geralmente da orla marítima. Em tôdas as povoações de pescadores fabricam-se rendas de onde o aforisma: “onde há rêdes, há rendas”. Essa arte é transmitida de geração em geração, entre as mulheres das classes pobres, embora tenha havido fases em que as moças da alta sociedade aprenderam a fazer rendas de bilros nos conventos.[193]

A mesma utilidade foi verificada por meio das entrevistas com as rendeiras. A princípio, a renda, considerada um artigo “fino”, era elaborada para a igreja também

---

[192] MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: Ed. EDUSC, 2002. p.91.
[193] RAMOS, Arthur; RAMOS, Luíza. Op. cit. p.31.

com a finalidade de ornamentação. Após um longo tempo, passou a ser um trabalho elaborado em ambiente familiar para uso doméstico ou pessoal.

A adaptação efetuada com a profissionalização[194] foi, paulatinamente, desmistificando o uso tipicamente ornamental, e a renda, então, passou a ser elaborada a partir dos modismos e da sua aplicabilidade em outros tipos de artigos não necessariamente ornamentais, mas com uma certa utilidade, como é o caso de roupas e acessórios de uso pessoal.

Pode-se dizer que essa alteração na utilidade do produto influenciou no processo de alternativa profissional para a mulher, fazendo com que houvesse uma mudança no quadro sócio-cultural da comunidade. Além disso, a própria expansão urbana e da atividade turística acarretaram o surgimento de novas ocupações como alternativas de emprego.

O trabalho domiciliar e a inserção da mulher na organização do emprego alternativo podem ser assim definidos:

> A própria expansão urbano-industrial implicou o surgimento de novas ocupações que, apesar de criadas diretamente pelo desenvolvimento capitalista e a ele integradas se constituíram em setores não formalizados. Essas instâncias de organização da produção configuram-se como alternativas de emprego particularmente importantes para as mulheres de setores populares, por permitirem a combinação com o trabalho remunerado.[195]

Embora seja conhecida como tradição feminina, a produção das rendas de bilros tinha como função complementar o orçamento familiar. As mudanças ocorridas

---

[194] A profissionalização deve ser entendida como o trabalho externo, não mais feito em âmbito domiciliar. A busca por alternativas como trabalhar em um ponto comercial, fazer cursos profissionalizantes ou participar de feiras e demais lugares para comercializar os produtos.
[195] MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. cit., 2002. p.91.

nas cidades e suas dimensões para a sociedade alteraram a concepção da confecção de renda na Lagoa, e, sobre isso, algumas colocações podem ser utilizadas:

> Uma questão social e cultural – a mulher como dona de casa, como "rainha do lar" – é, desse modo, naturalizada, cristalizada, ocultando-se o importante papel exercido pela atividade de confecção da renda de bilro na produção de valores necessários à reprodução da família. Esse ocultamento era quebrado em decorrência da dificuldade ou da impossibilidade enfrentada pelo provedor em obter o sustento da família: assim, a produção e a comercialização da renda deixava, em muitos casos, de ser uma atividade principal, responsável pelo sustento da família.[196]

Em muitos casos, a confecção de rendas deixou de ser exercida como complemento de rendimentos e passou a ser responsável pela manutenção de muitas famílias. Deixou também de ser secundária para desempenhar o papel de principal atividade de sustento.

As rendeiras que comercializam seus produtos na avenida, onde possuem pontos-de-venda nos quais, além de oferecer suas próprias rendas, negociam também os produtos feitos por rendeiras de outras localidades da Lagoa, afirmam que mantêm financeiramente a família porque o salário ou a aposentadoria de seus maridos não é suficiente para tal.

Com as mudanças e permanências ocorridas na situação de ensinar às filhas o ofício de fazer rendas, algumas questões se alteraram pela própria dinâmica cultural. O início de tal processo pode ser percebido da seguinte maneira:

---

[196] ZANELLA, Andréa Vieira. Op. cit. p.47.

> Aprender a fazer renda de bilro constituía-se, pois, como importante fator de desenvolvimento da mulher ou, mais especificamente, da condição feminina. Após a escola ou as lidas da casa, as mulheres sentavam-se junto às suas almofadas e, coletivamente, ensinavam as mais novas a arte de trocar os bilros e tecer a renda. Nessa prática, ao mesmo tempo em que se mantinha uma tradição cultural, reproduzia-se a estrutura familiar de então, com seus papéis sociais característicos.[197]

A questão aqui pontuada refere-se à estrutura familiar anterior às novas gerações. Atualmente, as mudanças são visualizadas em quase todos os lugares.

A maioria das rendeiras entrevistadas relata que os recursos proporcionados pelas rendas são apenas um auxílio aos rendimentos mensais da família. Por outro lado, afirmam também que o montante recebido é mais significativo que a aposentadoria do marido, tornando-se, desse modo, o maior meio de sustento. Assim, percebe-se um certo paradoxo, já que ora as rendeiras afirmam que a renda de bilros não sustenta a casa, ora dizem que provê toda a família.

Aprender a bordar, a tricotar e a ter habilidades fundamentalmente domésticas abriu espaço para um novo modelo educacional: o culto à profissão. Nas novas necessidades para a formação do indivíduo, no contexto atual, ainda cabe a formação de tais aptidões.

A diferença observada entre cidades ou localidades menores e grandes centros parece ser um dos contextos de formação em habilidades domésticas tradicionais. A questão econômica das famílias, calcada nas necessidades financeiras, influencia neste tipo de tradição.

Apesar das transformações nas atividades exercidas pelas novas gerações, é importante destacar a participação da renda de bilros no processo de crescimento

[197] Ibidem. p.56.

turístico, uma vez que é um atrativo artístico-artesanal de relevante importância cultural para a comunidade lagoense. Além de sua função econômica e cultural, as rendas passaram, portanto, a exercer a função de atrativo turístico. Por ser considerada uma manifestação da cultura material, influencia na construção do patrimônio cultural da comunidade.

Uma colcha de renda de bilros possui uma função utilitária, cobrir a cama e ser usada como lençol ou cobertor, e também uma função ornamental, provocar sensação estética ao ser observada. Uma blusa desta renda possui, da mesma forma, a função estética e utilitária; já um caminho de mesa pode possuir apenas a função ornamental.

As novas formas, cores, estilos e utilidades da renda passaram a exercer funções diferentes, seja no uso doméstico ou pessoal. A aplicação de rendas em roupas e mesmo a confecção de roupas de renda são consideradas, como já visto, artigos de luxo no mundo da moda.

Os usos e costumes da renda mudaram e se adaptaram às necessidades atuais; porém, muitas rendeiras da Lagoa da Conceição não se ajustaram a essas novas características do produto. As rendeiras mais jovens buscam criar artigos pessoais e domésticos diferenciados, adequados à moda. As rendeiras mais velhas, em contrapartida, não se preocupam em adaptar ou aprender novas utilidades para fazer suas rendas, mantendo-se vinculadas aos seus tradicionais pontos e estilos.

Das rendeiras entrevistadas, apenas uma procura elaborar trabalhos diferenciados com as rendas, adequando-se às necessidades e aos gostos atuais. Considerando a tradição de fazer rendas, pode-se dizer que a maioria das rendeiras aprendeu a tecer objetos específicos, como toalhas de vários tipos e tamanhos.

Algumas delas conseguem adaptar as rendas a novos artigos, atraindo, assim, novos interessados.

Como a renda de bilros apresenta-se na Lagoa como uma “tradição”, a maioria das rendeiras elabora o trabalho artesanal voltado para as antigas formas e motivos. A adaptação das rendas a artigos modernos parece ser uma proposta para a perpetuação do trabalho e também uma redefinição das funções da renda.

Neste contexto, a renda deixaria de ser, em alguns casos, apenas ornamental e passaria a ser utilitária. Pode-se citar alguns exemplos da adaptação de rendas a artigos diversos, tais como: velas, cinzeiros, roupas jeans, vestidos, barras de saia, blusas, camisetas, sacolas, bolsas, sandálias, sapatos, entre muitos outros.

O produto em si, sua forma de elaboração, os instrumentos e utensílios empregados e a sua importância no universo cultural dos descendentes de açorianos são muitas vezes desconhecidos. Alguns turistas, segundo as entrevistadas, passam pela Avenida das Rendeiras e somente ali conhecem o tipo de produto confeccionado e comercializado. Outros não acreditam que as rendas são feitas com aquele aparato até observarem o processo de produção, ficando, então, deslumbrados com a técnica.

A Avenida das Rendeiras, local peculiar da Lagoa exatamente pela confecção e comercialização de rendas, tornou-se um dos pontos turísticos da região. Recebeu este nome com o intuito de homenagear as rendeiras da Lagoa, e hoje é o local onde há a maior concentração de vendas de rendas de bilros da cidade.

Outra homenagem às rendeiras foi o Monumento erguido à Rendeira, do escultor Paulo César Santos, inaugurado no dia 12 de dezembro de 1998, na Praça Bento Silvério, pela Prefeitura Municipal de Florianópolis e pela Fundação Franklin Cascaes. O monumento surgiu como um ícone da atividade feminina exercida por

gerações de rendeiras como uma das mais importantes tradições açorianas. A questão da memória e da história constituídas pela cultura inserida no local desde a colonização açoriana, permeia as homenagens feitas até o momento.

O nome da Avenida, o Monumento à Rendeira na praça e o número de lojas que comercializam rendas podem ser vistos como de suma importância para a localidade. No entanto, as rendeiras entrevistadas sentem-se abandonadas pelo poder público local e dizem que não estão amparadas de forma alguma pela Prefeitura de Florianópolis. Reclamam dos impostos e da falta de estrutura para a receptividade ao turista quanto à localização das lojas, pois não há um local apropriado para que possam parar e apreciar os produtos. Assim, não acreditam na preocupação do poder local com relação à preservação e conservação das rendas.

Imagem 27 – Monumento: "Homenagem às Rendeiras". [198]

[198] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo, Novembro de 2001.

Além deste monumento, foi erguido um outro no centro de Florianópolis, no qual se visualiza bilros “gigantes”, também em homenagem às mulheres que mantiveram por muitos anos a confecção da renda. O monumento está localizado nas proximidades dos terminais de ônibus urbano da cidade, por onde passam milhares de pessoas por dia. A maioria das rendeiras, no entanto, nem conhece o monumento, fato que foi constato em entrevista, quando nenhuma delas afirmou conhecê-lo.

Esta homenagem às rendeiras está próxima também do ponto de comercialização de *souvenirs* de Florianópolis, onde sempre existe uma rendeira ou criveira fazendo seu trabalho, para que os visitantes possam vê-las durante a confecção. Essa mesma localidade deverá se tornar um centro de comercialização de rendas, conforme instituído pelo decreto municipal, numa iniciativa que visa garantir condições de comercialização dos produtos aos visitantes.

> O prefeito municipal no uso de suas atribuições, e tendo em vista o artigo 97 da lei número 12, de 16 de outubro de 1948, considerando que as rendas e os crivos confeccionados a mão constituem uma arte que merece amparo do poder público; considerando que na Ilha e localidades circunvizinhas do Continente está localizado o maior número de rendeiras, que são pessoas de poucos recursos; considerando que a aquisição de rendas e similares tornou-se uma tradição e atrativo para os que visitam a capital; considerando que é necessário localizar a sua venda em ponto abrigado e confortável, decreta:
>
> Artigo 1º - Fica criada a Feira das rendas, que será localizada no prédio do Mercado Público, na parte fronteira à rua Conselheiro Mafra.
>
> Artigo 2º - A feira terá caráter permanente, e na mesma só poderão ser vendidas rendas, crivos e trabalhos manuais similares... [199]

[199] CASA DA MEMÒRIA. Fundação Franklin Cascaes. *Decreto nº 7- Decreto do prefeito Paulo Fontes beneficiando as Rendeiras.* p.100-1.

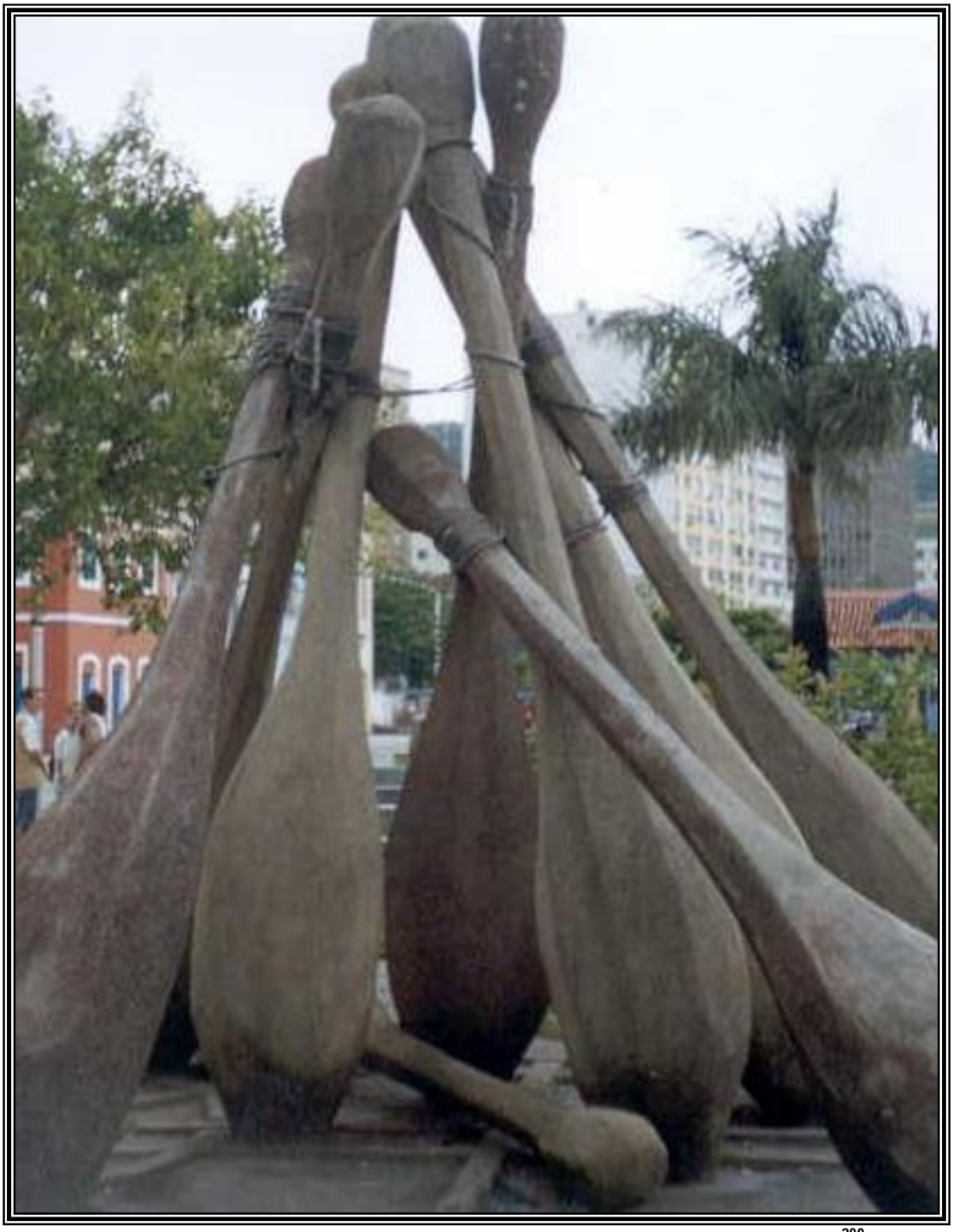


Imagem 28 – Monumento dos Bilros: Homenagem às Renderias da Ilha.[200]

[200] Foto de Elis Regina Barbosa Ângelo, Janeiro de 2004.

Os descendentes de açorianos conservaram os aspectos da sua cultura material, que passou a ter uma outra função além de fazer parte do legado cultural. A questão da apropriação da atividade turística por bens de consumo tangíveis e intangíveis da cultura açoriana proporcionou um meio de subsistência calcado nestes elementos. A transformação destes bens em produtos do turismo pode ser algo que, conforme descrito, venha a descaracterizar o artesanato, caso haja uma transformação massificada de *souvenir* e das manifestações culturais.

O que se percebe na Lagoa da Conceição é que os objetos, até o momento, não sofreram a industrialização. Alguns *souvenirs* são feitos especialmente para os turistas, porém as rendas de bilros, a olaria, as manifestações culturais e as demais festas e folguedos característicos mantiveram sua essência, como é o caso da Dança de Fita, Boi de Mamão, entre outras, mas correm o risco de se tornarem produtos apropriados pelo turismo.

Nesse sentido, pode-se dizer que, na Lagoa da Conceição, as manifestações estão se transformando em produto turístico, pois ocorrem estrategicamente em épocas específicas do ano, sendo assistidas pela comunidade e pelos turistas; por esse motivo, passaram a ser elaboradas com fins turísticos. Assim, o turismo passa a ser, talvez, a única forma de manter a confecção. Percebe-se, portanto, que a sua função para as rendeiras e para a comunidade em geral passa a ser benéfica.

Alguns visualizam a atividade turística enquanto causadora de impactos, não percebendo, no entanto, os seus “efeitos”. Não se trata apenas de uma referência sobre a categoria trabalho, na qual o mesmo gera empregos e cria oportunidades, mas capaz de beneficiar a continuidade da tradição. Contudo, se não houvesse o turismo na região, haveria também a possibilidade do fim da tradição de tecer rendas.

Em um dos depoimentos da obra de Regina Dalcastagnè, se tem uma visão de como se sente uma das rendeiras ao falar sobre a continuidade da tradição:

> Agora as meninas não querem mais saber disso, quando chega a hora de começar a trabalhar vão para a cidade e arranjam um emprego, lá aprendem coisas novas, conhecem gente diferente o ano inteiro e não têm ninguém para vigiá-las. Eu ficava triste quando minhas filhas não ensinavam as suas a fazer renda. Elas estavam certas. Por que continuar algo que já não se faz necessário? Seria como brigar contra o tempo.[201]

O fim da tradição perpassa a temporalidade, dá voz aos antigos e aos novos, sempre com divergências e adversidades e com a possibilidade de retornar enquanto uma forma de circularidade cultural.

Tentar manter a cultura açoriana faz parte do universo dos moradores da Ilha como um todo, seja por meio dos interesses das comunidades, das entidades promotoras da "consciência das raízes" ou dos interesses dos promotores do turismo. No entanto, o aprendizado dependerá de outras visibilidades, como é o caso da apropriação turística como um novo modo de manter a renda, tornando-a um artigo artesanal rentável.

[201] DALCASTAGNÈ, Regina. *Tramóia: Histórias de Rendeiras.* Florianópolis, SC: Insular, 1998. p.45.

3.3 TRADIÇÃO E GERAÇÃO: UM PROCESSO EM DEBATE

Pensar no processo geracional que conservou a tradição do “saber-fazer” da renda de bilros é tentar perceber em que circunstâncias essa técnica se manteve por tantos anos, apesar de suas adaptações.

Manter uma tradição em meio às adversidades contemporâneas em relação ao passado parece ser uma tarefa ainda maior do que em outros tempos, em especial pelas transformações oriundas da modernidade. As gerações, ao longo dos anos, se adaptam às novas tecnologias e às configurações de seu presente, cabendo, porém, aos antecessores passar ensinamentos e direcionamentos para a composição de novos ciclos. Assim:

> A família e o grupo de parentes são pessoas que auxiliam na passagem de um estilo de vida a outro, colaborando na reconstrução de representações no novo espaço orientando o universo das rotinas diárias e dando suporte na criação de novas identidades.[202]

Além da passagem de um estilo de vida com seus valores, crenças, costumes e ideais, à família também cabe a transmissão dos rituais e das tradições, como é o caso das famílias açorianas de Santa Catarina, que por muito tempo transferiram a tradição feminina de tecer renda.

Ao falar sobre a tradição entre as novas gerações, Dona Silvia pontua:

---

[202] LUCENA, Célia Regina P. de Toledo. *Refazendo Trajetórias: Memórias de Migrantes Mineiros em São Paulo. (Jardim Barbacena, 1960-1995).* Tese, Doutorado em História, PUC-SP, 1997. p.163.

> ...eu conheço a Ilha inteira de Florianópolis, todas as rendeiras eu conheço, todas as famílias, pessoas amigas, mesmo não tendo família, mas eu só vejo pessoas acima de cinquenta anos fazendo. Setenta, oitenta, às vezes até de noventa, noventa e poucos anos fazendo. E os jovens que vem?... eu conheço a Ilha Inteira, né? Eu tenho cinquenta e três anos, mas eu espero que assim quando eu morrer, que as minhas filhas que têm habilidade, que sabe fazê continuem pra renda não acabar.[203]

O olhar de Dona Silvia se volta para a continuidade da tradição. Relatando sua experiência de vida, fala com emoção sobre o fim da tradição nos Açores, onde esteve em 2004.

> Eu fui a Portugal 22 de abril e voltei dia 2 de maio, daí eu fui em quatro Ilhas, daí eu fui São Miguel a Pico Faial e a Ilha Terceira. Daí foi muito bonito para mim eu mostrar a minha tradição, tinhas muitas senhoras e jovens que choravam assim perto de mim e até eu ficava emocionada e chorava junto, somente assim na Ilha do Pico, é porque elas disseram que lá acabou a tradição da renda de bilro. Quando a avó a bisavó a mãe morreram a renda foi junto. Porque quem ficou aprenderam as fazê, mas não tiveram a oportunidade de continuar e isso desapareceu, então quando eu cheguei lá com a renda nossa foi assim, na primeira noite por exemplo tinha umas oitenta a cem pessoas, na Segunda noite era trezentas a quatrocentas pessoas em minha volta. Então eu tinha que trabalhar a tarde e a noite. Porque tinha um grupo de senhoras que ia a tarde e os estudantes ia a noite. Então assim foi muito bonito. Porque São Miguel a Ilha é grande, tem muita coisa assim pra ver, a lavoura, muita loja, mas o Pico é tipo a Costa da Lagoa, é uma coisa assim bem antiga assim aqueles povo assim aquelas pessoas, como nós assim, falamos assim bem manezinho, coisas que a gente não esquece, me chocou muito assim aquele pedaço ali do Pico, porque o pessoal assim, muitas senhoras de sessenta, setenta anos, até os

[203] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004.

> homens se comoviam de vê da mãe fazê e lá não ter mais. Então foi assim um pedaço tão gratificante pra mim, porque eu acho assim, se ele me convidasse eu voltaria pra ensiná. E isso foi a proposta que eu deixei porque a Ilha do Faial que me convidou pra ir. Eu deixei com a Dra. Alzira que é a Presidente da Comunidade que fez a toda a Semana do Brasil. Deixamos aberto, quando ela esteve aqui agora ela disse que se o partido ganhar as eleições a gente voltaria lá o ano que vem pra dar aulas. Pra mim dar aula pra alguém que muitas pessoas interessadas em aprender a resgatar a cultura quer nós temos aqui. Porque foi uma rendeira, uma criveira. Mas lá tem crivo, tem crivo, tem trabalho de fazer cesto, tem alguns trabalhos mas a renda de bilros não tem mais, vei de lá e lá acabou. Nós ficamos resgatando essa cultura que até hoje tem a contribuir. Eu conheço a Ilha inteira né, eu tenho cinquenta e três anos, mas eu espero que assim quando eu morrer, que as minhas filhas que tem habilidade, que sabe fazê, continuem pra renda não acaba. E olha já fui ao Canadá, fui agora a Portugal e espero que tenha outra oportunidade de poder demostrar para que não acabe a nossa tradição. Porque eu acho que quando eu morrer eu levo tudo isso e acho maravilhoso o meu trabalho.[204]

Dona Silvia aborda com sensibilidade o fim da tradição, percebendo que mesmo na Lagoa essa questão parece latente para o futuro, uma vez que as necessidades das novas gerações são outras e a estrutura familiar, atualmente, já não basta para que as filhas queiram manter algo que parece já se perder no tempo.

Nas memórias das rendeiras, o que se percebe é que mesmo elas, aos seis ou sete anos, quando iniciaram a tarefa de fazer rendas, eram instigadas, pois se pudessem escolher talvez não fossem atualmente rendeiras. Tendo a opção de outras possibilidades, como estudar e ter uma profissão, as novas gerações não se interessam pela confecção de rendas de bilros, pois, conforme abordado

[204] Idem.

anteriormente, a tradição passou a ter outra conotação, ou seja, uma profissão ou um meio de sobrevivência. Dessa forma, a descontinuidade parece o fim efetivo dessa tradição enquanto continuidade geracional.

Tanto em Portugal, nas Ilhas onde Dona Silvia esteve, quanto em Florianópolis, a descontinuidade geracional é um fato. O tempo das coisas não é estático, assim como o processo cultural, que dinamiza as atitudes, os gestos e mesmo as incorporações, as mudanças e as adaptações, podendo se perceber sempre um contraste do velho com o novo, do antigo com o moderno, do antes e do depois.

Essas dicotomias são tidas sempre enquanto começo e fim e não enquanto meio, no qual existem possibilidades. Existe espaço para o velho e o novo, da mesma forma que outras atividades são remodeladas na vida cotidiana atual, talvez não com as mesmas características e propostas, mas com um olhar e um tempo diferentes e uma aplicabilidade distinta.

O processo tradicional vem sendo talhado por “outras mãos”, como mencionado no aprendizado sistematizado que vem ocorrendo no Casarão da Lagoa, com o intuito de manter viva a tradição.

Voltando a pensar na tradição enquanto uma continuidade geracional, isso passa a ser uma nova perspectiva, mas não mais a mesma tradição, e sim a continuidade do processo de fazer rendas. A interpretação da tradição enquanto algo inventado se refaz novamente, porém, de uma outra maneira, sob a forma de aprendizado de um processo profissional, e não mais tradicional.

Assim, a vida cotidiana apresenta-se como um emaranhado de gestos, relações, atividades, alienação, rotina e demais acontecimentos do dia-a-dia costumeiro e corriqueiro do ser humano, com suas singularidades e adversidades. O

trabalho é algo que está imerso no cotidiano individual e coletivo; entretanto, falar em trabalho como fato cotidiano é imergir em uma construção social contínua e variável.

> O cotidiano para Lefevre caracteriza a sociedade em que vivemos e apresenta-se como o caminho mais racional para entendê-la. Nesse ponto cabe esclarecer que o cotidiano é uma construção: a sociedade se organiza e constrói seu cotidiano seguindo uma ordem. No cotidiano, a separação homem-natureza, o exacerbamento do individualismo, a fragmentação dos indivíduos, idéias e trabalho aparecem com toda a força.[205]

Dessa maneira, pensar no trabalho como uma das principais categorias norteadoras do cotidiano feminino das rendeiras é perceber a rememoração dos fatos diários por meio de atividades tidas como femininas que se configuram como trabalho.

Considerando que a "vida cotidiana se altera mediante os valores de uma dada época histórica ou em função das particularidades e interesses de cada indivíduo e nas diferentes etapas de sua vida"[206], percebe-se que, entre as gerações, essa ponderação torna-se indiscutivelmente pertinente, pois cada geração de mulheres construiu seu cotidiano mediante os valores de diferentes épocas e suas respectivas necessidades individuais.

As mudanças, transformações, incorporações e adaptações ocorridas no cotidiano das mulheres rendeiras também trazem consigo as permanências de valores, crenças, tradições, modelos e regras. Entretanto, as indicações de

---

[205] CARLOS, Ana Fani A. *A Cidade.* São Paulo: Ed. Contexto, 2003. p.23.
[206] HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História.* São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000. p.24-9.

mudanças acabam sendo salientadas em suas informações sobre o passado, em outras temporalidades e espacialidades.

Para as novas gerações, especialmente as mulheres com idade entre 25 e 30 anos, o quadro de mudanças encontra-se embricado nas esferas da modernidade e do progresso, pois:

> O ritmo que esta modernidade e progresso imprimem à vida cotidiana é tal que parece que nada de antigo se mantém e nada de novo chega a criar raízes, parece que tudo se encontra de passagem e não vem para ficar.[207]

Com essa imersão nas esferas de uma outra cotidianidade, ora distinta ora equivalente a de outras gerações, as que participam das descontinuidades percebidas entre as filhas das rendeiras, mostram as atividades que as diferenciam e as que mantêm o universo feminino na comunidade.

> Olha as vezes até eu converso com minhas filhas assim, as vezes elas olham pra mim e dizem mãe lembra daquele tempo... olha quanta coisa nós temos agora. Mas apesar do que nós temos, o padrão de vida de agora, tem o que botar na mesa, vestir, comer e beber do bom que a gente sempre procura fazer, mas eu prefiro ainda aquele tempo. Sem violência, comida sem agrotóxicos, tudo natural que a gente mesmo plantava e comia. Da carne, peixe, a cebolinha verde, arroz, acho que era só, o resto tudo a gente fazia. Até sabão pra lavar roupa a gente fazia. Então eu digo pra minhas filhas... filha a gente dançava de tarde, namorava de tarde, passeava durante tarde, se brincava era assim uma coisa sadia. Hoje a gente

[207] CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. *Cotidiano e Crítica.* 4ªed. São Paulo: Ed. Cortez, 1996. p.39.

> tem medo até de sair da porta pra fora de casa na rua, hoje até a Lagoa, até os manezinhos que é uma coisa que a gente não esperava é drogas, é bebida, é na escola é na rua. Eu pelo menos se pudesse voltar atrás eu voltaria. Eu preferia ser pobre mas queria ter a minha vida que eu tinha antes. Não que seja rica, mas tenha minha vida boa, não posso reclamar, o ensino, a educação, a benção pros pais, a benção pros tios... Hoje em dia é só um beijo. Eu vejo as minhas filhas são maravilhosas não posso reclamar, são boas, estudiosas, as duas fazem faculdade, eu também quero ver se faço ainda uma faculdade. Tô fazendo o segundo grau, acabei o primeiro há pouco. Mais por curiosidade, a experiência, coisa que não tive na infância. Tenho apoio do marido, das filhas, elas me levam, vão me buscar. Mas o meu mundo antigo era bem gostoso. Era bem diferente...[208]

Perceber as atividades cotidianas de Dona Silvia e de suas filhas é observar desde as tarefas mais simples, as particularidades e os interesses individuais, até as respostas que se encontram inspiradas no conceito desse cotidiano.

Nos discursos proferidos sobre o passado, percebe-se que o cotidiano das gerações anteriores era marcado pela obrigatoriedade do trabalho como um meio de subsistência, concatenado na produção de mercadorias sem a devida finalidade e sentido individual. Já as novas gerações procuram se estabelecer segundo suas necessidades próprias e conforme o sentido e a finalidade do trabalho, dando continuidade a algo que anteriormente era estabelecido ao seu gênero e à sua classe social, mas na busca de valores distintos e, conseqüentemente, de suas necessidades e satisfação individuais. Assim:

> O que está em jogo, no centro da cotidianidade contemporânea, é a universalização do mistério que Marx localizou na forma de

[208] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004.

> mercadoria: a específica objetividade imediata instaurada nas formações econômico-sociais onde o modo de produção capitalista consolidou conclusiva e desenvolvidamente a sua dominância. Sem os instrumentos teóricos elaborados pela crítica da economia política marxiana é impensável o desvelamento da faticidade em questão e todas as suas decorrências na estruturação da vida cotidiana contemporânea.[209]

A questão formata uma visão sobre a cotidianidade contemporânea, vista na sociedade massificada pela mercantilização que domina as esferas da vida. Porém, ao mesmo tempo, percebe-se que as novas gerações estão mais conscientes da finalidade e dos objetivos do seu trabalho, de forma individual e não mais familiar, como no passado, não dando continuidade obrigatoriamente a ações diversas, que apenas eram passadas de mãe para filha, sem questionamentos mais aprofundados.

Dona Zaliá comenta sobre o desinteresse das novas gerações:

> Hoje em dia elas não aprende porque começa a ir pro colégio com 4, 3 anos de idade, né. Já começa cedo, aí tem o jardim de infância, tem o pré... elas já vão pequeninha... dali já vão estudando, hoje em dia tudo qué estuda, né. E no principal que elas capricham é o estudo. As coisas assim do serviço, difíceis assim, elas num qué fazê...[210]

Quando as rendeiras abordam a questão da continuidade do processo de fazer rendas, referem-se aos atos por meio dos quais foram passados os ensinamentos como algo imposto e alheio à sua vontade. A continuidade do fazer

[209] CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. Op. cit. p.89.
[210] Depoimento de Dona Zaliá Francisca Laureano, em 9 de janeiro de 2004.

por meio da tradição parece ser muitas vezes impensada. As novas gerações não querem dar continuidade à renda de bilros por muitas razões, sendo uma das principais o discernimento do que se quer fazer tanto na vida cotidiana, em suas amplas e diversificadas atitudes, quanto nas próprias ideologias.

A procura por novas perspectivas pessoais e profissionais difere as novas gerações das anteriores, que eram marcadas por uma continuidade de atos mediante sugestividades e obrigatoriedades impostas pelos mais velhos. Apesar de se tratar de épocas distintas e separadas, muitas vezes as continuidades representavam a falta de perspectiva, em razão da própria configuração conjuntural e estrutural da sociedade e, em especial, da comunidade onde estavam inseridas.

Não se pode afirmar que as gerações anteriores estavam estáticas, apenas repetindo os atos e ações das antecessoras, mas as continuidades eram visivelmente maiores do que as da contemporaneidade. A passagem das experiências sociais era mais facilmente percebida pela própria estrutura da vida cotidiana, especialmente para a mulher.

> No que diz respeito aos mistérios da criação dos filhos, a jovem não cumpre seu aprendizado junto às matronas da comunidade. O mesmo acontece com os ofícios que não têm um aprendizado formal. Com a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade. Embora a vida social esteja em permanente mudança e a mobilidade seja considerável, essas mudanças ainda não atingiram o ponto em que se admite que cada geração sucessiva terá um horizonte diferente. E a educação formal, esse motor da aceleração (e do distanciamento) cultural, ainda não se interpôs de

> forma significativa nesse processo de transmissão de geração para geração.[211]

O aprender tecer renda de bilros a partir dos sete anos de idade não se restringia apenas à sua expressão formal, mas servia como um mecanismo de transmissão entre gerações. A obrigatoriedade do aprendizado promovia a continuidade da tradição e favorecia uma nova perspectiva para ampliar os ganhos familiares a médio e longo prazo.

As meninas não tinham, até os anos 70, a opção de estudar ou sair desse meio associado aos processos de transmissão da técnica artesanal de fazer rendas. A continuidade da tradição era o meio no qual se sujeitavam, em vez de desafiar as mães.

> As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. Sempre que a tradição oral é suplantada pela alfabetização crescente, os produtos impressos de maior circulação – brochuras com baladas populares, almanaques, panfletos, coletâneas de “ultimas palavras” e relatos anedóticos de crimes – tendem a se sujeitar a expectativas da cultura oral, em vez de desafiá-las com novas opções.[212]

As gerações atuais de mulheres, ou seja, as que têm cerca de trinta anos, não mantiveram a tradição de fazer rendas porque, além de terem se negado a aprender, suas próprias mães, ao que parece, lhes deram a opção do aprendizado, não

---

[211] THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: Estudos sobre Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.17-8.
[212] Ibidem. p.18.

fazendo dele uma imposição. Ou, em outras ocasiões, as mães nem sequer quiseram ensinar, tramando, com isso, novas perspectivas de vida para suas sucessoras.

Sobre o cotidiano na infância, percebe-se as diferenças de cinqüenta anos atrás e dos dias de hoje na fala de Dona Zaliá, que descreve alguns atos considerados por ela como cotidianos:

> Eu fazia renda e ajudava a mãe nas "voltas da casa", né. Também bordava, também ajudava. Ela e eu e uma irmã. Só tinha uma irmã e a minha mãe e meu pai... Só tinha aquela lutazinha, né. Que de primeiro a vida era mias dificuldade, né. Hoje como tudo isso como tá, mas hoje em dia as veis ainda alguém pergunta: Oh Dona Zaliá então assim, como é a vida agora? É melhor agora o no tempo de criança? Não acho que agora é melhor, né. Naquele tempo era mais difícil, não tinha essas barcas, não tinha essa barca grande como tem agora, pra ir no centro nóis atravessava esses morro aqui, era uma dificuldade...[213]

As adversidades do tempo de criança rememoradas por Dona Zaliá reforçam as diferenças do seu cotidiano em relação ao dia-a-dia das novas gerações. Ela atribui as distinções à falta de luz elétrica, à ausência de meios de transporte para os deslocamentos e à própria estrutura da localização do seu lar. Aborda ainda que:

> Oh! Aquela escuridão era uma coisa feiusca... Pra saí de casa era um sacrifício, né? Era com luz de querosene, né. Esfumaçava as casas toda. As casas era tudo esfumaçada que a gente tinha que

[213] Depoimento de Dona Zaliá Francisca Laureano, em 9 de janeiro de 2004. Dona Zaliá foi entrevistada na Costa da Lagoa, em sua residência.

> usá uma luz maior pra dá claridade. A luz foi uma beleza aqui pra nóis. Agora espero o telefone...[214]

As próprias dificuldades de deslocamento mantinham as mulheres dentro das casas ou nos seus arredores, fazendo suas atribuições cotidianas, trabalhando na agricultura e na confecção das rendas. Como era mais fácil para o homem se deslocar, já que ele poderia remar da Costa até o Centro da Lagoa, à mulher cabia ficar em casa e manter, além de suas atividades, a tradição feminina de tecer, sobretudo pela dificuldade de enviar as filhas para a escola não apenas porque esta era distante, mas pela própria precariedade econômica da família.

> A gente não podia sair daqui. A gente só ia na Barra da Lagoa, na praia da Barra ia a pé, no Campeche a gente ia nas festas pela praia da Joaquina, ia andando pela praia, aí fazia um atalho e chegava lá. Dormia lá e voltava no outro dia. A gente só ficava aqui. Pra sair da Lagoa a gente tinha que ir de caminhonete, com os comerciantes que iam pra lá. A gente só ia até a Costa, a Barra e o Campeche. Quando eu tinha uns quatorze ou quinze anos, o meu tio tinha uns parentes que moravam no Pantanal (bairro) aí nós íamos matar camarão, siri à noite, cozinhava quando chegava, e no dia seguinte, colocava um rolo de pau nas costas e íamos até a casa dos parentes, de qualquer pessoa porque ia vender siri. Acho que eles tinham pena da gente, ia de sandalinha de dedos e até descalça. Muitas vezes fui descalça. O sapato ficava pra outras ocasiões...[215]

Ao relembrar as dificuldades de infância, Dona Silvia comenta sobre suas vestimentas e seus calçados, bem como os óbices encontrados para sair da Lagoa.

---

[214] Idem.

[215] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004.

Além da ausência de luz elétrica, asfaltamento e transporte, tudo em seu cotidiano era transformado em trabalho. Qualquer diversão acabava sendo, de alguma forma, lucrativa.

Quando comenta sobre as mudanças dos seus tempos de criança, Dona Zaliá aborda dificuldades semelhantes às relatadas por Dona Silvia, embora as rendeiras

habitassem recantos diferentes. Na Costa da Lagoa, as dificuldades de deslocamento pareciam ainda piores.

O que mudou para melhor foi o transporte, o colégio que a gente tinha o colégio aí. Tem hoje até a 4ª série. Naquele tempo não tinha né. Tem aula à noite. Tem creche pras crianças. Também não tinha... Só entrava na escola depois dos 7 anos... já melhorou bastante, tem o colégio ali com a escolinha... O resto era uma dificuldade...[216]

As adversidades rememoradas não se referem apenas à ausência de meios de transporte para os deslocamentos, mas também à falta de estrutura familiar. Atualmente, as filhas e filhos têm maior possibilidade de estudar e buscar uma profissão para o futuro.

Quando aborda a educação, Dona Zaliá sempre fala com um tom de desgosto por não ter aprendido a ler e a escrever, pois, segundo seu depoimento, seu pai só deixava os filhos homens freqüentarem a escola, e mesmo assim apenas para ler, escrever e fazer contas.

> Com os papelzinhos da venda que embrulhava açúcar e feijão, a gente ia lá pedir pro dono da venda uns pedaços de papel, pegava um lápis e ia pra escola escrever. Aí eu tirei o primeiro e o segundo

[216] Depoimento de Dona Zaliá Francisca Laureano, em 9 de janeiro de 2004.

> ano primário. Daí foi uma turma minha, quatro amigos meus estudar na Trindade, só que os pais deles deixaram, aí o meu pai não deixou, eu tinha doze anos, jamais ele ia deixar ir a pé na Trindade com os amigos. Aí tive que fazê renda...[217]

A tradição era, de certa forma, tida como obrigatória para as meninas a partir dos sete anos. Estas crianças, ao que tudo indica, não estudavam ou por dificuldades ou porque os pais não queriam que as mulheres se instruíssem.

> Este processo de aprendizagem tem sofrido modificações com a expansão urbana e o turismo. As possibilidades de se conseguir um trabalho fora, com remuneração imediata, tem sido um grande atrativo para as mulheres jovens e mesmo para as meninas. Também a escola tem sido incentivada e as mães preferem que as filhas estudem e se preparem para um trabalho futuro em lugar de ficar perdendo tempo na renda...[218]

Nos discursos das rendeiras pode-se perceber algo ambíguo. Elas querem que a renda seja mantida, mas, ao mesmo tempo, quando são questionadas sobre os motivos do desinteresse de suas filhas pela manutenção da tradição, comentam que não quiseram aprender. Existe algo que não se encaixa, pois, se elas foram "obrigadas" a tecer, teriam que "obrigar" suas filhas a conservarem a tradição. No entanto, estas mulheres participaram ativamente da "ruptura" do processo de ensino-aprendizagem de tecer rendas, uma vez que queriam um futuro diferente para suas filhas. Percebe-se, então, que:

---

[217] Idem.
[218] BECK, Anamaria (org.). *Trabalho Limpo: A renda de bilro e a reprodução familiar.* Florianópolis, SC: UFSC, 1983. p.20.

> A postura passiva das mulheres mais velhas contrasta com aquela menos passiva das mulheres mais jovens. Deve-se salientar que, conforme a rapidez com que as transformações vão atingindo estas pequenas localidades, distintas motivações levam a mulher a deixar a renda. Por exemplo, entre as mulheres mais velhas, poucas passaram pela experiência de um trabalho fora de casa, antes do
>
> casamento. Porém, o mesmo não acontece com as mulheres mais jovens, cuja experiência de trabalho, anterior ao casamento, é totalmente desprezada pelo marido, que deseja reproduzir o modelo tradicional da família, garantindo-se a partir de uma postura autoritária e paternalista.[219]

Essas distintas posturas percebidas entre as gerações no que diz respeito principalmente às questões ligadas ao trabalho e à vida cotidiana perpassam exatamente o dia-a-dia das mulheres de três gerações que habitam a Lagoa.

Nesse sentido, abordar a questão do cotidiano significa adentrar num universo bastante complexo e surpreendente. Quando se analisa a divisão cotidiana entre duas ou mais gerações, faz-se necessário pensar que as rememorações de outrora são, de certa forma, partes de experiências que ficaram retidas na memória, e, a partir disso:

> Somente uma pequena parte das experiências humanas são retidas na consciência. As experiências que ficam assim retidas são sedimentadas, isto é, consolidam-se na lembrança como entidades reconhecíveis e capazes de serem lembradas.[220]

---

[219] Ibidem. p.24.
[220] BERGER, Peter L. *A Construção Social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. p.95.

Conforme as lembranças do cotidiano foram sendo compartilhadas, pôde-se perceber que muitas delas apareciam enfatizando o trabalho. As mulheres parecem não se lembrar de fatos ou acontecimentos “corriqueiros” que não estivessem ligados ao labor.

Dona Silvia comenta sobre seu cotidiano descrevendo suas tarefas e atribuições:

> Quando eu tinha uns quatorze ou quinze anos, o meu tio tinha uns parente que morava no Pantanal aí nóis ia matar camarão, siri a noite, cozinhava quando chegava, e no dia seguinte, colocava um rolo de pau nas costas e íamos até a casa dos parentes lá no Pantanal pra vendê. Eu ia de manhã cedo, almoçava na casa dos parentes, de qualquer pessoa porque ia vender siri, acho que eles tinham pena da gente, ia de sandalinha de dedos e até descalça. Muitas vezes fui descalça. O sapato ficava pra outras ocasiões. Até hoje lá no Pantanal não sei quem eram aquelas pessoas, acho que não reconheceria. Mas vendíamos ovo, camarão, siri.[221]

Ao rememorar seu cotidiano de infância, a rendeira fala das atividades e obrigações que tinha, como pano de fundo para abordar outras questões menos pertinentes. O trabalho, portanto, perpassa quase todos os momentos da vida diária.

Quando lembra da sua juventude, com necessidades um pouco distintas das de infância, permite que a sensibilidade seja aflorada com saudosismo de outros tempos, mesmo frente às dificuldades econômicas pelas quais passou. Novamente, o relato mostra que as questões financeiras e de trabalho sempre estiveram presentes:

---

[221] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004.

> Olha, eu me lembro que tinha um casamento e o meu irmão mais velho me deu uma surra. O meu pai tinha uma rede lá no Gravatal e daí o meu pai nos disse que tínhamos que ir a um casamento. Aí como eu era muito vaidosa eu não queria ir com os meus vestidos velhos, queria uma roupa nova. Aí meu pai pescava tainha e deu um lance com aquela rede enorme, cheia de peixe grande. Aí eu ajudei puxar a rede, carregar o peixe também, e só que naquele tempo eles iam de cavalo com o balaio cheio de peixes. E o meu irmão tinha um cavalo pra carregar esses peixes, eu fui lá nas duas pequenas joguei dentro do balaio e roubei as duas grandes. Aí apanhei tanto do meu irmão, com uma corda, fiquei cheia de vergões. Aí vendi as tainhas, fui a cidade a pé, comprei uma saia prensada de xadrez e uma blusa de seda. Mas eu tava tão bem arrumada no casamento, que a surra valeu a pena. As minhas irmãs brigavam comigo durante todo casamento, brigaram a semana toda por causa disso, eu com uma saia de xadrez toda prensada, uma sandalinha de salto. Naquela época só tinha sandalinha sem salto, sandalinha de dedo amarradinha na perna. E eu fui tão bem arrumada, tão chique, era mocinha, tinha uns quinze, dezesseis anos, mas valeu a pena apanhar... Deu com a corda. Ele puxava o cavalo com a corda e deu com a própria corda me deu nas costas.[222]

A postura diante das adversidades financeiras era de conquista e independência, já que, mesmo contra a imposição de outros os membros da família, a jovem buscava diferenciação e “status”. Também se nota mais uma vez a presença do trabalho em família e da busca por oportunidades para vender produtos alimentícios, ajudar os pais em suas atividades e exercer algum tipo de tarefa. A família demonstrava, portanto, estar sempre unida para lutar contra as precariedades.

Nas memórias relatadas pelas rendeiras, sempre são ressaltadas as suas atribuições, individuais ou coletivas. Parece que o trabalho sempre esteve presente

[222] Idem.

no cotidiano dessas mulheres, seja na infância, na adolescência, na juventude ou na idade adulta.

Dona Silvia conta que, aos cinco anos, recebeu o instrumental próprio para aprender a tecer renda; sobre os dias de aprendizado, recorda como foi iniciada na técnica e como eram cobradas suas tarefas. Nas memórias de Dona Silvia acerca das dificuldades passadas, visualiza-se novamente um discurso que se apresenta de forma ambígua, uma vez que ora ela fala sobre sua inserção na tarefa de tecer a renda por obrigação, e em outros momentos diz adorar o trabalho que faz, afirmando que não saberia fazer outra coisa. Quando questionada sobre o que faria se não fosse rendeira, diz que não teria outra profissão ou amor a outro tipo de atividade.

Das necessidades advindas de poucos recursos financeiros, Dona Silvia rememora uma surra que levou por conta da venda “escondida” de peixes. Mesmo depois de descoberta, ela manteve sua postura e foi até a cidade para comprar roupa e sapatos novos para um casamento. Ela diz que queria estar bonita, ser diferente das outras. Percebe-se que Dona Silvia queria mostrar-se de forma diferenciada, pois as irmãs estavam vestidas de forma simples, o que conota uma necessidade de se parecer com as meninas “ricas” da cidade e não ser reconhecida como rústica, de poucos recursos financeiros.

A busca pelo diferencial parece ser também um dos motivos que fez com que as novas gerações, entre elas as próprias filhas de Dona Silvia, optassem por uma carreira e por estudar na Universidade. O que difere o tempo delas do tempo de adolescente de Dona Silvia são todos os elementos que remetem à facilidade para se obter roupas e sapatos novos, ter um padrão de vida melhor, bem como alimentação, lazer, estudos e demais recursos.

Essas questões parecem distanciar as épocas; por esse motivo, as filhas dizem para ela: “mãe lembra daquele tempo... olha quanta coisa nós temos agora”. Esse posicionamento reflete uma conotação das condições de vida, na qual se inscrevem movimentos de estruturação da cidade, novas formas de deslocamentos, qualidade de vida, opção de trabalho, mudança na direção das opções femininas, entre outras razões que as fazem acreditar que suas vidas estão ajustadas. Por isso, quando a mãe fala que “aquele tempo era melhor”, elas debatem e expõem melhoramentos da contemporaneidade, o que também justifica a desobrigação do aprendizado ou da continuidade da tradição de fazer renda de bilros.

3.4 COTIDIANO, MEMÓRIA E TRADIÇÃO

Quando se pensa em cotidiano, logo aparece a inquietação da mesmice, das obrigações, das brigas e dos aspectos ligados às imposições. Contudo, perceber e apreender o cotidiano das rendeiras foi, sem dúvida, algo que trouxe uma visibilidade de “gostos” e “desgostos”.

Trata-se de desvendar aspectos do dia-a-dia que, relacionados às tradições, são apresentados em forma de memórias da infância, da juventude e da idade adulta. Quando fala sobre as suas memórias da tradição de fazer rendas, Dona França aponta:

> Eu aprendi com a minha mãe porque eu tinha tempo de fazer e a minha mãe tinha tempo de ensina, né. Eu tinha outra irmã mais velha que fazia também, aí comecei a fazê. Mas eu pras minhas filhas eu não passei porque eu não tinha tempo... As minhas irmãs aprenderam, memo a mais nova... Elas sabe costura... sabe faze crochê...[223]

Ao observar esse relato de Dona França, percebe-se que a sua trajetória de vida fez com que o ensinamento da tradição não fosse passado para suas filhas, não por não querer ensinar, mas por falta de tempo. No caso de sua família, suas irmãs aprenderam a tecer, mas com suas filhas o mesmo já não aconteceu.

De todas as depoentes, apenas Dona França parece não ter ensinado ou tentado ensinar suas filhas ou netas. As filhas de Dona Norma e Dona Silvia, por exemplo, sabem fazer rendas, mas não praticam a atividade ou por falta de tempo,

[223] Depoimento de Dona Francelina Dorvalina Martins, em 14 de janeiro de 2004.

ou por outras necessidades, tais como cursar faculdade e trabalhar para arcar as próprias despesas. Além dos aspectos da “quebra” do ensinamento, outras questões se posicionam sobre o cotidiano dessas mulheres que, em gerações diferentes, compartilham o dia-a-dia, no qual se cruzam suas trajetórias de vida.

O viés da cotidianidade a ser investigado nas trajetórias de vida destas mulheres, nas quais permeiam as questões da identidade, também possui um significativo elemento de análise e discussão com as próprias “falas”, pois revela os mesmos objetivos dimensionais a serem apreendidos. “Assim como a memória, também como identidade podemos partir das três dimensões: tempo, espaço e movimento como elementos constituidores e agentes dos processos identitários.”[224]

Tanto os elementos identitários como as memórias, na questão do cotidiano vivido e novamente descrito atualmente, ou seja, o antes e o de agora, sob as perspectivas temporais e também sob o olhar político, econômico e social das gerações, se tornam algo crucial para o entendimento das mudanças e permanências no dia-a-dia das mulheres.

> A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira ”essência” da substância social. Nesse sentido, Cincinato é um símbolo. As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade de usa época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em si”.[225]

---

[224] DIEHL, Astor Antonio. *Cultura Historiográfica: Memória, identidade e representação*. Bauru:EDUSC, 2002. p.128.
[225] HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

Sendo assim, a observação do cotidiano muito tem a revelar, pois, a partir da compreensão das características cotidianas dessas mulheres, é possível perceber os traços mantidos e também os descartados ao longo dos anos, e, dessa forma, buscar o movimento cultural desse processo, considerando também os comportamentos de cada geração e de cada espaço.

A composição do cotidiano atual das rendeiras permeia uma sistematização do tempo diferente, pois não apresentam as mesmas necessidades que outrora. Hoje, essas mulheres possuem suas casas e suas economias e, de alguma forma, não têm tanta pressa de chegar a “algum lugar”, pois já se casaram, tiveram filhos, construíram uma vida, e agora, uma vez ou outra, cuidam dos netos. O trabalho passou a exercer outra conotação em suas vidas.

Trabalhar ainda é uma necessidade, mas faz parte do cotidiano dessas mulheres sob outras perspectivas, como sustento próprio. Para Dona Zaliá, por exemplo, que recebe pensão do marido falecido, a confecção da renda passou a ser uma tarefa realizada para passar o tempo e para propiciar melhoras nas condições de vida. Para ela, assim como para a maioria das rendeiras, esta é uma forma de aumentar os ganhos familiares.

Portanto, a continuidade do “fazer” não possui mais o objetivo de ganhos, como em outras épocas, quando muitas vezes à mulher rendeira cabia sustentar a casa, especialmente se fosse viúva ou se o marido ficasse por longos períodos em alto mar. Além da confecção da renda, a mulher também exercia outras atividades para ampliar o rendimento familiar, como era o caso da venda de alimentos no centro de Florianópolis.

Para Dona Norma, a confecção de rendas possui em seu cotidiano uma conotação diversificada, pois é lucrativa, já que está inserida no Centro da Lagoa,

um dos locais mais visitados e procurados pelos compradores. Ao mesmo tempo, a atividade é um passa-tempo, um trabalho, uma de suas paixões e, acima de tudo, uma continuidade tradicional.

Seu cotidiano se revela sistemático e contínuo, pois acorda cedo, por volta das seis horas da manhã, faz café, toma café, faz as tarefas domésticas, deixa o almoço organizado para depois fazê-lo, arruma e limpa a casa, lava as roupas e depois vai até sua loja e começa a tecer a renda de bilros. Esse processo leva em torno de quatro horas, ou seja, das oito às doze, quando deixa a loja por algum tempo para preparar o almoço; somente depois das treze horas Dona Norma retorna às rendas, e passa o resto da tarde tecendo. Fecha a loja geralmente às vinte horas, dependendo do movimento de pessoas, quando vai fazer o jantar e assistir a novela.

As ações diárias dependem também do local onde moram as rendeiras. Dona Zaliá, que vive na Costa da Lagoa, possui um cotidiano menos cansativo, no qual o tempo parece passar de forma mais lenta. Acorda às oito horas, faz seu café, toma café, limpa a casa, descansa um pouco e faz seu almoço; depois, descansa novamente e à tarde, após um breve cochilo, começa a fazer suas rendas. No dia-a-dia, fica praticamente sozinha, pois é viúva, sua mãe faleceu há alguns anos e seus filhos moram em outras localidades.

> De manhã acordo, faço meu cafezinho, tomo meu cafezinho, limpo a casa um pouquinho mais ou menos e me sento aqui... já tem um pouquinho de renda, as veis conversa com a vizinha, né... e vai se levando a vida, né? as veis nem almoça... descanso... acabo dormindo... hoje almocei e descansei até mais ou menos duas horas. Não tem ninguém que me chame mesmo, não tenho filho, pra dá água, não tem nada... Ah... (risos)...[226]

[226] Depoimento de Dona Zaliá Francisca Laureano, em 9 de janeiro de 2004.

No cotidiano, uma outra esfera a ser analisada permeia a questão da tradição, que deve ser reconhecida, nesse sentido, como o viés pelo qual as gerações foram passando seus diversos ensinamentos e conhecimentos acerca dos traços mantidos e dos não mantidos.

Assim, não se pode dizer que a tradição é vista como algo concretizado, mas sim como algo que, em dados momentos, se choca com as diversas experiências vividas e sentidas no decorrer do tempo de cada uma das gerações, em cada uma das localidades. O desvendar dessas trajetórias permeia um olhar crítico e também distante e subjetivo, interpondo uma abordagem a ser ainda descoberta.

Quanto aos conflitos de gênero, os recantos da Lagoa muito tiveram a contribuir para a análise desta investigação, uma vez que refletem uma diversidade cultural e o próprio significado atribuído a esta prática de tear rendas de cada localidade. “Desvendar e redefinir as relações de gênero implica na análise do espaço onde se articula e insere a ação, o movimento”.[227]

Além de refletir sobre este espaço, a organização urbana, que gerou um crescimento desordenado e, ao mesmo tempo, manteve algumas relações com o passado por meio das tradições, chama a atenção para o conflito entre espaço urbano e espaço rural e entre espaço central e periférico. Os recantos da Lagoa possuem laços comuns e singularidades, que acabam formando comunidades, conhecidas como os que vivem no “Canto, na Barra, na Costa ou no Centro”, além de outros que compõem bairros nas proximidades. Entretanto, essa parece ser uma conotação para os que vivem nestes espaços, pois são todos conhecidos como moradores da “Lagoa” para os que habitam fora dessa configuração espacial.

---

[227] SILVA, Zélia Maria Pereira. *O fio mágico das rendeiras: a ação política das mulheres na redefinição das relações de Gênero.* Tese, Doutorado em Serviço Social, PUC-SP, 1992. p.21.

Cada espaço, apesar de possuir características diferentes, conta muito sobre os outros tempos, fortalecendo os laços, as lembranças e as memórias do passado. Investigar no presente traços do passado, sob o olhar histórico e, especificamente, a continuidade do processo de confecção das rendas de bilros, levará ao que se pode chamar de "vestígios do passado", e estes como:

> Resgate de memória e vivências, ressaltando a trajetória histórica do lugar, suas peculiaridades, riquezas e limites..., de costumes, ora de festas e bailes, ora de trabalho, na pesca ou numa lavoura de subsistência, ora do jogo, do namoro...[228]

Além de estes fatos constituírem o cotidiano das pessoas, existe um outro olhar que se pode lançar sobre eles no que se refere à importância dada a cada acontecimento e como essa importância se debruça sobre outras questões, como é o caso do costume. "O costume é mais perfeito quando tem origem nos primeiros anos de vida: é o que chamamos de educação, que com efeito, não passa de um costume cedo adquirido."[229]

Ainda assim, estes termos devem ser contrapostos sob os diferentes momentos da investigação, que também se remontam ao que se chama de cultura, que pode ser descrita assim:

> ... Não podemos esquecer que "cultura" é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da

[228] BORGES, Elaine. *Vozes de Lagoa.* IBB, 1998. p.6.
[229] THOMPSONM, E. P. Op. cit. p.14.

> hegemonia, a transmissão do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho.[230]

Dessas colocações, torna-se necessário fazer uma reflexão de como o processo tradicional foi sendo passado por diversas gerações até a atualmente percebida com rupturas, ou ainda com a possibilidade de desaparecimento. A questão em si depende do ponto em que o processo se rompeu e da contingência que a alicerçou. Assim, pode-se dizer que, da mesma forma que foram verificadas as questões de mudanças no que se referia à identificação com os traços da cultura açoriana, conforme abordado em outro momento, a tradição feminina também sofreu, em seus ajustes e adaptações, uma certa ruptura no processo, deixando de ser uma tradição.

As rendeiras, assim como os demais habitantes tanto da Lagoa da Conceição como de Florianópolis, passaram a apresentar um discurso voltado para suas raízes, para a sua identidade e os seus traços, pois, a partir de uma remodelação sobre o que é ser “Manezinho da Ilha”, “Homem Açoriano”, “Mulher Rendeira”, passou-se a assumir uma postura diferente da anteriormente inscrita em seu cotidiano. O que era tido como pejorativo, passou, com as ações políticas e administrativas do Estado de Santa Catarina (especialmente nos anos que sucederam o bicentenário da colonização açoriana), a ser descrito pela mídia e pelos divulgadores de opiniões, como é o caso das várias instituições que se colocam à disposição para preservar as origens e identidades açorianas, como algo ressaltador de uma imagem criada por várias razões, em especial para ampliar o crescimento turístico do Estado e da região.

---

[230] Ibidem. p.22.

A ruptura no ensino da confecção de rendas foi percebida exatamente quando as crianças, de um modo geral, começaram a ir para a escola, e no momento histórico em que no Brasil posicionou-se a necessidade de profissionalização da mulher. Assim, percebeu-se que a manutenção de uma tradição que passou a não ter tanto valor quanto as profissões de médica, dentista, advogada, enfermeira, entre outras, seria improvável, principalmente após a inserção da Universidade Federal de Santa Catarina, que poderia ser uma forma de ingresso em outros universos de trabalho. Mesmo a difusão da mídia sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho contribuiu para a extrusão no ensino da confecção de rendas.

O turismo cresceu e as localidades balneárias também foram sendo reestruturadas, as possibilidades de trabalho aumentaram e, dessa forma, a mulher deixou de ter no espaço doméstico a única forma de trabalho.

Ainda sobre a questão das utilizações da cultura, pode-se considerar que "a complexidade de uma cultura se encontra não apenas em seus processos variáveis e suas definições sociais – mas também nas inter-relações dinâmicas, em todos os pontos do processo, de elementos historicamente variados e variáveis".[231]

As relações estabelecidas entre as gerações e entre os vários espaços da Lagoa carregam processos de trocas que, de alguma forma, também significam mudanças e:

> Todo modo de vida e de disputa, refletindo sobre diferentes maneiras de construir, significar e modificar os modos de viver e trabalhar, de se apropriar do tempo e dos espaços, de usá-los, de lutar por eles, ou de se submeter, neste sentido, nas relações entre história e memória, é colocado em perspectiva a memória com relação ao

[231] Ibidem. p.124.

> passado-presente, impregnada de significados sociais, políticos e econômicos, culturais e psicológicos.[232]

O olhar sobre o problema pode ser descrito como uma construção emergente de tópicos e de estratégias sócio-culturais que estiveram à disposição e que deram continuidade conforme as dinâmicas se estabeleciam. O gosto e suas marcas sociais, as teorias, a moda, o juízo estético circulam por essas zonas e seus limites.

Assim, ao ter conhecimento sobre um projeto de lei que se preocupava com a instituição do dia da cultura açoriana no Estado, percebeu-se que o movimento de circularidade perpassou as diversas gerações de açorianos, indiferente de gênero ou classe, podendo mudar agora novamente o sentido das tradições tanto para as mulheres quanto para os homens.

> O projeto tem por objetivo valorizar a cultura dos descendentes de açorianos em Santa Catarina, porque este povo foi o grande responsável pela colonização, organização social e política do Estado, a partir dos municípios situados ao longo da faixa litorânea. As festas e folias de ternos de reis, as danças, as rendas, o artesanato, e outras formas de manter viva a tradição açoriana não podem se perder com o tempo e por isso, os poderes constituídos devem incentivar... [233]

Esse movimento de circularidade cultural refere-se aos vários momentos em que a cultura açoriana foi ora desvalorizada, ora incentivada, sob diferentes perspectivas, desde a época da colonização no Estado até a atualidade, quando se

---

[232] SARLO, Beatriz. Um olhar político em defesa do partidarismo na arte. In: *Paisagens Imaginárias.* São Paulo: EDUSP, 1997. p.55-63.

[233] Lei n. 12.292, de 22 de junho de 2002. Documento Legal que estabelece o dia estadual da Cultura Açoriana no Estado de Santa Catarina. Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

percebe um retorno às raízes que vai e vem, se re-adequando de diferentes maneiras e sentidos, de forma múltipla e em direcionamentos distintos.

Pensar no movimento que se debruça sobre as continuidades e descontinuidades também requer um olhar sobre as várias formatações que se deram ao longo dos anos na questão da construção e reconstrução das identidades. O favorecimento de uma imagem positiva fez com que houvesse um maior interesse em continuar com as perspectivas de manutenção das tradições. Esse posicionamento se valida a partir do momento em que o retorno de uma identificação e pertencimento passa a ter, além de uma conotação positiva, uma valorização econômica; ou seja, existe um (re)pensar nas possibilidades de continuidades das tradições, não enquanto uma forma de manter apensa as questões identitárias, mas uma forma de apropriar-se de novas possibilidades de empreender em algo que tenha um retorno financeiro.

Ao defender o turismo enquanto algo que trouxe benefícios à Lagoa da Conceição, Dona Norma diz:

> O turismo trouxe para a Lagoa uma outra realidade. Fez a gente ter emprego, empregou gente para as praias, vendendo coisas, e iniciou uma diferença em nossa vida. Hoje tem tudo aqui na Lagoa. Ante, não tinha nada, nem luz elétrica, nem água encanada.[234]

Esse olhar sobre as mudanças que reordenaram a cidade parece fazer parte de muitas pessoas que vivem direta ou indiretamente da atividade turística. Outras visibilidades sobre a comercialização das rendas podem ser percebidas no discurso de Crisiane Vieira, que se posiciona de outra forma:

---

[234] Depoimento de Dona Normélia Barcelos Felisberto, Dona Norma, em 02 de novembro de 2001.

> É difícil vender bilro porque tem gente que não valoriza, acha que o preço é alto, não leva em conta o trabalho ou a linha usada, a qualidade. Vou continuar trabalhando aqui até me formar, até eu entrar na Faculdade, depois acho que não vou ter muito tempo. Escolhi ser dentista e não rendeira porque não tem muito futuro a rendeira.[235]

Quando fala sobre o seu desinteresse em continuar a tradição, Crisiane visualiza apenas a confecção de rendas enquanto uma profissão, na qual ela não vê rentabilidade. Ao ser questionada sobre a confecção das rendas como uma tradição, ela diz não querer as mesmas trajetórias de vida de suas antepassadas. Assim:

> A renda não tem futuro. Eu vejo senhoras que fazem. Por mais que elas vendam, por mais que tenha gente que só viva disso, elas não tem uma vida muito estável. Se precisam ir ao médico, elas procuram o SUS, que é uma coisa pública. Elas não têm um plano de saúde. Então quer dizer que não é uma coisa que tem futuro, às vezes vende, outras não vende, tem gente que valoriza, outros não, não é uma coisa segura.[236]

As colocações abordadas por Crisiane são compartilhadas por outras meninas com idade entre 16 a 23 anos. As filhas, netas e mesmo amigas não visualizam o ofício de rendeira como algo rentável e gratificante; dessa forma, se "quebra" uma continuidade geracional.

A busca por novas possibilidades de inserção no trabalho não difere muito do âmbito comercial. As filhas que não continuaram a tradição das rendas são vistas

---

[235] Depoimento de Crisiane Vieira, em 02 de novembro de 2001. Crisiane trabalha na loja de sua mãe na Avenida das Rendeiras, nº 1732.
[236] Idem.

trabalhando em lojas do centro ou dos shoppings, mas, de algum modo, não buscam fazer rendas porque não parecem almejar para o futuro a atividade de rendeira.

Ao rememorar as diferenças entre o seu cotidiano e o de suas filhas, Dona Silvia aponta:

> A gente dividia um pouco em casa e um pouco na casa do padrinho pra assistir televisão. Era bem diferente as coisas. Hoje é tudo muito fácil. As minhas filhas por exemplo, têm computador, um rádio, televisão, têm o shopping pra ir, tem o namorado com carro. Elas são estudiosas, batalhadoras, uma faz faculdade na UDESC que é de graça e a outra na UNISUL, que é muito cara...[237]

Ao analisar as diferenças do cotidiano, Dona Silvia percebe que as filhas hoje possuem facilidades e podem escolher o que vão fazer ou não. Já no seu tempo de adolescente, ela devia seguir os ordenamentos dos pais e não possuía as mesmas condições de escolha. Mesmo ainda tendo regras, percebe com grandes distinções os respectivos cotidianos.

As diferenças parecem dar o "tom" dos encontros e desencontros das gerações; no entanto, verifica-se que muitos elementos foram mantidos, outros incorporados e outros ainda transformados. Mas, de maneira geral, as gerações continuam buscando qualidade de vida.

As semelhanças parecem se evidenciar em momentos específicos da vida cotidiana, principalmente nas comemorações de casamento, nascimento de filhos e mesmo em festas tradicionais. As diferenças se apresentam nas entrelinhas dos interesses profissionais, mas, de algum modo, circulam num movimento de vai e vem.

---

[237] Depoimento de Dona Silvia Maria Vieira, em janeiro de 2004.

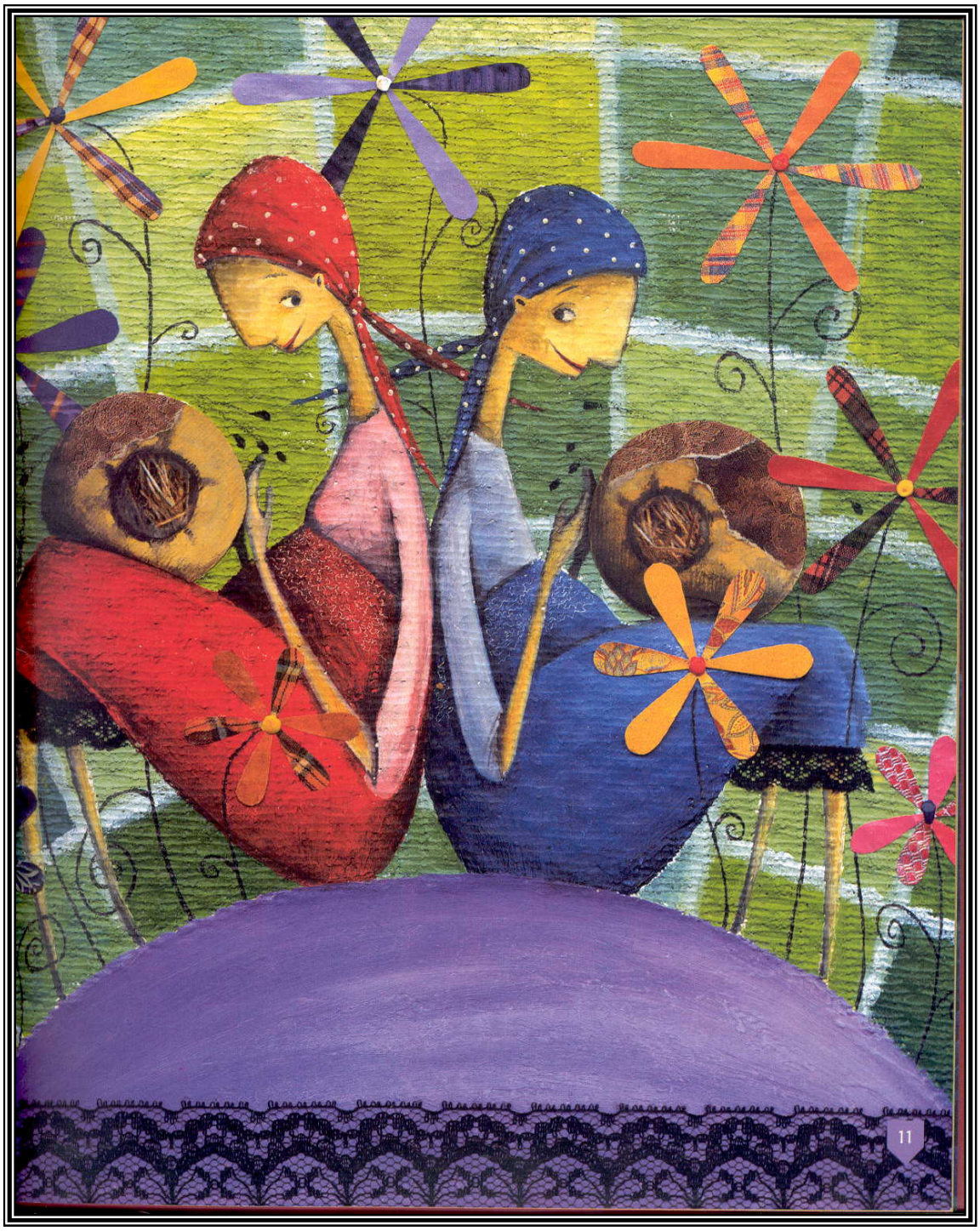


IMAGEM 29 – “ CONTOS DE RENDEIRA”. IN: NEVES; ANDRÉ. SEBASTIANA E SEVERINA. SÃO PAULO: DCL, 2002. P.11.

IMAGEM 30 – RENDA DE BILRO. AUTOR ANDRÉ PAIVA.
COLEÇÃO IMAGENS DA ILHA DE STA. CATARINA. BRASIL, 2001.

A pesquisa apresentada foi instigada pelo possível “fim” da tradição do “saber-fazer” da renda de bilros na Lagoa da Conceição. A complexidade que se construiu em meio às adversidades entre as diversas gerações, temporalidades e espacialidades foram apreendidas nos discursos que se remetem a uma adaptação à vida moderna, que vem romper com vínculos anteriormente instituídos.

Durante a trajetória da pesquisa, foi percebida uma tensão em meio às falas das depoentes. Ao mesmo tempo em que as rendeiras almejam a continuidade da tradição, não a percebem por meio das mãos de suas sucessoras, que não confeccionam as rendas de bilros ou por não terem apreendido a técnica, ou por terem se direcionado por outros rumos que as distanciaram dessa prática.

Esse movimento de ruptura pode ser percebido por meio da análise das trajetórias de vida das rendeiras entrevistadas e de suas filhas, que, de algum modo, vivenciaram em temporalidades distintas a descontinuidade no aprendizado como uma “obrigação”. A desobrigatoriedade parece ter significado em momentos diferentes uma ruptura que não significa ainda o “fim” da confecção das rendas, mas o “fim” da tradição geracional da passagem de mãe para filha do “saber-fazer”.

O sentido foi percebido pela própria questão de mudanças advindas dos padrões comportamentais em que se inscreve uma nova história na vida cotidiana das mulheres na localidade, que também segue uma trajetória de necessidades, expectativas, emoções e sentimentos em relação à tradição e à busca por novas possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

À medida que cada uma das depoentes apresentou suas perspectivas de vida de acordo com sua inserção no tempo e no espaço, foram sendo analisadas em seus encontros e desencontros na busca por outras alternativas.

Como a confecção de renda de bilros tornou-se, ao longo dos anos, não mais uma tradição, mas uma profissão, acarretou movimentos, mesmo tendo o turismo se apropriado das rendas, considerando-as um dos elementos mais significativos da cultura material dos açorianos. Algumas possibilidades surgiram com essa apropriação, que revelou o retorno de "exaltação" da cultura açoriana e a possibilidade para que novas artesãs comecem a fazer a renda.

Como a história das rendeiras passou por momentos distintos de desvalorização e valorização, houve o mesmo movimento de desinteresse e interesse na continuidade do processo. Essa ruptura não significou o "fim", mas, de algum modo, se percebeu um tempo de descontinuidade.

Algumas instituições elaboraram propostas com o intuito de preservar a técnica e a arte do "saber-fazer", como é o caso da Oficina de Rendas, oferecida pela Fundação Franklin Cascaes no Casarão da Lagoa, que parece garantir a continuidade da tradição por "outras mãos".

Os desdobramentos que se apresentaram na reflexão sobre a trajetória dessa tradição por meio das depoentes não descreveram o fim das discussões, mas o caminho para que outras possam ser escritas. Esse recorte foi o início de novas polêmicas para se verificar a tradição enquanto um começo, meio ou fim de relações identitárias que possuem o intuito de manterem laços de símbolos, significados e pertencimentos.

Olhar a tradição sem posicionar-se não foi uma tarefa simples, mas caminhou para a abertura de novas visibilidades em seus entrecruzamentos entre o passado, o presente e o futuro, sem esquecer de entender um pouco do movimento sinuoso de vai e vem, que, além de circular, apresenta-se repleto de conflitos e também de harmonias.

O turismo foi percebido como um dos relevantes meios para se continuar a confecção de renda de bilros como uma forma de sobrevivência; no entanto, da mesma forma que ele se apropria, traz mudanças, permanências, adaptações e incorporações na confecção, uma vez que as novas aplicabilidades em artigos elaborados como *souvenirs* acabam muitas vezes alterando a sua forma.

Os modismos e as novas aplicabilidades da renda também parecem garantir a sua continuidade sob outras perspectivas. As tradicionais toalhas são substituídas por roupas, acessórios e demais novidades em sua utilidade. Parece haver possibilidades para que a renda de bilros continue sendo confeccionada; o que parece mudar é a aplicação e utilização na atualidade.

Não houve a pretensão neste trabalho de se esgotar as discussões sobre a confecção de rendas, mesmo porque a sua verticalização pode ser efetivada sob outros temas. Pode-se dizer que também não foi efetivada uma análise de todas as rendeiras da localidade e nem da região, que de formas diferentes percebem a tradição.

Muitos são ainda os lugares onde existem rendeiras, tanto em Santa Catarina como em outras regiões. Essa reflexão se ateve em especial aos recantos da Lagoa e, após cerca de cinco anos de investigação, não se conseguiu concluir o “fim” do processo como algo terminado. Percebeu-se que houve um momento nas trajetórias das filhas das rendeiras entrevistadas em que se rompeu o ensinar a fazer rendas e, com isso, terminou a transmissão geracional, que era passada de mãe para filha aos seis ou sete anos de idade.

Pôde-se notar que algumas das rendeiras ensinaram suas filhas a confeccionar as rendas, embora estas não queiram continuar o processo, o que denota uma mudança no sentido, pois as que aprenderam a fazer e não deram

continuidade passam a ter outra conotação daquelas que sequer aprenderam. Aprendendo ou não, houve o desinteresse em continuar fazendo, principalmente porque elas não querem ter a função de rendeira como uma profissão.

Ainda pode haver outras mudanças com o passar dos anos, haja vista as iniciativas que estão sendo tomadas, como as propostas da Fundação Franklin Cascaes, da Casa dos Açores e de outras que almejam a preservação. Com incentivos por parte do poder público ou privado, poderá ainda haver a continuidade. No entanto, até o momento, as mulheres que continuam fazendo rendas têm idade entre 50 e 90 anos.

Por não terem sido encontradas rendeiras com idade inferior a 50 anos de idade, verificou-se o desencadear do desaparecimento das rendas, mas, como o processo também possui um movimento circular, essa questão pode vir a ser modificada no futuro.

Com essas considerações, pretende-se abrir espaço para novas pesquisas e visibilidades na trajetória destas e de muitas outras mulheres que, sem dúvida, apresentam histórias e memórias sobre a tradição do “saber-fazer” renda de bilros que devem ser escritas e lembradas.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral.* 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. Identidades e Diversidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXIII. Ed. ANPUH, CD-ROM, Londrina – PR, 2005.

ARANTES, Antonio A . *O Espaço da Diferença.* Campinas, SP: Ed. Papirus, 2000.

BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETO, Margarita (orgs.). *Turismo e Identidade Local- Uma visão antropológica.* Campinas, SP: Ed. Papirus, 2001.

BARRETO, Margarita. *Turismo e Legado Cultural.* Campinas, SP: Ed. Papirus, 2000.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. *Açorianos no Brasil: história, memória, genealogia e historiografia.* Porto Alegre: Ed. EST, 2002.

BAUER, Carlos. *Breve História da Mulher no Mundo Ocidental.* São Paulo: Edições Pulsar, 2001.

BECK, Anamaria. *Trabalho Limpo: a renda de bilro e a reprodução familiar.* Florianópolis: Ed. Imprensa Universitária, 1983.

BERGER, Peter. *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento.* Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1985.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.* São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BORGES, Elaine; SCHAEFER, Bebel Orofino*. Vozes da Lagoa.* Florianópolis: Ed. Fundação Franklin Cascaes; Fundação Banco do Brasil, 1995.

BOSI, Alfredo. *Tradição - Contradição. Cultura Brasileira.* Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zaha, 1972.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de Operárias.* Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1986.

_____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* 3ªed. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico: Memória e Sociedade.* Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

BRANCHER, Ana. AREND, Silvia Maria Fávero (orgs.). *História de Santa Catarina no século XIX.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (orgs.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil.* São Paulo: Ed. Marco Zero, Fundação Carlos Chagas, 1994.

_____; PINTO, Céli Regina (orgs.). *Tempos e lugares de gênero.* 34ªed. São Paulo: Ed. FCC, 2001.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. Cultura Material. In: *Homo Domesticação, Cultura Material. Enciclopédia Einaudi.* vol.16. Tradução de Rui Santana. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

BURITY, Joanildo A. (org.). *Cultura e Identidade: Perspectivas Interdisciplinares.* Rio de Janeiro: Ed. DP & A, 2002.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.* 3º ed. São Paulo: Ed. EDUSP, 2000.

CARLOS, Ana Fani A. *A cidade.* 7ªed. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

CARNEIRO, Glauco. *Florianópolis: roteiro da ilha encantada.* Florianópolis: Ed. Expressão, 1987.

CARUSO, Mariléia M. Leal; CARUSO, Raimundo. *Mares e Longínquos Povos dos Açores.* 3ªed. Florianópolis, SC: Ed. Insular, 1996.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. *Cotidiano :Conhecimento e Crítica*. 4ªed. São Paulo: Ed. Cortez, 1996.

CASCAES, Franklin Joaquim. *Franklin Cascaes; vida e arte e a colonização açoriana.* Entrevistas concedidas e textos organizados por Raimundo Caruso. Florianópolis: Ed. UFSC, 1981.

CASCUDO, Luis Câmara. *Jangada: uma pesquisa etnográfica.* 2ªed. São Paulo: Ed. Global, 2002.

_____. *Rede de Dormir: uma pesquisa etnográfica.* 2ªed. São Paulo: Ed. Global, 2003.

CERTEAU, Michel de*. A invenção do cotidiano. 1. Artes de Fazer.* Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1994.

_____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre*. A invenção do cotidiano. 2. Morar, Cozinhar.* Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996.

_____. *A Cultura no Plural.* Campinas, SP: Ed. Papirus, 2003.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações: Memória e Sociedade.* Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A.,1990.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Ed. UNESP, 2001.

COUTINHO, Ana Lúcia. *Florianópolis Ilha Açoriana.* Florianópolis, SC: Ed. Mares do Sul, 1998.

CRUZ, Olga*. A ilha de Santa Catarina e o continente próximo: um estudo de geomorfologia costeira.* Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.

CURRY, Isabelle. *Cartas Patrimoniais*. 2ªed. Rio de Janeiro: Ed. IPHAN, 2000.

DALCAS TAGNÈ, Regina. *Tramóia: história de rendeiras.* Florianópolis, SC: Ed. Insular, 1998.

DELGADO, Dídice; CAPPELLIN, Paola; SOARES, Vera. *Mulher e Trabalho: experiências de ações afirmativas.* São Paulo: Ed. Bom tempo, 2002.

DEL PIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil.* 5ªed. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

_____. *Histórias do Cotidiano.* São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

DIEHL, Astor Antonio. *Cultura Historiográfica: Memória, identidade e representação.* Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2002.

FREIRE, Cristina. *Além dos Mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo.* São Paulo: Ed. SESC, 1997.

FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Ed. Olho dágua, 2004.

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. *Renda de Bilros, Renda da Terra, Renda do Ceará: A expressão artística de um povo.* São Paulo: Ed. Annablume, 2002.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Povoadores da fronteira: os casais açorianos rumo ao sul do Brasil.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

FOCCILLON, Henri. *A Vida das Formas: Seguido do Elogio da Mão.* Lisboa, Portugal: Ed. 70, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.). *Turismo e Patrimônio Cultural.* São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

FUNARTE. *Instituto Nacional do Folclore: rendas. 2*ªed. Rio de Janeiro, 1986.

GARCIA JUNIOR, Afrânio; HEREEDIA, Beatriz. *Trabalho Familiar e Campesinato*. In: Revista América Latina, nº14, 1971.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Edições 34; RJ: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro. Perseguido pela Inquisição.* São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro. *Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2000.

GRANDO, Sérgio. *Florianópolis de todos.* Florianópolis: Ed. Insular, 2000.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diáspora. In: RUTHERFORD, Jonathan (org.). *Identity Community, Culture, Difference.* London: Ed. Lawrence & Wishart, 1990.

_____. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. 4ªed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. BH: Editora UFMG, Brasília: Ed. Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

HARO, Martim Afonso Palma de. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX.* Florianópolis: Ed. UFSC, Ed. Lunardelli, 1996.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história.* São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

HERSKOVITS, Melville J. *Antropologia Cultural. Man and his works.* São Paulo: Mestre Joel Editora, 1963.

HILDESHEIMER, Françoise. L'histoire se fait avec des documents. *In: Introduction à L'histoire.* Paris: Ed. Hachette, 1994.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história.* São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1998.

_____; RANGER, Terence. *A invenção das tradições.* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.

HOGGART, Richard. *As Utilizações da Cultura: Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. São Paulo: Ed. Coleção Questões; Ed. Presença, 1973.

KUHNEN, Ariane*. Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação.* Florianópolis: Ed. Cidade Futura, 2002.

LAGO, Mara Coelho de Souza. *Modos de vida e identidade: Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina.* Florianópolis, SC: Ed. UFSC, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar,1996.

LE GOFF, Jaques. *Por amor às cidades.* São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. *História e memória. II volume Memória*. Lisboa, Portugal: Ed. 70, 2000.

_____. *A história nova.* São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

LIMA, Rossini Tavares de. *A ciência do folclore.* São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

LIMA, Rui de Abreu; LIMA, Eglantine Morais de. *Artesanato tradicional português. II – Açores.* Açores, Portugal: Secretariado de Lisboa Capital do Artesanato, 1996.

LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes.* Florianópolis: Ed. UFSC; 2003.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil.* São Paulo: Ed. Hucitec, 2001.

LODY, Raul. *Patrimônios Culturais Tradicionalmente Consagrados. Por Quem? Ou Patrimônios do Povo. Tradicionalmente Consagrados pelo Símbolo e pelo Uso. O caso do Artesanato/ Arte Popular.* Comunicado Aberto 33, USP-SP, novembro de 1999.

LUZ, Aujor Ávila da. *Santa Catarina, quatro séculos de história. XVI ao XIX.* Florianópolis: Ed. Insular, 2000.

MAGALHÃES, M. M. de S. Calvet de. *Bordados e rendas de Portugal.* Portugal: Ed. Vega, 1995.

MAIA, Isa. *O artesanato da renda no Brasil.* João Pessoa: Ed. Universitária, 1980.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné – Melanésia.* São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1976.

MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos – Bruxas e Bruxarias na Lagoa da Conceição.* Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1993.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução.* 5ªed. São Paulo: Ed. Atlas, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher.* São Paulo: Ed. Edusc, 2000.

_____. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2002.

_____. *Trama e poder: um estudo sobre as indústria de sacaria para o café (1888-1934).* 5ªed. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2002.

_____; SOIHET, Rachel (org.). *O corpo feminino em debate.* São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MCCRACKEN, Grant. *Cultura e consumo: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo.* Rio de Janeiro: Ed. MAUAD, 2003.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Jovens Portugueses: Histórias de Trabalho, Histórias de Sucessos, Histórias de Fracassos.* In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2000.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. *Memória e Cultura Material. Documentos Pessoais no Espaço Público.* vol.11, n.21. Rio de Janeiro: Ed. Estudos Históricos, 1998.

MEGALE, Nilza B*. Folclore brasileiro.* 3ªed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2001.

MEIHY, José Carlos Seb. *Manual de história oral.* 4ªed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Liliana Cabral (orgs*.). Identidades: recortes multi e interdisciplinares.* Campinas, SP: Ed. Mercado de Letras, 2002.

MONICA, Laura Della. *Turismo e Folclore: Um binômio a ser cultuado.* 2ªed. São Paulo: Ed. Global, 2001.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada.* 3ªed. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

MORGA, Antônio Emílio (org.). *História das mulheres de Santa Catarina.* Chapecó - SC: Ed. Argos, 2001.

MOURA, Eugenia Marcondes de (org.). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações.* São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

NEWTON, Dolores. Cultura Material e História Cultural. In: *Suma Edtnológica Brasileira*. vol.2. FINEP, Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

NOVAIS, Silvia Caiuby. *Jogo de Espelhos: Imagens da Representação de Si através dos Outros.* São Paulo: Ed. da USP, 1993.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização.* São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1996.

OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: Uma crítica à indústria pós-moderna*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *As muitas faces da história.* São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

PASSAMAI, Marcelo. *Descobrindo Açores.* Florianópolis: Ed. Insular, 1999.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe.* 2ªed. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.

PELUSO JUNIOR, Victor. Anexo: A Ilha de Santa Catarina no Ultimo Quartel do Século XX. (ano 1984). In: VARZEA, Virgílio. *Santa Catarina: A Ilha.* Florianópolis: Ed. IOESC, 1984.

PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de emigração (1850 – 1930).* Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2002.

PEREIRA, Nereu do Vale. *Ribeirão da Ilha – vida e retratos: um distrito em destaque.* Florianópolis: Ed. FFC - Fundação Franklin Cascaes, 1990.

_____. *Contributo Açoriano para a construção do Mosaico Cultural Catarinense: Coletânea de trabalhos do autor versando a presença do português açoriano na Ilha de Santa Catarina.* Florianópolis, SC: Ed. Papa-Livro, 2003.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas.* São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

_____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.* 3ªed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (orgs.). *A História Nova*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

PIAZZA,Walter F. *A Epopéia Açoriana (1748-1756): Influência Cultural dos Açores em Santa Catarina.* Florianópolis, SC: Ed. Conselho Estadual de Cultura, 1987.

_____. *A Epopéia Açórico-Madeirense 1747-1756*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC; Ed. Lunardelli,1992.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da cidadania.* São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

PINTO, Eduardo. *As Guardiãs da Renda*. Rio de Janeiro: Ed. Série Nossas Coisas, 1978.

PIRES, Maria Coeli Simões. *Da Proteção ao Patrimônio Cultural: o tombamento como principal instinto.* Belo Horizonte: Ed. Del Rey, 1994.

PIRES, Mário Jorge*. Lazer e Turismo Cultural*. São Paulo: Ed. Manole, 2001.

POERNER, Arthur José. *Identidade Cultural na Era da Globalização*. RJ: Ed. Revan, 2000.

PONTY-MERLEAU, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Ed, Martins Fontes, 1999.

PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: Ed, EDUC, vários anos (1998,1999,2000, 2001,2002,2003,2004). N. 5,16,17,18,19,20,21,22,23,24,25,26,27.

RAMOS, Arthur. RAMOS, Luiza. *A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil.* Rio de Janeiro: Ed. Publicações de Etnografia e Etnologia, 1948.

RATTNER, Henrique (org.). *Brasil no limiar do século XXI. Alternativas para a construção de uma sociedade sustentável.* São Paulo: Ed. EDUSP, 2000.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história.* São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

RIVIÈRE, Claude. *Introdução à antropologia.* Lisboa: Ed. 70, 1995.

ROBERTS, J.M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2000.

ROCHA, Maria Isabel Baltar (org.). *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios.* Campinas: Ed. ABEP, NEPO - UNICAMP e CEDEPLAR - UFMG. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ROCHE, Daniel. *História das Coisas Banais*. São Paulo: Ed. Rocco, 2000.

ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAM PHERE, Louise. (orgs.). *A Mulher, a cultura e a sociedade.* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

RUGIU, Antônio Santoni. *Nostalgia do mestre artesão.* Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1998.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina.* BH, Itatiaia; SP: Ed. EDUSP, 1978.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Espacialidades e Temporalidades Urbanas. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. *Dilemas Urbanos: Novas Abordagens sobre a Cidade.* São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *As Mulheres, o poder e a família*. São Paulo, Século XIX. SP: Ed. Marco Zero, 1989.

_____. *Trabalho feminino e cidadania.* São Paulo: Ed. Humanitas; FFLCH - USP, 1999.

_____. *Historiografia brasileira em debate: olhares, recortes e tendências.* São Paulo: Ed. Humanitas; FFLCH -USP, 2002.

SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria.* São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.* São Paulo: Ed. da USP, 2002.

SANTOS, Sílvio Coelho dos (org.). *Santa Catarina no século XX: ensaios e memória fotográfica*. Florianópolis: Ed. UFSC; FCC Edições, 2000.

SARLO, Beatriz. Um Olhar Político em Defesa do Partidarismo na Arte. In: *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Ed. EDUSP, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade.* São Paulo: Ed. da USP, 1998.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. *Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.

SOARES, Doralécio*. Do artesanato e sua proteção: rendas da Ilha de Santa Catarina (Florianópolis).* 3º Congresso Nacional de Folclore, Salvador, Bahia, Florianópolis, julho de 1957.

_____. *Folclore Brasileiro: Santa Catarina. (Florianópolis).* Rio de Janeiro: Ed. FUNARTE, 1979.

_____. *Rendas e rendeiras da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. F.C.C., 1987.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1996.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina, Séculos XVIII e XIX.* Florianópolis: Ed. IOESC, 1981.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral.* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em História.* São Paulo: Ed. Ática, 2003.

VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.* Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 1999.

WARNIER, Jean Pierre. *A mundialização da Cultura*. Bauru, SP: Ed. Edusc, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: Na História e na Literatura.* São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989.

_____. *Cultura.* São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

YÁZIGI, Eduardo. *O mundo das calçadas: por uma política democrática de espaços públicos.* São Paulo: Humanitas; FFLCH - USP, Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ZOLADZ, Rosza W. *Cultura material: a celebração da etnografia.* Comunicação à XXI Reunião Brasileira de Antropologia/ABA. Vitória: Ed. UFES, 1998.

TESES E DISSERTAÇÕES:

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Artefato: O sistema doméstico na perspectiva da cultura material.* São Paulo, 1870-1920. Tese, Doutorado, USP-SP, 2001.

DUARTE, Claudia Renata. *História e Cultura Material: A Tecelagem no Triângulo Mineiro.* Dissertação, Mestrado em História, PUC-SP, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. *Cartografias dos Estudos Culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini.* Tese, Doutorado da ECA, USP-SP, 1999.

FLEURY, Catherine Arruda E. *Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo.* São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

LACERDA, Eugenio Pascele. *O Atlântico Açoriano: Uma Antropologia dos Contextos globais e Locais da Açorianidade.* Tese, Doutorado em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2003.

LUCENA, Célia Regina P. de Toledo. *Refando Trajetórias: Memórias de Migrantes Mineiros em São Paulo. (Jardim Barbacena, 1960-1995).* Tese, Doutorado em História, PUC-SP, 1997.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular e Desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985).* Tese, Doutorado, USP-SP, 1998.

SILVA, Alice Inês de Oliveira e. *Rendas, Babados, Bilros e Crochês: A Construção Social da Mulher de Prendas Domésticas.* Dissertação, Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP, 1985.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. *A Arte de Viver no Médio Jequitinhonha - MG. Décadas de 1970 a 1990.* Dissertação, Mestrado em História, PUC - SP, 2002.

SILVA, Maurício Ribeiro da. *Espaço e Cultura: Uma leitura semiótica da cidade.* Dissertação, Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2000.

SILVA, Zélia Maria Pereira da. *O fio mágico das rendeiras: a ação política das mulheres na redefinição das relações de gênero.* Tese, Doutorado em Serviço Social, PUC-SP, 1992.

ZANELLA, Andréia Vieira. *O Ensinar e o Aprender a Fazer Renda de Bilro: Estudo sobre a apropriação da atividade na perspectiva histórico-cultural.* Tese, Doutorado em Psicologia da Educação, PUC-SP, 1997.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

http://www.itajaisc.hpg.ig.com.br/açorianos.html. A Imigração Açoriana para o Sul do Brasil. Pesquisa em 11/11/02.

http://www.estudosdamulher.com.br. Diferença Salarial. Pesquisa em 15 de junho de 2004.

http://www.nea.ufsc.br/mapeamento.php. Mapeamento Cultural de Santa Catarina. Pesquisa em 03/02/04.

http://www.oeste.online.pt/noticias.asp?nid=3805. Rendas de Bilros no vestuário. Pesquisa em 31/03/04.

http://www.an.com.br/ancapital/2000/mar/29/. Rendeiras da Lagoa buscam diversificação. Pesquisa em 31/03/04.

http://www.naya.org.ar. Rendas e Rendeiras da Lagoa da Conceição em Florianópolis – Artesanato como principal elemento do patrimônio cultural. IIº Encuentro Regional de Turismo Cultural. San Salvador de Jujuy 17 agosto del 2002. Argentina.

http://www.ipuf.sc.gov.br. IPUF- Diversas Pesquisas Fundação Franklin Cascaes - Histórico e Atividades. Pesquisa em 06/07/2004.

http://www.pmf.sc.gov.br/franklincascaes. Pesquisa em 02/06/2004.

BOLETINS FOLCLÓRICOS:

Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Ano XXXI – Nº 47 – Ano 1995. Florianópolis, SC: IOESC.

Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Ano XXXVII – Nº 53 – Ano 2001. Florianópolis, SC: IOESC.

FONTES ESCRITAS:

ACERVO DO INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS:

Inventário Histórico/ Arquitetônico do Caminho da Costa da Lagoa - março de 1985 - baseado no Projeto de Tombamento do caminho da Costa da Lagoa: levantamento de campo nos meses de dezembro de 1984 e janeiro de 1985 e consultados os antigos moradores da Costa da Lagoa. In: INVENTÁRIO Histórico Arquitetônico do caminho da Costa da Lagoa. Florianópolis: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, 1985.

VEIGA, Eliane Veras da. *Histórico do Município de Florianópolis*. Florianópolis: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis,1991.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS:

Lei n. 12.292, de 22 de junho de 2002. Documento Legal que estabelece o dia estadual da Cultura Açoriana no Estado de Santa Catarina. Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

ACERVO DA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES – CASA DA MEMÓRIA.

JORNAIS:

A Notícia – (1998).
O Estado – SC (1997-1998).
ANCAPITAL – SC (1997, 1998).
Jornal da Lagoa – (1996 - 1999).

FONTES ORAIS:

DONA NORMÉLIA BARCELOS: rendeira natural da Lagoa da Conceição – Entrevistada em 2001, 2003 e 2004.

DONA SILVIA MARIA VIERIA: rendeira natural da Lagoa da Conceição – Entrevistada em 2001, 2003 e 2004.

DONA ZALIÁ FRANCISCA LAUREANO: rendeira natural da Lagoa da Conceição- Entrevistada em 09/01/2004.

DONA CÉLIA DE SANTANA: Rendeira natural da Barra da Lagoa – Entrevistada em janeiro de 2004.

DONA FRANCELINA DORVALINA MARTINS: rendeira do Canto da Lagoa - Entrevistada em janeiro de 2004.

DONA ZUMA MARIA MATIAS: Nasceu no dia 14/11/1948 na Lagoa da Conceição, possui uma loja na Avenida das Rendeiras n.º 1140. Entrevistada em julho de 2001.

DONA ELIAS JOAQUINA DUARTE: Nasceu no dia 23/10/1926 na Lagoa da Conceição, possui uma loja na Avenida das Rendeiras nº 1766. Entrevistada em julho de 2001.

DONA TEREZINHA FILOMENA FIGANICO: Nasceu no dia 17/08/1954 na Lagoa da Conceição e possui uma loja na Avenida das Rendeiras nº688. Entrevistada em julho de 2001.

DONA DELORME MARIA CORREIA : Nasceu no ano de 1952 na Lagoa da Conceição e possui uma loja na Avenia das Rendeiras nº 1772. Entrevistada em julho de 2001.

DONA VANI VIEIRA: Diretora do Casarão da Lagoa – Entrevistada em 04 de novembro de 2001.

CRISIANE VIEIRA: Nasceu em 1984 é filha de rendeira e concedeu entrevista em julho de 2001.